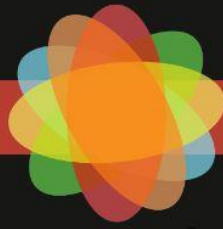


SIP 2024.02



ppgl
PPGL

TRABALHOS APRESENTADOS

TURMA MESTRADO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES (DLA)

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES (PPGL)**



Reitor

Alessandro Fernandes de Santana

Vice-Reitor

Maurício Santana Moreau

Diretora do DLA

Élida Paulina Ferreira

Coordenador do PPGL

Rogério Luid Modesto dos Santos

Vice-coordenador do PPGL

Isaías Francisco de Carvalho

Secretária do PPGL

Jade Costa

Patrícia Silva dos Anjos

Diagramação dos Cadernos de Resumo

Ana Paula Garcia Boscatti

Comissão Organizadora

Ana Paula Garcia Boscatti (Linha C)

Natasha Santana da Silva (Linha A)

Rebecca Pinto Bolaños (Linha B)

Kauanne Almeida dos Santos (Linha C)

SUMÁRIO

SUMÁRIO	3
APRESENTAÇÃO	5
LINHA A	6
O CANTO DELAS POR ELAS	7
A CONDIÇÃO DA MULHER DA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA	16
POESIA NEGRO-FEMININA	24
A REPRESENTAÇÃO DA FOME NA OBRA O QUINZE	32
A PALAVRA COMO RESISTÊNCIA	40
RELAÇÕES DE PODER-GÊNERO À LUZ DOS CONCEITOS DE EROS	45
LINHA B	54
O EMOCIONAR CRÍTICO EM TEMPOS DE BARBÁRIE NEOLIBERAL.....	56
A ARGUMENTAÇÃO DE RACIONALIDADE PRÁTICA NA POLÊMICA SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO	67
O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FORMAÇÃO ANTIRRACISTA	76
PRODUÇÃO LINGUÍSTICA, PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA E AVALIAÇÃO SOCIAL DAS FORMAS NÓS E A GENTE EM ILHÉUS/BA	85
EMOÇÕES E LINGUÍSTICA APLICADA VERDE.....	94
FASCISTIZAÇÃO DA LINGUAGEM EM CONTEXTOS DIGITAIS	104
PLURILINGUISMO E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS.....	113
LINHA C	121
PROTAGONISMO NEGRO EM OBRAS ADAPTADAS	122
TENSIONAMENTOS DOS SENTIDOS DE MORTE E VIDA NAS HQS ORIXÁS RENASCIAMENTO, DO ORUM AO AYÊ E IKU	130
REDES SOCIAIS E O CU	138

“TOMA AÍ UM POEMA”	142
CONFIGURAÇÕES (AUTO)BIOGRÁFICAS EM HAVERÁ FESTA	150
(PER)VERSÕES DA VILANIA	157
REDE SOCIAL COMO INSTRUMENTO LINGUÍSTICO EVENTUAL	166
A MORTE DO VERÃO	175
PERFORMANCE E STREAMING	183

APRESENTAÇÃO

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) é uma atividade de participação obrigatória curricular do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC), prevista em seu regimento interno, e é pré requisito para a realização do Exame de Qualificação das dissertações e teses em andamento. A aprovação no SIP não se dá por nota, mas pelo conceito “Aprovação em Atividade”, condicionada unicamente à participação de discentes e à apresentação das atividades solicitadas pela comissão organizadora. Atualmente, o SIP é realizado no primeiro semestre, reunindo as pesquisas desenvolvidas por pessoas doutorandas, e, no segundo semestre, com os trabalhos de pessoas mestrandas. Esses são momentos em que é possível compartilhar e discutir as pesquisas em desenvolvimento por discentes do PPGL-UESC. Desde 2016, as programações e os resumos do SIP são disponibilizados na página do programa, contribuindo, desse modo, para uma relação de transparência com a comunidade e um aumento da visibilidade do conhecimento produzido pelo corpo discente e docente, com impacto positivo para os mecanismos de avaliação externa do PPGL/UESC. Neste semestre, as discussões e apresentações serão realizadas em três encontros e de modo remoto, via Google Meet, em 14, 15 e 16 de janeiro de 2025, sendo o primeiro dia para as linhas de pesquisa A (manhã e tarde), o segundo dia para a linha B (manhã e tarde) e o terceiro dia para apresentações da linha C (manhã e tarde).

RESUMOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS

LINHA A

Literatura e Interfaces

Em perspectiva
interdisciplinar,
as pesquisas
privilegiam
produções
literárias e
representações
em zonas de
diálogo com a
história, a
memória e as
relações étnico-
raciais,
transitando por
perspectivas
teórico-críticas
que
problematizam
saberes/podere
s hegemônicos.

O CANTO DELAS POR ELAS: MULHERES NEGRAS NO RAP BRASILEIRO

Ana Kariny Santos de Jesus¹

Paulo Roberto Alves dos Santos (orientador)²

APRESENTAÇÃO

A música é uma linguagem fundamental da experiência humana, atuando não apenas como meio de comunicação, mas também como veículo de expressão cultural, histórico e político. O presente projeto de pesquisa tem como objeto de estudo compreender como se dá o processo dialógico das teorias do lugar de fala e do lócus de enunciação, na construção de identidades e representações de grupos marginalizados pela sociedade, a partir das contribuições musicais das rappers MC Soffia e Negra Li. Essa tônica nasce em um contexto social onde o campo musical busca construir não somente uma identidade ou expressão negro-brasileira, como também construir uma formapoética e resistente, através de vozes negras que se impõem na sociedade em meio a um sistema de opressão, visibilidade e marginalização.

Essas rappers incorporam a teoria do Lugar de Fala e Lócus de Enunciação, Interseccionalidade, Empoderamento, entre outras teorias em suas músicas, como também, as promovem por meio de suas ações e discursos públicos, suscitando debates sobre justiça racial, igualdade de gênero e outras questões fundamentais para a sociedade. O rap, dentro do cenário do Hip-hop, é uma forma de dar voz às comunidades marginalizadas, que são, reiteradamente, silenciadas, expressando dores, saaflições, desejos e anseios para o futuro, mas, principalmente, para o presente. Essas vozes representam a diversidade brasileira de culturas, oferecendo, portanto, uma visão substancial sobre as experiências das comunidades negras. Outro aspecto importante a ser considerado é o impacto das músicas de Negra Li e MC Soffia nas novas gerações, uma vez que são modelos e inspirações para muitos jovens que se identificam com suas letras, suas experiências e suas lutas diárias.

Dessa forma, ao explorar a intersecção entre letras de músicas e sua representação na literatura contemporânea, esta pesquisa pretende apresentar questões fundamentais

¹ aksjesus.ppgl@uesc.br

² pauloroberto3031@uol.com.br

sobre a formação de identidades e a construção de narrativas, reafirmando a literatura como um espaço privilegiado para o diálogo sobre a multiplicidade de vozes na sociedade brasileira contemporânea.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar como as teorias do Lugar de Fala e Lócus de Enunciação se fazem perceber nas letras e práticas musicais das rappers Negra Li e MC Soffia.

Objetivos específicos

- Avaliar os temas recorrentes relacionados a questões de identidades, representação e opressão nas letras de músicas, e entender como as práticas musicais de Negra Li e MC Soffia contribuem para a ampliação dessas múltiplas vozes;
- Analisar como Negra Li e MC Soffia utilizam suas experiências de vida para construir suas músicas;
- Discutir as teorias Lugar de Fala e Lócus de Enunciação para compreender como se dá o processo de construção de identidades na representação de grupos marginalizados.

JUSTIFICATIVA

Como justificativa para este projeto, é essencial começar por uma análise das teorias do Lugar de Fala e do Lócus de Enunciação, de como se relacionam com a música e as culturas contemporâneas para justificar a relevância desse enfoque. Diante disso, observamos que as experiências de vida de cada pessoa têm um impacto profundo na sua perspectiva e na sua capacidade de se expressar de forma autêntica.

Quando aplicamos essas teorias às canções, podemos observar como a vida dos artistas influenciam as letras, os temas e os estilos musicais. Negra Li e MC Soffia, trazem questões como política, racismo, desigualdade social, machismo, empoderamento feminino, de forma autêntica em suas composições, uma vez que essas questões estão profundamente ligadas às suas experiências pessoais. Ao estudar as teorias propostas, a partir das performances musicais destas cantoras, estamos proporcionando a abertura de

muitas portas para uma abordagem mais analítica, aprofundada e interdisciplinar das culturas contemporâneas.

As músicas, criadas a partir das experiências dessas artistas, apresentam uma possibilidade de diálogo importante para discutir as questões de raça, gênero, diversidade, igualdade e justiça social, inspirando as novas gerações e ativistas negros. Dito isso, é de suma importância reconhecer que as letras de músicas das artistas MC Soffia e Negra Li, segundo Camargos (2019, p. 131) o rap é um conjunto de valores que devem ser vinculados a cultura de rua voltadas ao espaço público, que é aberta a solidariedade, irmandade, autoconhecimento e valorização dos sujeitos que se encontram nas margens da sociedade. Desta forma, compreendemos que essa análise permite examinar como as letras de músicas podem ser um instrumento potente de expressão e mobilização social/cultural, já que são artistas que incorporam, de forma consciente ou inconsciente, essas teorias em seus trabalhos e, por isso, têm um impacto significativo na sociedade brasileira.

APARATO TEÓRICO

No que diz respeito à identidade, representação e poder, a teoria do Lugar de Fala (Ribeiro, 2017) surge como um conceito essencial, popularizado no Brasil a partir do estudo e publicação do livro da autora. No domínio da música, essa teoria se manifesta através de letras. A expressão cultural e das artes deu origem a ideias não convencionais na literatura contemporânea, proporcionando uma plataforma para vozes marginalizadas. Para Moura e Almeida (2019, p. 21)

a música se revela como um campo com grande potencial informativo, logo rico em possibilidades significativas. Seu potencial informativo pode ser encontrado em forma de documentos e registros, assim como na forma de interpretação, o que a leva ao campo da subjetividade, onde os significados são observados considerando fatores sociais, cognitivos ou outro que se apresente à mente humana. A música é um campo abrangente e que apresenta além de informações descritivas e documentais, elementos subjetivos, cujos significados estão relacionados ao campo do conhecimento e ao contexto em que está inserido.

Desta forma a música, em particular, possui um potencial educativo significativo e pode servir como meio de expressão artística, de modo que quanto mais simpaticamente conseguir alcançar a sensibilidade humana, existirá uma maior flexibilidade e adaptabilidade destas ideias.

As rappers Negra Li e MC Soffia emergiram como uma força crescente na indústria musical, revolucionando a expressão poética em música, ao trazerem para o

centro das suas narrativas questões de raça, gênero e identidade. Suas letras discutem questões profundas sobre empoderamento feminino negro, racismo, ancestralidade, vivências pessoais e da própria comunidade. Sua forma de abordagem e de se comunicar com a juventude, através de suas músicas conscientizando politicamente, promovem a quebra de estereótipo de que no rap só se fale de violência.

Diante disso, este projeto de pesquisa busca aprofundar a teoria do lugar de fala e como ela reflete nas composições musicais dessas artistas brasileiras. Em última análise, o objetivo é descobrir como essas rappers contribuem para práticas educativas que se posicionam contra o racismo

Entretanto, devo salientar que nos últimos desde a publicação do livro *Lugar de fala*, de Djamila Ribeiro, em 2017, a teoria vem sendo alvo de esvaziamento fora do campo do conhecimento, sendo facilmente transformada ao bel-prazer daqueles(as) que a usam para satisfazerem julgamentos pessoais, como deturpar seu real valor, por ativistas, comentaristas e intelectuais, que questiona principalmente o debate sobre raça, identidade e poder no Brasil. De forma, que não cabe somente entender o que seja lugar de fala, como compreender outros campos como enunciação, o corpo racializado e como a linguagem é construída a partir da junção desses campos.

Para entendermos o processo de construção da letra de música e sua ressonância social, é necessário partir do princípio de quem é esse sujeito/corpo criador e onde se localiza na sociedade. E para tal conclusão, devemos diferenciar lugar de fala para enunciação, sendo elas duas teorias bases para a construção de sentido deste projeto. Nascimento (2021), diferencia os dois conceitos de forma primorosa, sendo *lócus de enunciação* uma leitura que aborda de forma mais específica contextos sociais e históricos, tornando-se assim “cada enunciação é inédita e irrepetível”. O próprio Nascimento (2021) exemplifica ao trazer uma visão suleada como *lócus de enunciação* para discutir questões de tons globais ou europeus, de maneira que o conceito está voltado para a localização social e cultural do sujeito que fala.

Em contrapartida, Nascimento (2021) destaca que lugar de fala se refere a vozes e experiências vivenciadas por diferentes grupos sociais, dando ênfase no que diz respeito à raça, gênero e à classe. Sendo assim, a teoria do lugar de fala pensado por Ribeiro (2017) busca compreender a responsabilidade e a legitimidade de que fala em determinados contextos.

A interligação entre esses conceitos permite analisar a construção das relações sociais como de poder. Nascimento (2021, p. 05) destaca que

é possível recuperar o debate de **lugar de fala** pelo debate de **lôcus de enunciação** porque, ao defender a questão pós-colonial mais do que uma área, mas como um **lôcus** onde se dá a **enunciação**, o estudioso precisa a importância de se ouvir as vozes que já falam naquele lugar e que, portanto, têm seu **lugar de fala** e **lôcus de enunciação** a levados em conta. A fala, que vai ser levada em conta, pode produzir novos **lôcus de enunciação**. Assim, adicionamos também que, se analisado, o **lôcus de enunciação** também pode levar ao surgimento de novos **lugares de fala**, inclusive daqueles racializados.

Esses dois conceitos são facilmente encontrados em letras de músicas, abordando questões de identidade, gênero, raça e questões do âmbito social. Pois os artistas buscam se posicionarem relação ao que falam, exprimindo assim suas vivências por meio do canto.

Por exemplo, as cantoras de rap frequentemente dispõe de suas canções para expressar sua realidade e se afirmar, determinando o **lôcus de enunciação** que vai refletir suas vivências. A partir desse ponto é possível evidenciar o lugar de fala, visto que se dialoga a partir de uma determinada identidade e suas experiências, que são únicas, para denunciar, questionar e refletir narrativas dominantes.

Nesse sentido, as letras de música se baseiam em discursos de luta e resistência, como no rap, enfatizando a importância de marcar as vozes, que na maioria das vezes são silenciadas. Este uso consciente da linguagem fortalece a intersecção entre **lôcus de enunciação** e lugar, permitindo uma crítica social mais forte.

Saliento que o projeto parte do processo de análise de letras de música, desconsiderando uma parte do seu tudo, ritmo e melodia. Cicero (2017) enfatiza que o “poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio”, enquanto a letra de música é “heterotélica”, não tem o seu fim em si própria. Entretanto, quando falamos de música popular brasileira, entendemos

a música popular brasileira comporta um repertório variado de estilos musicais que possui forte conexão com a cultura local. Legitima-se, portanto, como expressão que ganha caráter de tradição e promove registros subjetivos da organização social vigente. Mais que em qualquer outra expressão cultural, é na música que se pode vivenciar a presença das variadas vertentes étnicas que formam o Brasil, seja pelas letras que falam do cotidiano ou pela origem dos sons e ritmos (variando das músicas regionais às músicas nacionais que tocam nas rádios) que promove a agregação de pessoas em torno de determinados estilos musicais. (Padron, 2019)

Desta forma, a partir da letra de música com corpo poético, é possível chegar à análise de um objeto autotélico, discutindo e levantando questões entre a relação de músicas e as influências teóricas afro-brasileiras discutidas amplamente, uma vez que a música popular brasileira nos fornece dados de acordo com o estado atual da sociedade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois, segundo Zanella (2016, p. 99), a análise qualitativa preocupa-se em conhecer a realidade, de acordo com a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados, exigindo um intenso estudo do objeto, revelando tanto os significados óbvios quanto os subentendidos.

Este estudo, que analisará os signos de forma assertiva e comprometida com os conceitos de produção científica, é de cunho bibliográfico e análise de conteúdo documental. Bibliográfica porque será feita a revisão de literatura das principais teorias relacionadas ao movimento afro-brasileiro, como os conceitos de Lugar de fala (Ribeiro, 2019); Empoderamento (Berth, 2019); Interseccionalidade (Akotirene, 2019); Lugar de negro (Gonzalez; Hasenbalg, 2022); Memórias da plantação (Kilomba, 2019); além da revisão de literatura voltadas para análise de músicas, como Semiótica da Música (Martínez, 2001); O rap como poesia negra da diáspora (Fonseca, 2019), Do rap à literatura marginal: Vozes femininas (Martins, 2020) entre outros.

A pesquisa também terá caráter documental, porque será feita a partir da seleção e catalogação de letras de músicas para análise, pois segundo Gil (2004, p. 46) entendemos que documento está para além de livros, artigos, relatórios, cartas, diários, arquivos históricos, registros governamentais, filme, gravações, websites, e-mails, entre outros. Para a catalogação será necessário inventariar a discografia das duas cantoras, a fim de conhecer melhor as suas discografias. Após esse processo, selecionaremos músicas que tenham como temática os eixos teóricos que serão abordados nessa pesquisa, com o objetivo de ao final selecionar uma pequena quantidade para análise.

Será necessário, também, o uso da técnica intitulada “Análise de conteúdo”, de Laurence Bardin, que oferece uma metodologia estruturada para análises de dados textuais, indo de textos impressos a áudios gravados. A partir do estudo de Bardin (2016, p.51), podemos obter o máximo de informação (aspecto quantitativo) com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo), o que nos permitirá fazer inferência, deduzir e codificar as letras de músicas selecionadas. Primeiro, faremos o levantamento discográfico das autoras, ano de lançamento, título (feat se for o caso) e álbum. Em segundo, serão eleitas as músicas para estudo. As músicas elegidas para análise terão como critério: a) Conteúdo temático Social; b) Conteúdo temático que aborde empoderamento; c) Conteúdo temático representativo e d) Conteúdo temático de luta e superação. A partir disso, serão

registradas todas as letras selecionadas, de modo que a escrita seja a mais próxima do que é expressa pelo canto, como também separando-os por eixos temáticos. Após essa etapa, iniciará o processo de análise de inferências, interpretação não somente da descrição do conteúdo, mas o que está por trás, sua possível finalidade (implícita e explícita). Por fim, analisar criticamente a incorporação das teorias estudadas dentro dessas produções musicais, com intuito de constatar a reverberação da teoria em expressões artísticas do contexto social, histórico e cultural.

Desta forma, a pesquisa será dividida em quatro estágios: revisão bibliográfica; seleção de corpus de análise; análise crítica do corpus e considerações finais.

DISCUSSÃO

Espera-se que essa pesquisa amplie o entendimento sobre as práticas músicas de rappers femininas, e como essas vozes trazem questões que refletem o contexto social, histórico e cultural. A partir da análise das músicas, dos temas recorrentes em suas letras, que reflete a realidade de um grupo marginalizado pela sociedade, poderemos oferecer um estudo críticos sobre a representação desses grupos na música e na sociedade brasileira. Ademais, deverá apresentar novas leituras e interpretações sobre como essas rappers, mulheres negras, constroem suas narrativas, e o que as influenciam a construírem suas composições músicas, expressando sua identidade individual e coletiva.

Enfim, espera-se explorar de forma mais aprofundada o entendimento crítico sobre as teorias afro-brasileiras, principalmente a teoria do lugar de fala e lócus de enunciação em letras de músicas de rappers femininas. Contribuindo para área de linguagens, por meio de congressos, simpósios, comunicações, seminários e artigos, a fim de destacar a música como ferramenta de resistência a essas vozes.

REFERÊNCIAS

AKOTIERENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro Pólen, 2019.

BARDIN, Lawrence; **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições, 2016.

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro Pólen, 2019.

CAMARGOS, Roberto. Música rap: um campo de valores a serviço da periferia. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**,

Campinas, SP, v. 11, n. 3, p. 126–153, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8656021>. Acesso em: 18 out. 2024.

CICERO, Antonio. Sobre as letras de canções. In: CICERO, Antonio. **A poesia e a crítica: ensaios**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 67-76

FONSECA, S. C.. O rap como poesia negra da diáspora: modos de dizer, modos de fazer literatura. **CRÍTICA EDUCATIVA**, Sorocaba/SP, v. 5, n.1, p. 135-145, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/43>
0 Acesso em: 20 set. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

JESUS, A. K. S. ; COIMBRA, L. #niunamenos: músicas como instrumento de denúncia, manifesto, (r)existência e empoderamento feminino. **ABEHACHE** , v. 2, p. 151-170, 2021.

MARTINS, M. L. B. . Do rap à literatura marginal: Vozes femininas. In: **I CPLL - Congresso de Pesquisas em Linguística e Literatura**, 2020. I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG. Letras Compartilhadas, 2019.

MARTÍNEZ, J. L. Semiótica de la música: una teoría basada en Peirce. **Signa – Revista de la Asociación Española de Semiótica**. n. 10, 2001, p. 177 – 189. Disponível em http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/signa-revista-de-la-asociacion-espanola-de-semiotica-4/html/02598914-82b2-11df-acc7-002185ce6064_25.html Acesso em: 20 ago. 2024.

MOURA, Jozuel Vitorino de; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Semiótica, música e organização do conhecimento: contribuindo para o debate. **Ciência da Informação em Revista, [S. l.]**, v. 6, n. 1, p. 20–36, 2019. DOI: 10.28998/cirev.%y620-36. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/6344>. Acesso em: 19 out. 2024.

NASCIMENTO, Gabriel. Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala: marcar o não-marcado e trazer o corpo de volta na linguagem. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 58–68, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661808>. Acesso em: 20 out. 2024.

PADRON, Marcos Fragomeni. **Uma proposta de modelo conceitual para representação da música popular brasileira**. 2019. 221 p. Dissertação (mestrado) Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2019

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro Pólen, 2019.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia da pesquisa**. Florianópolis: SEaD/UFSC, 2006.

Palavras-chave: Rap Feminino. Lugar de fala. Lócus de Enunciação. Cultura negro-brasileira. Música.

A CONDIÇÃO DA MULHER DA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA: UMA LEITURA A PARTIR DE ILDEFONSA LAURA CÉSAR

Mariana Oliveira Silva¹
Profa. Dra. Paula Regina Siega (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

O presente estudo busca compreender a invisibilidade da escrita feminina no contexto literário do século XIX, com foco na obra da escritora baiana Ildefonsa Laura César (1794-?), considerada a primeira baiana a publicar poesia. A pesquisa utiliza o método de análise literária comparada, examinando as obras *Ensaaios poéticos* (1844) e *Lição a Meus Filhos* (1854), que desafiam o predomínio da produção masculina do período romântico. A fim de discutir a invisibilidade de sua obra no cânone literário brasileiro recorro a teorias de Antônio Cândido, ao relacionar literatura e sociedade, de Judith Butler, que aborda a construção social de gênero, permitindo entender como Ildefonsa rompeu com a feminilidade esperada no século XIX. Além disso, a pesquisa recorre à violência simbólica descrita por Rachel Soihet e ao condicionamento ideológico discutido por Jaime Ginzburg, para entender como a exclusão das mulheres no cenário literário reflete as hierarquias de poder da época. Desse modo, espera-se, como resultado, a revelação dos fatores que contribuíram para a invisibilidade da escrita feminina no século XIX e como Ildefonsa Laura César desafiou as normas de gênero da época ao publicar poesia em um ambiente literário masculino. Busca-se, aqui, destacar sua importância na formação de uma voz poética feminina e propor uma reavaliação de sua obra dentro do cânone literário brasileiro, contribuindo também para os estudos de gênero na literatura ao mostrar como sua escrita reflete e questiona as normas sociais de seu tempo.

OBJETIVOS

Objetivo geral

¹ silva.marinaoliveira08@gmail.com Bolsista [CAPES].

² prsiega@uesc.br

Analisar a condição da mulher no Brasil e na literatura brasileira do século XIX, a partir da biografia e das obras da poetisa baiana oitocentista Ildefonsa Laura César.

Objetivos específicos

- Compreender a invisibilidade da escrita literária feminina durante o período inicial do romantismo brasileiro, tomando como ponto nodal os escritos de Ildefonsa Laura César;
- Identificar as principais temáticas que informam sobre a condição da mulher no século XIX, presentes nas obras da poetisa baiana Ildefonsa Laura César;
- Mapear, a partir dos escritos de Ildefonsa Laura César, a relação de uma possível invisibilidade feminina com a representação idealizada da mulher na sociedade brasileira do século XIX;

JUSTIFICATIVAS

Defendo que o estudo aqui proposto, possui relevância ímpar, visto que objetivo é recuperar uma escrita feminina silenciada e excluída da historiografia literária brasileira. Entendo que estudos como este tornam-se relevantes à medida em que se aprofundam análises do tipo, pois, buscam (re)encontrar e ampliar o reconhecimento do que é um texto literário, além de lançar um olhar para as relações sócio-históricas, o que expande os horizontes teóricos e metodológicos do campo. Além disso, entendo que esta pesquisa contribuirá com os objetivos tanto do Programa de Pós-graduação Letras: Linguagens e representações como da linha de Literatura e Interfaces, pois visa privilegiar a literatura como zona de diálogo com a história ao adentrar as implicações e manutenções feitas através das relações de gênero, poder e textualidade literária.

Ademais, como dito, esta proposta surge através da busca de informações sobre escritoras oitocentistas, advindas da minha inquietação pessoal e em questionar-me, ao ministrar aulas de literatura, a não existência do registro de autoras mulheres naquele período nos materiais didáticos escolares, o motivo de suas escritas não serem sistematizadas no rol da historiografia literária ainda nos dias de hoje e como esse apagamento está diretamente ligado aos papéis de gênero pré-estabelecidos.

Outro ponto que reforça a importância deste estudo, está na escassa produção científica a respeito da autora. Em um levantamento bibliográfico,³ Ildefonsa Laura Cesar só aparece como objeto de pesquisa em apenas duas produções de pós-graduação: Pereira

(2014) e Rocha (2016). As referidas pesquisas, também reforçam o entendimento a respeito do baixo número de escritos sobre a autora, e se apresentam um estímulo inicial tanto sobre Ildefonsa Laura Cesar, bem como as possibilidades das temáticas exploradas em sua poesia. Neste sentido, a minha pesquisa, visa contribuir com a expansão dos estudos sobre esta autora baiana, em uma perspectiva feminista (Butler, 1990; Soihet, 1997).

Apesar de pouco explorada, a sua obra ainda carrega possibilidades de estudo, visto que no aspecto da viabilidade desta proposta de pesquisa, existem dois meios para um mergulho sobre a produção da autora baiana. O primeiro meio encontra-se na análise da obra *Ensaio Poéticos*, esta já identificada em algumas bibliotecas, e sob posse da autora do presente projeto. Além deste, há também a presença de alguns escritos de Ildefonsa Laura Cesar publicados no livro *Os poetas de outro sexo*, do jornalista Affonso Costa, em 1930, que também será utilizado para análise.

Dessa maneira, defendo que tal elaboração será ímpar para o fomento dos estudos literários baianos não só na Universidade Estadual de Santa Cruz, instituição localizada no sul da Bahia, como também nas demais, gerando assim, um impacto direto em pesquisas que visam reivindicar/aprofundar o reconhecimento da escrita feminina no contexto imperial baiano e brasileiro, além, do impacto de situar no tempo-história a literatura de uma mulher relevante para a sociedade brasileira e de seu papel, já subversivo pelo simples fato de lançar-se à escrita na época, para a formação de uma literatura genuinamente feminina brasileira oitocentista.

APARATO TEÓRICO

A virada do século XIX para o XX foi um período marcado por profundas transformações sociais e culturais, refletidas, inevitavelmente, na literatura produzida no Brasil. As mulheres escritoras dessa época, como a poetisa baiana Ildefonsa Laura César, enfrentaram desafios significativos, tanto na inserção quanto na aceitação de suas obras em um espaço literário dominado por vozes masculinas. A análise da produção literária de Ildefonsa Laura César, em consonância com estudos críticos contemporâneos, como os apresentados por Daise Pereira Machado Rocha e Zahidé Lupinnaci Muzart, revela não apenas a condição da mulher na literatura, mas também as estratégias de resistência e afirmação empregadas por essas escritoras para reivindicar seu lugar na tradição literária brasileira.

Ildefonsa Laura César, poetisa baiana do século XIX, inseriu-se em um contexto literário adverso, onde a produção feminina era, frequentemente, relegada ao segundo plano ou vista com desdém. A partir da análise de sua biografia e de suas obras, pode-se perceber que a produção de Ildefonsa não apenas reflete as limitações impostas às mulheres da época, mas também busca subvertê-las. Como aponta Zahidé Lupinnaci Muzart em *Escritoras brasileiras do século XIX* (2000), essas autoras, incluindo Ildefonsa, encontraram na literatura um meio de expressão e de resistência, ainda que de forma sutil e muitas vezes cifrada. A inserção de temas como a introspecção, o sofrimento e a busca por liberdade individual nas obras dessa autora revelam uma profunda consciência de sua condição enquanto mulheres em uma sociedade patriarcal.

O trabalho de Daise Pereira Machado Rocha, intitulado *Poéticas da Resistência: o lirismo militante de Ildefonsa Laura César e Jacinta Passos* (2016), oferece uma perspectiva complementar, destacando o caráter militante e de resistência presente na obra de Ildefonsa. Segundo Rocha, o lirismo da poetisa baiana, embora não abertamente político, carrega em si um forte teor de resistência, particularmente em sua recusa em conformar-se aos padrões estéticos e temáticos impostos às escritoras da época. Através de sua poesia, Ildefonsa questiona, ainda que de maneira velada, as normas sociais e literárias que restringiam a liberdade criativa e pessoal das mulheres.

Dessa forma, ao relacionar as contribuições de Ildefonsa Laura César com os estudos críticos contemporâneos de Rocha e Muzart, é possível perceber que a condição da mulher na literatura brasileira do século XIX foi marcada por um duplo movimento: por um lado, a imposição de limites e restrições sociais e, por outro, uma luta constante por afirmação e reconhecimento. As poetisas como Ildefonsa não apenas contribuíram para a construção de uma tradição literária feminina, mas também para o questionamento e a subversão das normas estabelecidas, utilizando a literatura como um espaço de resistência e de reivindicação de suas vozes e identidades. Assim, a obra de Ildefonsa Laura César emerge como um testemunho da condição feminina na época, ao mesmo tempo em que oferece uma rica fonte para a análise do papel da mulher na construção da literatura brasileira.

Por fim, como devidamente discutido, em minha pesquisa busco por um resgate de escritas femininas invisibilizadas no período em que foram produzidas, assim como questionar que tal fenômeno advém e persiste a partir de padrões de gênero pré-estabelecidos. Para tanto, faz mister aprofundar a partir de algumas perspectivas teóricas traçadas nos textos de Rocha e Muzart, que reforcem e baseiam essas análises, e que

melhor podem servir de aportes para o estudo da obra da poetisa protagonista desta investigação.

METODOLOGIA

As construções do modelo de uma mulher idealizada resguardam vínculos com processos histórico-discursivos-sociais e ganha atualizações de acordo com as condições de produção vigentes. Estes modelos vão sendo (re)produzidos como uma função complementar e pré-civil em relação ao homem. O aspecto dicotômico, frequentemente, pode ser sintetizado no binômio: o homem responde pelo público, pelo político, por estar mais bem dotado segundo sua *natureza*, e a mulher seria o seu oposto, elementos definidos pela literatura científica desde ao menos *Émile ou de l'éducation*, datado de 1762.

Com base nesta dinâmica, entendo que a interpretação de qualquer produção de sentido encontra-se atravessada pelo saber cultural prévio do receptor, solicitado em seu trabalho de decodificação. E o instrumental de análise, a ser utilizado na pesquisa, parte do pressuposto de que o conteúdo veiculado em uma produção de cultura tem como função precípua a ação em seu contexto de surgimento, ainda que não se reduza ao mesmo, como defende Mikail Bakhtin (1992), em *Os gêneros do discurso*, na obra *Estética da criação verbal*. À vista destes aspectos, esta pesquisa empreenderá uma investigação, que estará dividida em três etapas.

A primeira refere-se a uma de cunho bibliográfico (Gil, 2001), para que se possa compreender melhor as dinâmicas em torno da construção do feminino, sobretudo, nos séculos XIX, momento de ascensão dos discursos normativos sobre o corpo da mulher e sincrônico à produção romancista em que se insere a personagem título deste estudo. Como um dos outros braços desta etapa, haverá o mapeamento de artigos, livros, teses e dissertações que possam informar sobre a vida e obra de Ildefonsa Laura Cesar para que seja possível recompor parte de sua trajetória pessoal, intelectual e literária. Outras produções que analisam a literatura do período também poderão ser levadas em consideração.

O intuito desta primeira etapa também está em avaliar a presença de um modelo idealizado de mulher enraizado na sociedade brasileira, entendido aqui como um dos responsáveis pelo apagamento da escrita de Ildefonsa Laura Cesar no século XIX. Pretende-se compreender o permanente não reconhecimento dessa autora ainda no século

XXI, buscando dimensionar a relevância socio-histórica-cultural da escrita da poetisa baiana na construção de uma formação inicial de uma literatura genuinamente brasileira. Esta etapa informará a segunda, pois servirá de aporte teórico e metodológico para a análise das obras.

A segunda etapa refere-se a um processo hermenêutico de interpretação (Gadamer, 1960), que parte do raciocínio indutivo, cuja observação centra-se em um evento, para chegar à inferência, à dedução. Para tanto, serão lidas as obras *Ensaaios Poéticos* (1844), de Ildefonsa Laura Cesar e *Os poetas de outro sexo*, do jornalista Affonso Costa. Nesta etapa serão investigados, através de seus escritos, os aspectos relacionados ao desejo de liberdade, de autonomia de sentimentos e de vida e de criticidade acerca de um sistema patriarcal, no qual a autora encontrava-se obrigada a se inserir, mas, utilizando a literatura como instrumento de registro desses sentimentos inerentes aos poetas do período.

Ao fim da segunda etapa, partirei para a terceira, onde me debruçarei sobre o método de análise literária comparada, baseado na leitura e interpretação dos textos poéticos de Ildefonsa Laura César. Nesta etapa buscarei identificar os aspectos supracitados na escrita feminina, considerando as seguintes categorias: aspectos estéticos, históricos, culturais e ideológicos, que possam informar as influências da autora. Para tanto, espera-se que com tal categorização, a fim de comparar no tempo/espço as principais temáticas abordadas, seja possível atingir o objetivo geral desta pesquisa.

Nesta guisa, serão levados em consideração os aspectos que perpetuam a invisibilidade da produção literária feminina (Reis, 2019). Este aspecto é importante, pois, parto do entendimento que este contexto passado, em que se encontra a produção de Ildefonsa Laura César, ainda é um dos responsáveis por endossar uma postura centrada no essencialismo atávico e dualista. Algo que leva a um não reconhecimento equitativo da produção literária feminina nas manifestações institucionais representativas do cânone, tal qual a Academia Brasileira de Letras e demais academias estaduais e municipais. Ao fim das análises propostas, obterei o texto final da dissertação.

DISCUSSÃO

A pesquisa aqui proposta pretende alcançar uma série de resultados significativos que contribuam para a compreensão da invisibilidade da escrita feminina no século XIX e para o resgate da contribuição de autoras marginalizadas. Tais resultados como: Resgate histórico e literário, análise crítica e literária, revisão/alargamento do cânone literário,

criação de material didático, publicação acadêmica, debate sobre questões de gênero e feminismo, contribuição para o movimento de escritas femininas. Em resumo, o objetivo principal é que os estudos aqui desenvolvidos transcendam o simples resgate histórico e literário, abrindo novas frentes de debate sobre gênero, poder e violência simbólica, ao mesmo tempo em que proporciona instrumentos concretos para transformar o ensino e a historiografia literária.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. 'Os Gêneros do discurso'. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, págs. 261-306.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CÉSAR, Ildefonsa Laura. **Ensaio Poéticos**. Typographia de Epifanio J. Pedroza. Bahia, 1844.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e Método: Fundamentos de uma Hermenêutica Filosófica**. 2. ed., Salamanca: Ed. Ortega S.A, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2001.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: EDUSP, 2012.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. In: SCHMIDT, Rita T. (Org.) **Mulheres e literatura: (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Palloti, 1997, p. 79-89.

PEREIRA, Deyvid de Oliveira. **A representação do amor na escrita poética de Delfina Benigna e Ildefonsa Laura César**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de humanidades, Departamento de Literatura, Programa de pós-graduação em Letras, Fortaleza, 2014.

REIS, Laura Junqueira de Mello. **Gênero e o esquecimento de autoras mulheres**. Revista Ars Historica, ISSN 2178-244X, nº19, jul./dez. 2019, p. 226-243. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/46717>. Acesso em 27 set. 2023.

ROCHA, Daise Pereira Machado. **Poéticas da resistência: o lirismo militante de Ildefonsa Laura César e Jacinta Passos**. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile ou de l'Éducation**. Livre V. [édition électronique]. Québec: l'Université du Québec à Chicoutimi, 2002. (Collection Les classiques des sciences sociales).

SOIHET, Rachel. Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas. **Estudos feministas**. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, v. 5 n. 1, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12558/11703>. Acesso em 23 set. 2023.

WHITE, Hayden. Enredo e Verdade na Escrita da História. In: MALERBA, Jurandir. **A História da Escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 191 a 232.

Palavras-chave: Cânone. Invisibilidade. Literatura Feminina. Gênero

POESIA NEGRO-FEMININA: UM DIÁLOGO ENTRE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE E O SUL DA BAHIA

Mirian Leandro Moura¹

Inara de Oliveira Rodrigues (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Durante o processo de idealização da pesquisa, me recordei de algo que me questionava na época da escola: por que não existem filósofas? Por que não lemos filósofas? Meu questionamento era especificamente sobre a área de filosofia porque era uma das minhas disciplinas favoritas. Naquela época, ainda não tinha a maturidade reflexiva para questionar sobre historiadoras, escritoras, matemáticas... Lembro-me de uma vez ter perguntado a um professor, e ele respondeu algo como “até existem, só não estudamos”, o que, na época, me pareceu uma resposta convincente.

Agora a indagação se expande, e talvez tardiamente, me peguei refletindo: por que na minha família não há o histórico de um tio advogado, médico, professor ou dono de muitas terras de cacau? Ou de uma tia? Por que as histórias contadas pelos meus avós são sempre tão dolorosas e marcadas por tantas dificuldades? E por que minha avó tinha tanto medo do meu avô?

Esses questionamentos nos colocam diante de diversas situações impostas pelo sistema colonialista que o país viveu e que afirmou o patriarcado, e todo tipo de opressão baseado em critérios de raça, classe e gênero. Como pesquisadora negra procuro pensar no resgate de uma história que tem enredos diferentes. Poder ler e estudar poesia de autoria negro-feminina é um ato subversivo, de resistência quando mulheres negras se inserem em um espaço onde, por muito tempo, apenas uma certa parcela da sociedade masculina e branca tinha voz.

Para muitas mulheres, a literatura é um locus de compartilhamento de vivências e, assim, se torna um elemento de resistência contra o que Edgardo Lander (2005) chama de “universalismo eurocêntrico”, responsável por moldar a visão de raça e do negro/a.

¹ mlmoura.ppgl@uesc.br Bolsista CAPES.

² iorodrigues@uesc.br

Como afirma Achille Mbembe, essa construção racial disseminada pelo legado epistemológico “é, ademais, um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbações do pensamento e de terror, mas, sobretudo, de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes” (Mbembe, 2018, p. 27). Junto a isso, é necessário lembrar que em um contexto patriarcal e brancocêntrico, as mulheres e sobretudo, as mulheres negras enfrentam condições ainda mais adversas, como problematizou a intelectual Lélia Gonzalez em *Por um Feminismo Afro-latino-americano* (2011).

Nesse sentido, é crucial destacar a situação das mulheres nesses contextos opressores, especialmente aquelas que escrevem sobre suas próprias dores e as de muitas outras, buscando um espaço para serem lidas e compreendidas em uma sociedade estruturalmente racista e machista. Seriam essas vozes negras as mesmas, ainda quando vindas de lugares tão distantes? Para essa questão, proponho aqui um estudo comparativo entre as obras: *A Respiração dos Dias* (2015), da escritora são-tomense Goretti Pina, *Mulher-Palavra* (2021) e *Dentro da casa o vazio* (2024), da escritora itabunense, Thaíse Santana. Meu objetivo é analisar a partir da poesia os desafios das mulheres escritoras negras no seu território e fora do seu território e, como essas escritas se assemelham.

Portanto, visa-se também contribuir para a expansão do conhecimento no campo da educação por meio dos estudos dessas literaturas, utilizando o elemento territorial como estratégia para compreender a urgente luta contra o universalismo excludente (Lander, 2005). E, sobretudo, busca ser uma pesquisa realizada partindo também das minhas vivências como mulher negra, que reconhece a necessidade de se ver narrada por vozes comuns que buscam em seus textos reescrever sua história.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Reconhecer as principais semelhanças entre poemas das escritoras negras Goretti Pina, de São Tomé e Príncipe, e Thaíse Santana, de Itabuna, sul da Bahia, tanto em termos propriamente textuais (temáticas e composição) quanto em relação a situações históricas, geográficas, culturais e identitárias.

Objetivos específicos

- Analisar e destacar as similaridades geográficas e identitárias entre São Tomé e Príncipe e a região sul-baiana a partir de estudos históricos e culturais;
- Aprofundar estudos teórico-críticos sobre a escrita poética feminina contemporânea (século XXI) em São Tomé e Príncipe e no sul da Bahia;
- Analisar de que modo os poemas selecionados das escritoras Goretti Pina e Thaíse Santana inscrevem vivências, denúncias e se constituem em resistência cultural em seus diferentes territórios e em um enlace comum.

JUSTIFICATIVAS

Para além das minhas identificações pessoais, escolher pesquisar a literatura santomense, juntamente com a literatura sul-baiana, com destaque para a escrita poética negro-feminina, se justifica pela inquietação de aprofundar os estudos dessas literaturas e investigar as similaridades existentes entre as regiões de nascimento das escritoras selecionadas. Além disso, busca-se estudar a condição da mulher negra e escritora em um contexto de migração. De onde falam e sobre o que escrevem? No contexto da literatura santomense, as obras são de difícil acesso no Brasil. Elas raramente são publicadas aqui, e, quando são, os preços são altos, sendo necessário importar algumas delas de Portugal. No caso da poesia negro-feminina sul-baiana, entendemos a necessidade de um maior enfoque nessas produções, ainda muito pouco estudadas e lidas na região.

Nesse sentido, coloco também a minha inscrição como pesquisadora negra, sentindo a necessidade de me ver representada nos livros como alguém que conta uma história. Que, por meio da pesquisa científica acadêmica, este trabalho, assim como as obras a serem analisadas, se coloque como uma forma de reescrever as histórias de mulheres que foram silenciadas e retratadas sob o olhar branco, patriarcal e ocidental. Sendo assim, dialogo com o questionamento de Inocência Mata (2018): "A estória não quer [mesmo] ser história?" Quando de encontro com a palavra poética das autoras, podemos perceber uma voz mulher que escreve e que sente cada palavra, podemos perceber os encontros de vida e obra nas entrelinhas da palavra poética, voz de mulher que canta outras mulheres e, mais ainda, inscreve identidade, território e resistência em sua desterritorialidade.

Estudar comparativamente a literatura de dois países distintos e continentes diferentes abre um leque de possibilidades, pois nos permite aprofundar os estudos relacionados às questões identitárias, considerando os aspectos linguísticos, geográficos,

econômicos e sociais. Além disso, no âmbito literário, podemos investigar as características distintas da escrita africana em língua portuguesa, suas particularidades, memórias e tradições, bem como as influências e interações com a literatura brasileira, especialmente do sul da Bahia.

E, por fim, de forma a questionar e subverter o cânone literário, de modo amplo, esta pesquisa se inscreve em um lugar que visibiliza uma escrita que ultrapasse os muros das instituições. Falar da escrita de mulheres negras é permitir que outras mulheres sonhem, lutem contra as opressões sociais e, através da palavra poética, se vejam transformadas.

APARATO TEÓRICO

Retomando os questionamentos feitos na apresentação sobre raça, gênero e classe, e dialogando teoricamente com alguns pesquisadores, algumas questões se afirmam. Nunes (2022) aborda diretamente esses questionamentos ao discutir a hegemonia masculina que detém a palavra e funda o cânone literário. Foram esses homens que, historicamente, ditaram as normas do mundo, criaram preceitos e relegaram o diferente à margem, justificando ideias como "até existem, só não estudamos".

Sales (2012) dialoga com essas questões, evidenciando que o corpo feminino, quando no contexto ocidental de dominação masculina, foi concebido a partir de representações depreciativas. Não é preciso ir muito longe para entender, basta pensarmos em como eram inscritas essas mulheres negras (ou, como nomeadas pelos romancistas, “mulata”, “moreninha”, “negrinha”) nos romances canônicos brasileiros. Nunes (2022) também fala desse estereótipo construído da mulher negra ao citar *Essa Negra Fulô*, de Jorge de Lima (1958), personagem que no seu texto era vista como objeto sexual, visão do corpo feminino que perdura há muito tempo.

Face a isso, como problematizou a intelectual Lélia Gonzalez em “Por um Feminismo Afro-latino-americano” (2011), há uma contradição dentro do próprio movimento feminista: é necessário refletir sobre quais mulheres conseguem, de fato, desfrutar das conquistas dessas lutas. Lélia não desvaloriza o movimento feminista; pelo contrário, ela busca evidenciar como o racismo se manifesta através do “esquecimento da questão racial” (p.13) e da exclusão enfrentada por mulheres negras e indígenas dentro do movimento. A luta feminista é essencial, mas é igualmente importante reconhecer que mulheres negras e indígenas são atravessadas por outras formas de opressão, como raça

e classe.

No ambiente da literatura, não foi diferente, foi necessário muito tempo para que pudéssemos ter contato com a escrita de uma mulher e muito mais tempo para que a literatura negro-feminina ocupasse espaço. Algumas, como Maria Firmina dos Reis (1825-1901), tinham que usar pseudônimo, no caso de Firmina, ela assinava como “Uma maranhense” para que conseguissem passar pelas barreiras do gênero e raça a fim de serem publicadas. Sem falar no embranquecimento de autores/as ou das vozes emudecidas pelo racismo. Esmeralda Ribeiro, escritora e jornalista questiona:

[...] Nos anos de 1980... descobri que escritores negros tinham uma produção. Os anos de 1980 foram muito importantes na minha vida... Meu texto publicado no *Criação crioula, nu elefante branco* (1987) foi fruto de uma inquietação que eu tinha sobre as escritoras. Eu perguntava: onde estão as escritoras? Eu sabia que existiam muitas, mas nós não víamos nas publicações (Ribeiro, 2011, apud Sales, 2021, p. 159).

É durante esse período, segundo Sales (2021), que os diálogos entre escritores e escritoras da comunidade negra, entre os anos de 1960 e 1970, marcam o início da busca pela ocupação do espaço literário. O objetivo era que passassem a ser protagonistas de seu próprio discurso, em vez de serem forjadas por outros. Um outro projeto pioneiro que tem grande força na divulgação da escrita feminina, além da comunidade negra, em geral, são os *Cadernos Negros*, os quais:

converteram-se em um território para o aquilombamento de vozes-mulheres, assim como em um símbolo da resistência negra feminina ao colonialismo e patriarcado –, às formas de opressão racista e sexista reverberadas pelos cânones literário e historiográfico (Sales, 2021, p. 164)

Os *Cadernos Negros* têm substancial relevância, pois representam um espaço onde a voz negra é ouvida e a autoria negra não é subalternizada, nem é desconsiderada por 'não concordar com o cânone'. Foi o ponto de partida e de coragem para muitas vozes negro-femininas, como Mirian Alves, que publicou seus primeiros textos em uma das antologias dos *Cadernos Negros* em 1982.

A partir do momento em que essa escrita negra começa a percorrer os rincões do país, paulatinamente a história desse povo diaspórico vai sendo reescrita, sua ancestralidade sendo resgatada, sua cultura valorizada, por intermédio da arte e da força de um povo que resiste há séculos. Nesse movimento de ressignificar, essa literatura ganha característica de rasura do cânone, pois funciona como uma arma contra todas as formas de opressão da estrutura patriarcal, branca e racista da sociedade brasileira. É nesse contexto que Nunes (2022) considera a escrita, especificamente a poesia lírica negro-feminina, como um ato de resistência, assim como Sales (2012) e (2021). A partir

dos estudos sobre Conceição Evaristo e Mirian Alves, autoras que abordam as dificuldades de serem escritoras negras no Brasil, Nunes afirma que escrever é um ato de insubordinação e um rompimento com o silêncio. Ela ainda afirma “resistir seria [...] sinônimo de criar” (p.37).

Por isso a necessidade de pensar a escrita negro-feminina no contexto santomense e sul-baiano, pois se reconhece a partir dos estudos citados as dificuldades de editoração e publicação de suas obras. Uma referência que comprova isso é o artigo “Civilização Cacaueira, Entre a Fundação e os Discursos de Crítica: Panorama da Produção Literária Sul-Baiana no Século XX” (Silva, 2024): nele não consta sequer o nome de uma escritora. Sendo assim, outros trabalhos serão de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa, como: “A Literatura Negra Feminina no Brasil - pensando a existência”, de Miriam Alves (2011), “A construção de uma identidade feminina decolonial em Kilêlê: A Dança Sagrada do Falcão”, de Olinda Beja (2023), *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*, de Sueli Carneiro (2011), além de outros trabalhos sobre poética negro-feminina e obras que discutam o feminismo e o afrofeminismo.

METODOLOGIA

Alocada no campo dos estudos literários, a pesquisa é de caráter bibliográfico de cunho analítico-comparativo. Para isso, alguns passos deverão ser seguidos: levantamento bibliográfico, análise do corpus, planejamento da escrita e elaboração final. O primeiro passo, já em andamento, consiste na busca de textos teórico-críticos que fundamentam o campo de pesquisa delimitado para além dos já elencados. Além disso, a participação no grupo de estudos "Literatura, Memória e História: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq)", bem como em disciplinas, palestras e eventos, também faz parte desse processo, pois possibilita o diálogo sobre o tema, o conhecimento de discussões atualizadas que levantam questões relevantes para o desenvolvimento da dissertação.

O segundo passo, análise do corpus, será realizada a partir da leitura aprofundada sobre 3 obras. Vale destacar que essa leitura ocorrerá paralelamente ao primeiro passo, observando como os poemas presentes nas obras dialogam com o campo teórico de estudo. As obras escolhidas são *A respiração dos dias* (2015) de Goretti Pina, *Mulher-palavra* (2021) e *Dentro da casa o vazio* (2024) de Thaíse Santana. Para análise, deverão ser selecionados e comparados minuciosamente dois ou três poemas de cada escritora,

dependendo do levantamento temático realizado. A análise comparada deverá ser feita tanto no que diz respeito à estrutura composicional dos poemas quanto à temática.

Os passos três e quatro consistem em registrar os resultados das análises. Na etapa de preparação, as análises dos poemas serão realizadas sob a supervisão da orientadora, garantindo que as interpretações dos poemas escolhidos sejam bem fundamentadas. A escrita representará o momento final de reflexão e apresentação dos resultados.

DISCUSSÃO

Espera-se que esta pesquisa ofereça um olhar crítico e reflexivo tanto para a comunidade acadêmica quanto para a não acadêmica, incluindo professores/as em formação, professores/as em formação continuada, e alunos/as do ensino básico e superior. Além disso, pretendo trazer um olhar acolhedor para aqueles/as que enfrentam diariamente o racismo, que, cada vez menos velado, permanece vivo e operante no convívio social. Espero, também, oferecer um olhar de coragem, para que outras mulheres se vejam com esperança de alcançar o futuro que almejam, avançando na descolonização do ser e do saber.

Evidenciar o ultraje silencioso com o qual operam os preconceitos de gênero, de classe e o racismo é um caminho urgente. É necessário falar, discutir e problematizar, para que pessoas que, muitas vezes, nem entendem que não conseguiram uma vaga de emprego por serem negras possam refletir e denunciar essas questões. Além disso, buscase divulgar escritoras negras que são pouco estudadas e lidas no Brasil, de modo geral. Nesse sentido, o estudo da literatura negro-feminina é também um locus para a construção de uma educação antirracista.

Além disso, como resultado da análise comparativa, esperamos que seja possível identificar as similaridades que unem as vozes dessas mulheres de continentes distintos, como também a inscrição da cultura e identidade e, sobretudo, o desafio que enfrentam para que assim seja possível pensar formas e ações de superá-los. Espero que seja um trabalho com ampla divulgação, para que as mulheres leiam, que queiram ler a poesia, que se inspirem. Que homens brancos ou negros, deem espaço de escuta para essas vozes e que consigam compreender a maneira como o machismo e o patriarcado operam. Que acima de tudo, seja uma pesquisa de esperança e de respeito.

REFERÊNCIAS

ACHILLE, Mbembe. **Crítica da razão negra**. Portugal: Antígona, 2014.

GONZALEZ, Lélia. Por Um Feminismo Afro-Latino-Americano. In: **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino**, n. 1, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375002/mod_resource/content/0/caderno-de-forma%C3%A7%C3%A3o-do-CP_1.pdf Acesso em: 12 abr. 2024.

LANDER, Edgardo (org.) **A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

NUNES, Kelly Cristiane. A voz da resistência negra na poesia lírica de Alzira Rufino, Beatriz Nascimento e Esmeralda Ribeiro. 2022. 80 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6262> Acesso em: 12 set. 2024.

SALES, Cristian Souza de. Pensamentos da Mulher Negra na Diáspora: Escrita do Corpo, Poesia e História. **Sankofa** (São Paulo), v. 5, n. 9, p. 91-110, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88889/91763> Acesso em: 12 set. 2024.

SALES, Cristian Souza de. Poesia negra brasileira de autoria feminina: assentamentos de resistência. **Mester**, v. 50, 2021. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/3dg801xw> Acesso em: 16 set. 2024.

SANTOS, Thaíse de Santana. **Dentro da casa o vazio**. Cotia: Urutau, 2024.

SANTOS, Thaíse de Santana. **Mulher-Palavra**. 1. ed. São Paulo: Editora Patuá, 2021.

SILVA, Rafael Guimarães Tavares. Civilização cacaueteira, entre a fundação e os discursos de crítica: Panorama da produção literária sul-baiana no século XX. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 33, n. 2, p. 72–88-72–88, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/53428/44489 Acesso em: 02 out. 2024.

Palavras-chave: Poesia. Negro-feminina. Feminismo.

A REPRESENTAÇÃO DA FOME NA OBRA O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ: DO TEXTO LITERÁRIO À QUADRINIZAÇÃO

Naiana Moraes Gonçalves¹
Cristiano Augusto da Silva (orientador)²

APRESENTAÇÃO

A arte é um modo de expressão de visões de mundo, de sentidos de vida. Na contemporaneidade tais experiências de vidas passam a dialogar pelo entrecruzamento de artes que ampliam a sensibilidade para compreensão das problemáticas que o homem vive nas suas diferentes realidades. Dessa forma, a arte literária é marcada por apresentar traços peculiares em relação aos outros textos. Também os quadrinhos advindos depois folhetins passaram a trilhar um árduo caminho até tornar-se a nona arte.

Nessa perspectiva, entendemos que a ação de recriar textos clássicos em HQs, não deve se basear inteiramente em imagens, tampouco em textos, por isso, é pertinente que aconteça um equilíbrio entre as duas linguagens, para que a leitura não seja monótona nem fácil, com formatos limitados, feitos para facilitar a aceitação da leitura. Trata-se de um ato de tradução – aqui a tradução intersemiótica.

Tradução intersemiótica, de acordo com Plaza apud Jakobson significa “interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais” (2013, p.13). Ela pode ser denominada como tradução interartes ou a transmutação de uma mídia para outra, bem como, nela se reconhece a especificidade das várias linguagens semióticas, como: teatro, cinema, pintura, literatura, entre outros.

Partindo desse pressuposto, a pesquisa será norteadada pelo seguinte problema: Como se dá o processo de tradução intersemiótica da ideia da fome na obra *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, para a história em quadrinhos (HQs), de Shiko (2012)? A pretensão é compreender de que maneira são produzidas as significações para a temática da fome representada pelos retirantes na seca do Ceará de 1915.

No romance, Queiroz lança mão de duas histórias narradas em terceira pessoa, que se entrelaçam: uma apresenta a relação amorosa entre Vicente, um homem do campo, e sua prima Conceição, uma moça da cidade. E a outra, retrata a triste partida de Chico Bento e sua família, que migram a pé de Quixadá à Fortaleza para fugir da seca e suas

¹ nmgoncalves.ppgl@uesc.br. Bolsista CAPES.

² casilva@uesc.br

consequentes misérias. Drama também vivido pela autora na sua infância, quando sua família teve que deixar o sertão para morar no Rio de Janeiro.

Cabe ressaltar que, Rachel de Queiroz foi uma das maiores literatas da segunda Geração Modernista da década de 1930, e que ela deixou um rico legado literário, com intenção clara de denúncia social e engajamento político. Além disso, ela é a grande responsável por abordar em suas narrativas temas relevantes para a sociedade, que embora tenham sido escritos há muitos anos, mantém-se atualizado em sua temática.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar o processo de tradução intersemiótica da temática da fome na literatura modernista de Rachel de Queiroz em *O Quinze*, para a obra homônima de Shiko em HQ.

Objetivos específicos

- Apresentar as abordagens sógnicas que viabilizam a análise comparada do processo de tradução intersemiótica do romance para o quadrinho;
- Compreender e explorar a diversidade de sentidos provenientes da quadrinização da obra *O Quinze*;
- Analisar o romance *O Quinze* na perspectiva da temática social da fome enfrentada pelos nordestinos durante a seca do estado do Ceará em 1915.

JUSTIFICATIVAS

A escolha desta temática se deu devido ao contato desde muito cedo tanto com a arte literária, como também com as histórias em quadrinhos. Também é resultado dos saberes construídos no decorrer do curso de Licenciatura em Letras e Literaturas da UNEB, Campus XXI, Ipiaú-BA. A partir do diálogo entre os Componentes Curriculares “Cânones da Literatura Brasileira” e “Literaturas e Outras Artes”, foi produzido um trabalho monográfico, logo surgiu o interesse em dar continuidade a pesquisa no mestrado.

Seguindo essa linha de raciocínio, esta pesquisa busca responder as seguintes indagações: 1) De que forma as escolhas dos elementos linguísticos e intersemióticos na adaptação de Shiko dialogam com a percepção feminina de Rachel de Queiroz acerca da

fome? 2) Quais são as adaptações necessárias para construção das personagens e ambientes na quadrinização do texto literário? 3) E de que maneira pode ser feita a leitura imagética da fome na adaptação do romance *O Quinze*?

Dessa forma, destacamos *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, por ser uma obra muito interessante que se esbarra em questões éticas, sociais e culturais. Pode-se afirmar que, no Brasil, há uma forte discussão literária sobre a fome, datada nas décadas de 1930 e 1960, mas ainda pouco explorada no mundo acadêmico. Assim, a proposta dessa pesquisa se justifica pela necessidade de investigar a ideia da fome a partir dos retirantes em *O Quinze*, e se diferencia da maioria das análises da obra de Rachel de Queiroz, por trazer a tradução da fome nos quadrinhos.

A linguagem clara que dá forma a narrativa apresenta situações para suscitar reflexões e discussões sobre vários temas, como: a seca, o cangaço, a fome, o fanatismo, o feminismo, as relações de desigualdade, etc. Nesse sentido, não é uma leitura que exige conhecimentos prévios para ser entendido, pois graças ao uso da estilística pessoal da escritora o enredo é simples e apresenta figuras humanizadas, o que propicia uma leitura agradável que desperta indignação e, ao mesmo tempo, noção de humanidade.

APARATO TEÓRICO

Desde muito cedo se discute sobre o que é arte e qual conceito melhor se aplica ao seu respeito. Embora, existam vários tratados estéticos que se debruçam nesse estudo, ainda não existe uma explicação clara, científica e lógica para defini-la. Mesmo assim, segundo Coli (2006), é possível identificar algumas produções da cultura na qual vivemos como sendo “arte”, pois os críticos atribuem estatutos a certas atividades e objetos e os privilegia numa ordem de excelências segundo critérios próprios.

Em outras palavras, o papel da arte não é o mesmo em todo espaço, época ou cultura, pois a cultura está em constante movimento e, no fluxo da história, os sentidos do belo e da arte vão se modificando. Assim, “A arte instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve os objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração, etc.” (Coli, 2006, p.13). Portanto, existe uma hierarquia dos objetos considerados artísticos, isto é, usando certos critérios explícitos ou não de nossa sociedade, alguns objetos são considerados mais importantes que outros.

Dentre as artes estimadas temos a literatura. A arte literária é marcada por sua função poética e por apresentar traços peculiares em relação aos outros textos “[...] em

termos de hierarquia de gêneros, de características estilísticas, de convenções estéticas”. (Chartier, 1991, p.188). Entretanto, o fazer artístico traz experiências variadas para além da produção clássica da elite, especialmente depois do surgimento da fotografia, do cinema, sendo estas consideradas por muito tempo como cultura de massa.

Nessa direção, as histórias em quadrinhos (HQS) trilharam um longo caminho para ocupar a nona posição nas artes. Eisner (2012) define os quadrinhos como “arte sequencial”, ou seja, “um arranjo de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (Eisner, 2012, p.5). Essa expressão artística e literária possibilita ao leitor uma compreensão fácil, já que comunica numa “linguagem” que se estabelece na experiência visual de quem aprecia a narrativa gráfica.

Em contrapartida, para McCloud (1995, p.4), as HQs são “histórias pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (McCloud, 1995, p.9). Para ele, o universo das histórias em quadrinhos é imenso e variado, assim a sua definição deve abranger todos os tipos de quadrinhos, mas com devida atenção para não incluir coisas que não sejam quadrinhos, tal definição foi importante para invalidar os estereótipos acerca das HQs.

Muitos espaços foram buscados pelas histórias em quadrinhos, como o diálogo com a arte verbal clássica – a literatura. Ao realizar uma tradução do texto literário para as histórias em quadrinhos (HQS), é preciso que o tradutor tenha muita criatividade, pois a atividade tradutória requer uma conexão com o texto-base.

Para alguns a tradução intersemiótica é sinônimo de adaptação. Contudo, vale salientar que a adaptação, consiste em “[...] um tipo de palimpsesto extensivo, e com frequência, ao mesmo tempo, uma transcodificação para um diferente conjunto de convenções [...] essa transcodificação implica uma mudança de mídia” (Hutcheon, 2013, p.61). Dessa maneira, fica claro que tanto no processo de tradução intersemiótica quanto no de adaptação, há uma reconstrução criativa e interpretativa.

Dessa forma, o processo de tradução/adaptação de clássicos literários para as HQs, é interpretado para outra mídia ou forma de linguagem. Sendo assim, “os signos lidos na obra impressa ganham sonoridade e/ou visualidade e, então se transformam em outros signos” (Pina, 2014, p.249). Portanto, o conhecimento do signo linguístico é importante para traduzi-lo ou representá-lo no âmbito visual, como também de forma artística.

Na transferência do romance *O Quinze* para a versão em quadrinhos, observa-se que o quadrinista Shiko, destacou com traços realistas, os piores anos vividos na seca nordestina, tão bem descrita pela autora, Rachel de Queiroz. Assim sendo, as personagens

e cenários foram genuinamente preservados pelo quadrinista, pode-se perceber isso, ao compararmos os quadrinhos aos trechos da trama original.

Nesse viés, colocamos em questão a história dos retirantes, especialmente, para compreender como são construídas as representações da fome na história em quadrinhos e que características históricas-culturais permeiam a narrativa. Logo, o contexto histórico do Brasil nos anos 30 contribuiu de forma significativa para a renovação da arte literária, pois diante dos problemas que surgiram no país, os escritores encontraram uma gama de conteúdos para escrever em suas obras.

Segundo o pensamento de Ginzburg (2012), a complexidade da política pública do Brasil na metade do século XX, pode ser vista em diferentes esferas públicas. “Umas das faces dessa complexidade está na produção cultural que, não sem contradições, dialoga com as tensões da sociedade brasileira [...]” (Ginzburg, 2012, p.169). Nessa perspectiva, entende-se que o momento histórico molda as subjetividades dos sujeitos por meio da estrutura social, formação autoritária e opressão.

Assim, a estrutura da ficção regionalista de 30 retoma aspectos naturalistas e românticos, a partir daí são construídas as representações de grupos sociais, tais como: trabalhadores rurais, beatos, migrantes, cangaceiros. Estas camadas mais pobres, são as mais afetadas pelos impactos das secas e pelas crises econômicas do país. Partindo desse pressuposto, destaca-se a fome em *O Quinze*, por ser um tema recorrente na obra.

Conforme a historiografia, de Chartier (1991), as representações sociais ocorrem por meio das relações de poder na sociedade, e variam conforme a percepção que o sujeito tem sobre si próprio, seu tempo, e visões de mundo. Portanto, “construir a noção de representação como o instrumento essencial da análise cultural é investir de uma pertinência operatória um dos conceitos centrais manuseados nestas sociedades” (CHARTIER, 1991, p. 184). O mundo é, então, representado de múltiplas formas na literatura e na cultura escrita a partir da estrutura social, valores e crenças e identidades.

Candido (2006) discute que o regionalismo, constituiu-se uma das principais vias de autodefinição da consciência local, com as obras Alencar, Guimarães, Távora, Taunay, transforma-se no "conto sertanejo". Ressalta-se ainda que os livros: *A Bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida; *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (1930); *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1934); destacam-se entre as melhores obras ficcionais regionalistas sobre a seca.

Pensando no contexto de produção das obras de 1930, entende-se que o foco na segunda fase foi a oposição as realidades regionais do país. Dessa forma, as condições

humanas são retratadas pelos modernistas, para denunciar as relações de dominação, as desigualdades, a pobreza, e o descaso governamental, principalmente, nas regiões atingidas pela seca. Nesse sentido, é crucial a articulação entre os leitores e contextos, para compreender que discursos influenciam na leitura imagética da fome.

METODOLOGIA

No que se refere aos caminhos metodológicos da pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, considerando o livro *O que é arte?* De Coli (2007). Para aprofundar nas relações intersemiótica entre o romance e as histórias em quadrinhos (HQs), iremos articular as teorias de Jakobson (2015); Peirce (2012); Plaza (2013); Hutcheon (2013); Eisner (2012); McCloud (1995); Bosi (2017), etc.

Lakatos e Marconi (2003, p. 183), concebem que “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque [...]”. Logo, faz-se necessário que o pesquisador utilize o método científico aliado ao exame crítico para alcançar resultados mais significativos. Observa-se que, o procedimento bibliográfico, é indispensável na construção de novos conhecimentos, pois é capaz de fornecer informações atuais e de relevância social e acadêmica.

Nesse sentido, será desenvolvido um estudo comparativo do romance *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz e a adaptação em quadrinhos, de Shiko (2012), de modo a investigar a representação da fome, a partir dos retirantes na seca 1915. Desta forma, por buscar a análise histórico-cultural entre às duas produções, acreditamos que o contato com autores que tratam desta temática proporciona um esclarecimento maior e melhorias no desempenho deste estudo.

Conforme Gil (2002, p.46), as pesquisas bibliográficas “são aquelas [...] que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Para o autor, esse tipo de pesquisa requer alguns requisitos básicos, como: a elaboração de um roteiro, a aplicação de métodos e técnicas, e o uso das habilidades intelectuais do investigador. Portanto, deve-se tomar sempre o cuidado em buscar fontes confiáveis e coerentes ao tema, utilizando procedimentos adequados na coleta e análise de dados, para garantir o rigor científico à pesquisa.

Destarte, para que o referencial teórico seja tratado de forma coerente ao tema proposto à pesquisa, seguirá os seguintes passos: grande leitura da obra *O Quinze*,

dissertações atuais, como: O Quinze em quadrinhos: desvendando caminhos da adaptação (2020), de Cristiane Vieira e A literatura famélica em O Quinze de Rachel de Queiroz (2019), de Clébio Lima. Além disso, serão realizados fichamentos de artigos relacionados e também a seleção e análise de alguns quadrinhos da HQ O Quinze pela representatividade da ideia da fome como um problema de ordem política e social. Dentre os aspectos a serem estudados na tradução da literatura para as histórias em quadrinhos, destacaremos os elementos visuais e textuais, e as interpretações obtidas no decorrer das análises.

DISCUSSÃO

Ante o exposto, espera-se que esta pesquisa possa fortalecer o debate em torno da temática da fome na Literatura Brasileira, a fim de promover à reflexão crítica acerca da necessidade de políticas públicas efetivas para solucionar este problema. Busca-se neste percurso investigativo contribuir para o avanço nas pesquisas sobre a tradução intersemiótica da literatura para quadrinhos, promovendo o conhecimento no campo dos estudos da Literatura e Outras Artes. Além disso, almeja-se ampliar o alcance da obra *O Quinze* a diferentes públicos de leitores.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. Coleção Terra Bárbara. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- BARROSO, Fabiano Azevedo. Quadrinizar a literatura ou literaturizar o quadrinho? *In*: GUERINI, Andrea; BARBOSA, Teresa (ORG.). **Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Petrópolis, 2013.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CHARTIER, Roger. **O Mundo Como Representação**. *In*: Estudos Avançados. n. 11, v. 5, 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/#>. Acesso em: 05 de setembro de 2023.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do legendário cartunista. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: EDUSP, 2012. Disponível em: <https://www.usp.br/bibliografia/obra.php?cod=20817&s=grosa>. Acesso em: 08 de setembro de 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2^a ed. Tradução de André Cechnel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

INSTITUTO MOREIRA SALES. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Rachel de Queiroz. Número 4. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2009.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. Ed. 34. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5^a ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Clébio dos Santos. **A literatura famélica em O Quinze de Rachel de Queiroz**. 2019. 106f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27997>. Acesso em: 09 de agosto 2024.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando Quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. 1^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **Literatura em quadrinhos: arte e leitura hoje**. 1^a ed. Curitiba: Appris, 2014.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SHIKO. **O Quinze: roteiro e arte**. Adaptação do romance de Rachel de Queiróz. In: *Clássicos da literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 2012.

VIEIRA, Cristiane Elise. **O Quinze em quadrinhos: desvendando caminhos da adaptação**. Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro Universitário. UniAcademia, 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/Dissert/article/view/2814/1895>. Acesso em: 12 de outubro de 2023.

Palavras-chave: O Quinze. Fome. Literatura. Quadrinho. Tradução intersemiótica.

A PALAVRA COMO RESISTÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DA SUBJETIVIDADE NEGRA EM *MUKANDA TIODORA* (2022)

Natasha Santana da Silva¹
Inara de Oliveira Rodrigues²

APRESENTAÇÃO

A literatura, enquanto manifestação artística e cultural, desempenha um papel relevante na construção da memória coletiva e na elaboração de identidades sociais. No âmbito da literatura afro-brasileira, esse papel ganha uma dimensão ainda mais significativa, uma vez que essas narrativas desafiam paradigmas históricos de exclusão e resgatam memórias apagadas pelo colonialismo, além de promover novas perspectivas de representação dessas vozes e desses corpos. A obra *Mukanda Tiodora* (2023), de Marcelo D'Salete, constitui um marco nesse processo ao trazer para o centro da narrativa a figura de Tiodora, uma mulher negra e escravizada que busca a liberdade através da palavra escrita.

D'Salete, conhecido por sua contribuição à literatura em quadrinhos e à historiografia da população negra no Brasil, em *Mukanda Tiodora* explora uma história de resistência no contexto escravocrata de São Paulo do século XIX. Sua abordagem une elementos de ficção, história e memória coletiva para representar a subjetividade de Tiodora como um ato político e cultural. Nesse sentido, essa representação ganha relevância por transgredir as barreiras impostas pelo cânone literário tradicional, ampliando as possibilidades de entendimento da história e da identidade negra.

Dessa forma, a pesquisa proposta busca analisar criticamente como *Mukanda Tiodora* promove rasuras no cânone, alarga as subjetividades, rompe com a tradição literária vigente e apresenta múltiplas presenças e saberes. O estudo considera a obra de Marcelo D'Salete como expressão da literatura afro-brasileira, que desafia a hegemonia das narrativas tradicionais e reafirma a centralidade da experiência negra na construção do imaginário literário nacional.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Tem-se como objetivo geral neste projeto de dissertação contribuir para a ampliação das epistemologias decoloniais, ao destacar como *Mukanda Tiodora* integra saberes ancestrais e narrativas de resistência, promovendo um diálogo entre história, memória e subjetividade.

Objetivos específicos

- Examinar como a obra promove rasuras no cânone ao reposicionar histórias e memórias negras no centro da narrativa literária;
- Analisar como a figura de Tiodora promove possibilidades de representação da subjetividade feminina negra em contextos de resistência;
- Examinar a presença de múltiplos saberes da comunidade negra apresentados na obra, destacando sua contribuição para a literatura afro-brasileira e para o pensamento decolonial.

JUSTIFICATIVA

A escolha de *Mukanda Tiodora* como corpus deste estudo fundamenta-se na urgência de se ampliar o diálogo acadêmico a respeito da literatura afro-brasileira, que tem desempenhado um papel crucial na desconstrução de narrativas eurocêntricas e na afirmação de memórias negras. Nesse contexto, a obra de D'Saete não só narra a história de Tiodora, mas também propõe um resgate de vozes silenciadas pela historiografia oficial.

A pesquisa também se justifica pela necessidade de valorizar os quadrinhos como forma de expressão artística e histórica, rompendo com preconceitos que relegam esse formato a um lugar de menor valor cultural, principalmente no âmbito dos Estudos Literários. Ao abordar temas como a escravidão e a resistência negra, *Mukanda Tiodora* demonstra o potencial literário e também pedagógico dos quadrinhos para a educação histórica e a formação crítica.

Por fim, o estudo desta obra é relevante no campo dos estudos literários, culturais e decoloniais, pois dialoga diretamente com perspectivas como as de Aníbal Quijano (2005) e Enrique Dussel (1993), que questionam as bases epistemológicas e culturais do colonialismo. Desse modo, a análise crítica de *Mukanda Tiodora* pode contribuir para a ampliação do debate sobre representação, resistência e subjetividade na literatura brasileira contemporânea.

APARATO TEÓRICO

Um dos pilares que fundamenta este projeto de dissertação consiste na perspectiva decolonial adotada por teóricos como Aníbal Quijano, Enrique Dussell, Walter Mignolo e outros pesquisadores latino-americanos. Esta abordagem teórica busca desafiar as estruturas de poder coloniais e suas consequências, questionando as hierarquias e as formas de conhecimento impostas pelo colonialismo. Nesse sentido, a linguagem literária pode desempenhar um papel crucial ao expor e subverter as narrativas dominantes, desconstruindo estereótipos e revelando as contradições e injustiças presentes nas relações atravessadas pelo colonialismo.

A partir da perspectiva decolonial, que busca compreender as dinâmicas de poder e a construção de identidades dentro do contexto da colonialidade (Almeida; Silva, 2010), a linguagem literária no contexto afro-brasileiro, especialmente no que tange à representação da figura feminina, pode ser utilizada como uma forma de resistência, subversão e desobediência. Autores e autoras negros, ao se apropriarem da literatura brasileira como ferramenta de expressão artística, criam narrativas que confrontam as opressões coloniais e questionam as relações de poder, conferindo voz a figuras frequentemente marginalizadas pela violência colonial e patriarcal. Nas palavras de Almeida e Silva (2015),

O Pensamento Decolonial é uma vertente da crítica pós-colonial, especialmente das teorias surgidas na Ásia e África, no contexto das lutas de vários países colonizados pela libertação, produzindo reflexões acerca do que representou o Colonialismo para os países colonizados pela Europa (Almeida e Silva, 2015, p. 44).

Assim, ao adotar uma perspectiva teórica decolonial na análise de *Mukanda Tiodora*, esta pesquisa assume um caráter disruptivo, desafiando as estruturas de poder que estão postas canonicamente a partir de uma epistemologia branca e patriarcal. Ao mesmo tempo, contribui para a reflexão qualificada sobre a construção de uma identidade nacional e feminina autônoma e independente de crivos coloniais. De acordo com Aníbal Quijano (2005),

[...] a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e produtos exclusivamente europeus. Desse ponto de vista, as relações intersubjetivas e culturais entre a Europa, ou, melhor dizendo, a Europa Ocidental, e o restante do mundo, foram codificadas num jogo inteiro de novas categorias: Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-racional, tradicional-moderno. Em suma, Europa e não-Europa (Quijano, 2005).

Não é possível, portanto, que esta pesquisa sobre a representação feminina na literatura afro-brasileira seja desenvolvida sem que as vivências subalternizadas e

racializadas das mulheres sejam trazidas ao centro da discussão. Elas devem ser reconhecidas como sujeitos políticos dotados de um lócus de enunciação, rompendo com a epistemologia eurocêntrica. Isso é evidenciado por Nascimento (2021, p. 66), quando ele conclui:

Assim, **trazer o corpo de volta** tem a ver com recuperar a experiência de existência que tem sido sequestrada consistentemente pela colonialidade até os dias atuais. A ausência de sobrenomes africanos, por exemplo, é um dos casos mais nítidos de como a linguagem está inserida nessa experiência. (Nascimento, 2021, p. 66. Grifo do autor).

No contexto da representação de experiências de resistência feminina na literatura afro-brasileira, trazer o "corpo de volta" significa recuperar as experiências de existência e agência das mulheres negras brasileiras. A literatura torna-se, assim, um veículo para a resistência contra a desumanização e a marginalização impostas não apenas pelo colonialismo, mas também pelas dinâmicas internas de poder assentadas em estruturas patriarcais.

Na contemporaneidade brasileira, vê-se a necessidade de uma análise literária que contemple as particularidades das representações da mulher, especialmente à luz das questões de gênero e colonialidade, que inevitavelmente tocam em feridas ainda abertas como a do racismo. Nesse viés, o estudo da literatura afro-brasileira torna-se um campo fértil para a análise crítica das obras que emergiram desde as lutas abolicionistas até os dias de hoje, com especial atenção às representações femininas. Essas narrativas transcendem o mero relato de eventos e tornam-se meios de reafirmação da humanidade das mulheres negras, anteriormente negada pelo regime colonial. Essa reivindicação simbólica do corpo-político no resgate de memórias abre espaço para uma análise mais profunda das conexões entre a experiência individual e a esfera coletiva, o que pode proporcionar uma visão mais completa dos desafios enfrentados pelas mulheres negras no processo de construção de suas diversas identidades.

METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter qualitativo e adota a análise crítica como principal abordagem metodológica. O corpus será analisado a partir de três categorias centrais, quais sejam: as rasuras provocadas no cânone ao identificar e interpretar como a narrativa de D'Saete desloca estruturas e paradigmas canônicos; o alargamento de subjetividades negras femininas através da reflexão de como a obra representa a subjetividade de Tiodora, considerando o contexto histórico e as questões de gênero e raça; e, por fim, o reforço dos quadrinhos como gênero consolidado no campo dos Estudos Literários.

DISCUSSÃO

Espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para o campo dos estudos literários afro-brasileiros e decoloniais, destacando como *Mukanda Tiodora* desafia e desloca o cânone literário tradicional ao trazer para o centro da narrativa as experiências e subjetividades de uma mulher negra escravizada. Ao abordar a figura de Tiodora como símbolo de resistência e empoderamento, a pesquisa poderá revelar como a obra amplia as possibilidades de representação das subjetividades negras na literatura brasileira contemporânea.

Ademais, a análise das estratégias narrativas e visuais de Marcelo D'Saete reforça a consolidação dos quadrinhos como uma ferramenta crítica e pedagógica capaz de engajar novos públicos e promover reflexões sobre histórias silenciadas. Nesse sentido, o estudo também busca fomentar o debate sobre o potencial dos quadrinhos para desconstruir estereótipos e ressignificar o papel de vozes silenciadas na construção histórica do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. A. de; SILVA, J. F. da. Abya Yala como território epistêmico: pensamento decolonial como perspectiva teórica. *Revista de Educação. Caruaru*, v. 1, n.1, 2015.
- D'SALETE, Marcelo. **Mukanda Tiodora**. São Paulo: Veneta, 2022.
- DUSSEL, Enrique. **1492: O Encobrimento do Outro: A Origem do “Mito da Modernidade”**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- NASCIMENTO, Gabriel. Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala: marcar o não-marcado e trazer o corpo de volta na linguagem. **Trabalhos em linguística aplicada**, v.60, p. 58-68, 2021.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

Palavras-chave: Literatura. Resistência. Negritude. História em Quadrinhos

RELAÇÕES DE PODER-GÊNERO À LUZ DOS CONCEITOS DE EROS E TÂNATOS NA TRILOGIA SÃO FRANCISCO, DE WILSON LINS

Raike Barone Costa Santos¹

Isaias Francisco de Carvalho (orientador)²

Roberto Sávio Rosa (coorientador)³

APRESENTAÇÃO

Nossa pesquisa tem por objetivo analisar a *Trilogia São Francisco*, do escritor baiano Wilson Lins, com foco nas relações de poder e na problematização das relações de gênero. Para tal fim, realizaremos uma leitura das obras, bem como comentadoras/es e autoras/es que dialogam com nosso intento, tais quais Butler (2022), Freud (1974; 2016) e Bourdieu (2014). A saga, composta pelos romances *Os cabras do coronel* (1964), *O Reduto* (1965) e *Remanso da Valentia* (1967), é ambientada no sertão baiano e destaca os hábitos e o modo de vida na região durante o coronelismo (1900-1940), retratando as dificuldades naturais e como a masculinidade era determinada pelas estruturas sociais, marcadas pela truculência, enquanto as mulheres eram limitadas a papéis domésticos e de submissão.

Também intentamos promover uma análise da personagem Doninha Calango, pois representa a ruptura das regras sociais de poder e gênero. Inicialmente apresentada como uma mulher de grande beleza e desejada por vários homens, ela é tratada de forma pejorativa pelo narrador onisciente e sua trajetória trágica traz à tona os aspectos psicanalíticos de eros e tânatos na referida trilogia.

Nossos pressupostos sustentam que a obra de Wilson Lins apresenta aspectos das relações de poder entre os coronéis do sertão baiano, aspectos esses que estão presentes nas interações sociais e performances de gênero no início do século XX. Lins utiliza a história do Brasil para expor a violência física e psicológica contra a mulher, a dominação e a construção da masculinidade numa sociedade que enaltecia a suposta superioridade masculina face ao papel feminino socialmente construído.

¹rbcsantos.ppgl@uesc.br Bolsista CAPES.

²ifcarvalho@uesc.br

³savio@uesc.br

OBJETIVOS

Objetivo geral

Desenredar as relações de poder-gênero no coronelismo brasileiro (1900-1940) a partir da *Trilogia São Francisco*, do escritor baiano Wilson Lins, com ênfase nas performances da personagem Doninha Calango, à luz dos conceitos de eros e tânatos, numa perspectiva filosófico-psicanalítica.

Objetivos específicos

- Contextualizar historicamente o coronelismo na Bahia, a partir da obra de Wilson Lins, por meio de revisão de literatura pertinente.
- Caracterizar aspectos de performatização de masculinidade e feminilidade por meio da análise dos personagens em sua atuação nas relações de poder-gênero na *Trilogia São Francisco*, de Wilson Lins.

JUSTIFICATIVAS

Na *Trilogia São Francisco*, Wilson Lins apresenta imagens arcaicas expressivas que vão além dos personagens, valorizando o cotidiano do homem sertanejo. Relata as labutas de um povo, sua cultura e os efeitos que o coronelismo trouxe ao sertão baiano, ao usar Pilão Arcado como ambientação (Vergara, 2020).

Para Galvão (2010), as relações entre literatura e história aparecem com certa dubiedade, pois, mesmo nos ambientes acadêmicos, ainda existe uma divisão dos assuntos que são abordados pelo método teórico da história e pela arte literária. Sendo assim, nossa pesquisa se torna relevante, pois aborda aspectos históricos e sociais por meio da narrativa literária, demonstrando que a literatura vai além do papel de entreter a/o leitor/a, mas pode também mostrar as marcas, a cultura e as lutas de um povo e de uma classe.

O que torna as obras de Lins relevantes para a literatura regional é o fato de o autor mesclar na sua escrita elementos filosóficos e psicanalíticos, mostrando que as camadas que compõem os problemas sociais são mais profundas do que a política e as organizações de poder instrumentalizadas (Galvão, 2012). A realização de nossa pesquisa

justifica-se também por sua originalidade, visto que pretendemos enveredar pelo campo de um acontecimento histórico e entender as relações de poder e gênero pela ótica da literatura regional.

Desse modo, temos muito a contribuir com a pesquisa em literatura e suas interfaces, pois apresenta uma proposta inovadora no campo da literatura histórica regional, trazendo à luz a obra de um intelectual baiano que se preocupa não apenas em contar uma história, mas apresentar a cultura de um povo, seus temores, suas relações de poder e de gênero e desventuras cotidianas, além de conectar os campos dos estudos literários com a psicanálise e a filosofia. Nossa pesquisa tem a finalidade de beneficiar não apenas o pesquisador, mas também a comunidade acadêmica e estudantes de literatura brasileira, filosofia e psicanálise, mediante uma abordagem transdisciplinar e que poucas vezes fora trabalhada nas obras de Lins, além de promover a (re)descoberta do autor baiano.

APARATO TEÓRICO

A pesquisa tem por natureza uma análise qualitativa dos escritos e das obras e artigos relacionados às ideias filosóficas e eventos históricos presentes na literatura de Wilson Lins. A questão norteadora de nossa pesquisa volta-se a como as relações de poder-gênero são retratadas na *Trilogia São Francisco* e como autor trabalha os conceitos de eros e tãatos por meio da personagem Doninha Calango, além da problemática do papel da mulher na primeira metade do século XX, mais especificamente no período coronelista (1900-1940).

Como referencial teórico principal, nos voltaremos para às contribuições de André Luiz Galvão (2010;2012), Rosa, Cuozzo, Sena e Carvalho (2020), cujos comentários sobre as inspirações e as obras de Wilson Lins formam um arcabouço antológico basilar para compreender a *Trilogia São Francisco* e as relações de poder contidas na obra. Para desenvolver discussões sobre gênero e como o autor discorre sobre o tema durante as obras e a vida da personagem Doninha Calango, aportaremos os escritos de autoras/es importantes para os estudos culturais e psicanalíticos, a exemplo de Butler (2022), Bourdieu (2014) e Freud (1974; 2016).

Para maior compreensão e enriquecimento da pesquisa, utilizaremos comentadoras/es cujos artigos dialogam com nossa pesquisa, tais como Alvez (2000), que traz um panorama do papel da mulher no início do século XX, por meio de pesquisa de

campo e entrevistas com idosos que viveram o período; Almeida e Vicentin (2019), que comentam sobre os conceitos psicanalíticos de eros e tânatos e o desejo de repetição, comentados por Freud em *Além do princípio do prazer*; Azevedo e Neto (2015), que concentram suas atenções à pulsão de morte, o que será trabalhado em vários momentos de nossa pesquisa; Lazdan, Reina, Muzzeti, Ribeiro (2014) e Fistarol (2016), que apresentam o conceito de dominação masculina na obra de Bourdieu e a visão da psicanálise sobre a dependência emocional, fator determinante na trajetória de Doninha Calango. Embora alguns dos artigos e obras aparentem estar desatualizados, nossa pesquisa tem abordagem bastante específica. Visto isso, tais escritos são de vital importância para analisar os pontos principais do nosso projeto, por dialogarem especificamente com nossos objetos principais de pesquisa.

O coronelismo é uma parte importante da história brasileira. Na República Velha, o período foi uma das bases do domínio oligárquico com raízes profundas na tradição patriarcal brasileira. A política era comandada por grandes proprietários de terra, autoridades da região, a quem todos deviam favores e obediência (Galvão, 2010).

Naquela época existia a lei dos tribunais e a lei dos coronéis, onde eles resolviam as questões de suas localidades de acordo com que lhes conviesse e segundo o senso de justiça de cada um. O poder local tinha pouco ou até mesmo nenhum enfrentamento. Havia muitos abusos por parte dos coronéis, dos seus protegidos e também por seus jagunços (Silva, 2020).

Como afirma Galvão (2010), apesar de serem vistos como protetores e benfeitores pelos seguidores e aliados locais, os coronéis construíram uma história repleta de episódios de violência e concentração fundiária, estabelecendo constantes conflitos contra inimigos, governos e até contra a Justiça para defender seus interesses. É nesse contexto de violência e relações de poder que Wilson Lins desenvolverá a *Trilogia São Francisco*.

A trama é cercada de embates acirrados entre o Coronel Franco e seu antagonista, o coronel de Remanso, Torquato Thebas, além de trabalhar as relações de poder entre eles. Pilão Arcado vive sob as leis do Coronel, porém sua posição é dicotômica, visto que a mesma presença altiva e poderosa que traz segurança à Vila é a que exige que seus cidadãos peguem em armas para defender seus interesses (Santos, 2020). Isso é perceptível na seguinte passagem:

Quase toda população civil do município está armada, mas não se vê um crime em Pilão Arcado. [...] os fuzis do Coronel ninguém usa em briga particular. E aí de quem transgrida essa lei não escrita, mas tão rigorosamente cumprida.

[...] sua arma principal é o coração, e é pelo coração que ele domina todo esse sertão, onde tem muitos inimigos, é certo, mas onde também dispõe de dedicações fanáticas, como a minha. Eu morro por ele capitão. (Lins, 1964, p. 86)

As relações de poder e de gênero em Lins são representadas na figura da mulher recatada e caseira do início do século XX. A educação feminina era baseada na formação doméstica das meninas. Sobre isso Alvez afirma:

[...] no final do século XIX e início do XX evidencia um conjunto de valores presentes, de forma maciça, em diferentes camadas da população (médias e populares); alguns aplicar-se-iam indistintamente ao menino e à menina: ‘Respeito’, ‘Obediência’, ‘Honestidade’, ‘Trabalho’; mas outros seriam apenas ligados ao contingente feminino: ‘Submissão’, ‘Delicadeza no Trato’, ‘Pureza’, ‘Capacidade de Doação’, ‘Prendas Domésticas e Habilidades Manuais’. Esses valores recebem o rótulo de tradicionais, e cada grupo mostra, claramente, o que é esperado de um menino/rapaz e o que vem a ser o desejável para uma menina/moça. Ou seja, a educação não só se fazia diferente quanto propiciava que as distinções ficassem bem marcadas (2000, p. 234)

Com efeito, as relações de gênero no período do coronelismo eram permeadas pela dominação e subjugação masculina. Bourdieu (2014) salienta que o fato de estarmos imersos em estruturas históricas e padrões inconscientes de ordem masculina, de modo que nossas interações sociais foram calcadas sob essa ótica. Sobre essa questão, Galvão (2010) destaca uma personagem que é apresentada na primeira obra da trilogia e a caracteriza com o nome pejorativo de “mulher de todo mundo” (Lins, 1964, p. 12), Doninha Calango. Entre ela o narrador ocorre um jogo narrativo, pois ele fala de forma conservadora sempre que se refere a Doninha, como se ela fosse a culpada por todos os males que ocorrem na vida daqueles que a possuíram, retrato de como eram vistas as mulheres que se relacionavam com vários parceiros na época do coronelismo.

Num contexto onde a figura feminina digna é a mãe de família, frágil, trabalhadora, dona de casa e cuidadora dos filhos, uma mulher como Doninha Calango era justamente o oposto da decência (Galvão, 2012). A personagem é encarada como uma divergência da ordem natural, pois sua performance de feminilidade diverge dos padrões da sociedade conservadora de meados do século XX. De certo modo, a divisão e os papéis de gênero são pré-definidos, e parecem estar na ordem natural das coisas, ela está ao mesmo tempo incorpórea, nos corpos e nos hábitos da sujeita/o funcionando como um esquema de percepção, pensamento e ação (Lazdan *et al*, 2014).

Doninha Calango, é uma personagem trágica, destinada a conviver entrelaçada à força descomunal insaciável de eros e tânatos condenando os homens, que por ela deliram de desejo e prazer, a cair em desgraça (Rosa *et al*, 2020). Como afirmam Almeida e

Vicentin (2019), em Freud, eros, ou pulsão de vida, está relacionada às pulsões sexuais, são as forças que levam a/o sujeita/o a progredir em seu anseio pelo prazer, e tânatos, ou pulsão de morte, tem relação com a tendência à inanição e à inércia, é a busca pela instabilidade. Com efeito, é notória a personificação desses conceitos em Doninha Calango, pois, ao mesmo tempo em que ela se deitasse e se relacionasse com qualquer um que a desejasse fortemente, há uma necessidade interna da personagem em achar refúgio e aconchego em seus parceiros, mesmo sabendo que isso resultará em tragédia.

Visto isso, nossa pesquisa se baseará nos trabalhos dos autores citados, pois julgamos que seus conceitos são de importância ímpar para entendermos a obra de Wilson Lins, além da adição de possíveis obras e textos discutidos em sala de aula e descobertos durante o andamento da pesquisa. Porém, é preciso destacar a necessidade de novos estudos sobre Lins e seus escritos, pois elas trazem um importante relato das relações de poder-gênero no período do coronelismo. Também é importante uma atualização das discussões sobre a *Trilogia São Francisco*, porque poucos materiais foram lançados atualmente sobre o autor. Embora tenhamos uma base sólida para o desenvolvimento da pesquisa, esperamos que as constantes releituras dos textos escolhidos possam revelar caminhos ainda não percorridos e novos pressupostos, a fim de enriquecer o trabalho.

METODOLOGIA

Pretende-se, por uma pesquisa de natureza qualitativa proposta por Bardin (2017), identificar as relações de poder-gênero e o conceito de eros e tânatos presentes na *Trilogia São Francisco* de Wilson Lins. Para isso utilizaremos como principais fontes apoio o trabalho de autoras/es que problematizam a obra de Lins, como Galvão (2010; 2012) e Rosa, Cuozzo, Sena e Carvalho (2020), e as relações sociais e histórica entre os gêneros, como Butler (2022) e Bourdieu (2014). Além das análises freudianas de eros e tânatos, contidas em *Além do princípio do prazer* e *Id, ego e superego*, bem como mapear os debates, artigos e teses sobre as/os autoras/es.

A primeira etapa da pesquisa se concentra na releitura da *Trilogia São Francisco* e das/dos autoras/es já citadas, bem como levantar material bibliográfico que se relacione com os temas abordados. Em suma, essa fase busca mapear os trabalhos que se dialogam com nossa pesquisa.

A segunda etapa se voltará à qualificação do material levantado na primeira parte. Através de uma análise apurada dos artigos e obras complementares serão selecionadas

aquelas que mais conversam entre si, com semelhantes conceitos, objeções e pontos de vista. Os artigos serão encontrados através da internet, por meio da plataforma Google Acadêmico.

Por fim, na terceira etapa para trabalhar as questões e eros e tãatos, nos voltaremos ao estudo da psicanálise, mais especificamente a obra de Freud e como e ele desenvolve tais conceitos através da psique humana, e contextualizar estas ideias com a trajetória de Doninha Calango.

DISCUSSÃO

Lins publica a trilogia nos primeiros anos da ditadura militar no Brasil (1964-1967). Trazer uma escrita que almejava mostrar uma visão contrária aos movimentos de “luta” pela família, moral e bons costumes já é por si só um rompimento com a tradição social e os papéis de gênero comumente aceitos. Numa época onde se prezava pela “moral” e os “bons costumes”, onde censuras e violências subnotificadas tentavam passar uma imagem de um Brasil livre e sempre ordeiro, o resgate da memória de um passado recente, com certo isolamento geográfico, mas tão sombrio quando o futuro que estava por vir, a escrita de Lins torna-se relevante.

Além de dar ao sertão brasileiro um aspecto mais rico e divergente do imaginário brasileiro (a Bahia da seca, da terra rachada e do povo inculto e culturalmente inferior), Lins promove outra visão sobre o papel da feminilidade socialmente aceito, por meio de Doninha Calango. Wilson Lins promove não apenas o rompimento do cânone de sua época, como interroga a sociedade no início de uma ditadura que perdurou por 20 anos, que conceitos e tradições idealizadas que o povo brasileiro estava tentando manter. Apresentando um sertão forte e visões de gênero que subvertem a lógica conservadora, o escritor demonstra novas subjetividades e caminhos de vidas possíveis de serem vividas, com alegrias e desventuras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério Miranda; VICENTIN. Enio Clóvis. Pulsões de vida, pulsões de morte e compulsão à repetição. **Helleniká-Revista Cultural**, Curitiba v.1, n.1, p. 55-68, jan/dez 2019. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/hellenika/article/view/72>. Acesso em: 15/12/2024.

ALVEZ, Zélia Maria Mendes Biasoli. Continuidades e Rupturas no papel da mulher brasileira no início do século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo v. 16 n. 3, pp. 233-239, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/kj9szysyT59MGzyQc3d7xnf/?lang=pt> . Acesso em: 15/12/2024.

AZEVEDO, Monia Karine; NETO, Gustavo Adolfo Ramos Mello. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Revista Subjetividades**, Fortaleza v. 15 n.1, p. 67-75, abril de 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S235907692015000100008 . Acesso em: 15/12/2024.

BARDIN, Lalirence. **Análise de conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edição 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2014.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Unesp, 2022.

FISTAROL, Gabriele. Dependência emocional feminina: uma visão da psicanálise. **Periódicos UEL**, Londrina, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/>. Acesso em: 115/12/2024.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. Imago, Rio de Janeiro, 1976.

FREUD, Sigmund. **Id, ego e superego**. Imago, Rio de Janeiro, 1976.

GALVÃO, André Luiz Machado. O coronelismo como referência identitária: um estudo sobre a narrativa de Wilson Lins. In: **III Encontro Baiano de Cultura**, Feira de Santana. 2012.

GALVÃO, André Luiz Machado. **O coronelismo nas narrativas de Wilson Lins: espaços de poder**. Feira de Santana, Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). PPGLDC, UEFS, 2010.

GALVÃO, André Luís Machado, Joga pedra na Doninha: o foco narrativo conservador de *Os cabras do coronel*. **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA**, nº 01, ano I, agosto/2010. Disponível em: <http://www.publicacoes.ifba.edu.br/index.php/Pindorama/oai>. Acesso em: 15/12/2024

LAZDAN, Alessandra Munhoz; REINA, Fábio Tadeu; MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Renis Marçal. Dominação masculina de Pierre Bourdieu: críticas e reflexões a partir da psicologia analítica. **Repositório Unesp**, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7050>. Acesso em: 15/12/2024.

LINS, Wilson. **Os cabras do coronel**. GRD, Rio de Janeiro, 1964.

LINS, Wilson. **O Reduto**. Martins, São Paulo, 1965

LINS, Wilson. **Remanso da Valentia**. Martins, São Paulo, 1967.

LINS, Wilson. **O médio São Francisco: uma sociedade de pastores e guerreiros**. 3. ed., definitiva. Fundação Nacional Pró-memória, São Paulo, 1983.

ROSA, Roberto Sávio; CUOZZO, Gianluca; SENA, Iago Melo de Oliveira; CARVALHO, Aline Gonçalves de. A vontade de poder veste gibão de couro: Wilson Lins e as entranhas do sertão em guerra na Trilogia do São Francisco. **Revista de Ciências Humanas CAETÉ** v. 2 n.2, 38-69, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistadecienciashumanascaete/article/view/10993/7705>. Acesso em: 15/12/2024.

SILVA, Claudemir dos Santos; COSTA; Erika Maria de Azevedo; AZEVEDO; Nádia Pereira da Silva Gonçalves. O efeito do coronelismo da Bahia e no Maranhão: Uma análise discursiva. **Estudos Linguísticos, Sinop**, v. 13, n. 32, p. 138-154, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/7558>. Acesso em: 15/12/2024.

SILVA, Dorgival Ferreira. **Cangaço-Sentimentos, crimes, e lutas no sertão nordestino (1920-1930)**. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, (Trabalho de Conclusão de Curso), 2020.

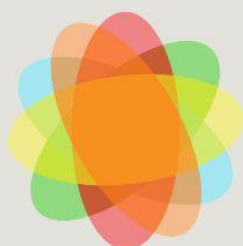
VERGARA, Miguel Arturo Chamorro. Imagens primordiais do sertão baiano por Wilson Lins, **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 13 n. 5 p.1-13, maio. 2020. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7757245>. Acesso em: 15/12/2024.

Palavras-Chave: Coronelismo. Poder-gênero. Sertão baiano. Wilson Lins. Psicanálise.



As pesquisas dessa linha voltam-se prioritariamente a abordagens teórico-metodológicas características da Linguística Aplicada, a partir das quais apresentam desdobramentos retomados em tópicos como: ensino/aprendizagem de línguas (Materna e Estrangeira); formação de professores de línguas; letramentos; linguagem e identidade; tradução.

**LINGUÍSTICA
APLICADA**



ppgi

JAN.2025
RESUMOS
APRESENTADOS:

**B
A
H
N
E**

O EMOCIONAR CRÍTICO EM TEMPOS DE BARBÁRIE NEOLIBERAL: REFLEXÃO E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Francielly Moraes¹²
Rodrigo Camargo Aragão¹³

APRESENTAÇÃO

A tendência necrófila é uma das marcas do coração daqueles que se aprazem pela ordem, autoridade e destruição da vida (Fromm, 1965). Na atual conjuntura, pode-se dizer que tal tendência nasce por meio de uma lógica perversa e insidiosa, que de acordo com Han (2015) se diferencia sobremaneira da sociedade do vigiar e punir foucaultiano já que a punição nas formas de vida neoliberal é mais autocentrada, trata-se antes do ato de autovigiar-se e autopunir-se. Com isso podemos pensar que a pulsão de morte ou o *tânatos* de uma sociedade neoliberal é, paradoxalmente, não o excesso de negatividade, mas de positividade, o que a torna incapaz de abrir espaço para a alteridade. (Han, 2015).

Deste modo, o que prevalece nas formas de vida neoliberal é a tendência de uma positividade intoxicante que leva o indivíduo a um constante desejo de autoaperfeiçoamento. Isto fica ainda mais latente quando pensamos que a sociedade neoliberal cria o que Safatle, (2020) classifica como “designs psicológicos”, nos quais os sujeitos são empresários de si, donos do próprio destino. Esta lógica exclui tudo que é alheio ao self do diálogo. O que este autor argumenta, entre outras coisas, é que há um benefício imenso para o Capital quando se psicologiza o trabalho, posto que a capacidade de gestão aumenta. Em outras palavras, o sofrimento causado pela autocobrança excessiva do indivíduo é lucrativo, posto que o sujeito irá ele mesmo se punir e, conseqüentemente, produzir mais. Nesta paisagem social em que impera uma lógica necropolítica, para utilizar um termo de Mbembe (2016), a escola tem um papel importante, qual seja, o da manutenção destes perfis sociais neoliberais prontos para competir no mercado de trabalho.

Uma das formas pelas quais esta manutenção ocorre é por meio de projetos e políticas públicas desenvolvidos em parceria entre o Estado e as iniciativas privadas, tais como o instituto Ayrton Senna e a Fundação Vivo. Para a criação e perpetuação destes projetos, estas empresas se utilizam de teorias psicológicas as quais se atrelam muito facilmente ao

¹² francymoraes22@gmail.com

¹³ rcaragao@uesc.br

discurso neoliberal. A partir desta contextualização, o presente trabalho possui os seguintes objetivos:

OBJETIVOS

Objetivo geral

A presente pesquisa visa compreender como se articulam as competências socioemocionais na BNCC, nos projetos de vida da SEC/BA, bem como no livro didático *English and More* (Weigel; Reschke, 2021) aprovado pelo PNLD por meio da Linguística de *Corpus*, (Sardinha, 2004), da Gramática do Design Visual (Kress e Van Leeuwen (2020) e dos estudos sociopolíticos das emoções (Amhed, 2004; Benesch, 2012; Boler, 1999; Zembylas, 2021) e, a partir disso, busca elaborar um material didático crítico-afetivo. Para tanto, divide-se nas seguintes etapas.

Objetivos específicos

- Traçar um panorama histórico sobre as políticas neoliberais na educação brasileira, com ênfase nos últimos governos, buscando discutir e problematizar as competências socioemocionais com ênfase nas críticas a lógica produtivista neoliberal (Foucault, 1987; 2010; Smolka; Laplane; Magiolino; Dainez, 2015; Freitas, 2018; Laval, 2019; Silva, 2023); refletir sobre o neoliberalismo como pano de fundo para a criação de sujeitos-empresa (Foucault, 1987; Han, 2015) bem como o seu necropoder e necropolítica (Mbembe, 2016);
- Desenvolver fundamentação teórica sobre os estudos sociopolíticos das emoções (Amhed, 2004; Benesch, 2012; Boler, 1999; Zembylas, 2021) e da afetividade crítica e compreender, a partir destas reflexões, o que implica em um material didático afetivo-crítico; com ênfase nos estudos de Aragão, 2007; Benesch, 2020; Zembylas, 2021; Morgan e Rocha, 2021; Tilio, Rocha e Hilsdorf, 2024; Maturana, 2009; 2011; 2019, entre outros;
- Analisar como as competências socioemocionais se materializam em documentos oficiais e nos materiais didáticos selecionados por meio da Linguística de *Corpus* (LC), da Gramática do Design Visual (GDV) e da perspectiva sociopolítica das emoções;
- Delinear as características do protótipo material didático (Rojo; 2017) enquanto material afetivo-crítico;
- Desenvolver um protótipo didático crítico-afetivo.

JUSTIFICATIVAS

Conforme Han (2015), nosso tempo é caracterizado pelo hiperdesempenho, ou seja, esta é uma época de excesso de positividade, bem como constante autoexploração, já que “somos, ao mesmo tempo, prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos”. (Han, 2015, p. 47). Nesta forma de vida autoflagelante, é preciso que o indivíduo aprenda a monitorar as próprias competências para não se desviar da esteira de produção. A luz desta discussão, como se camuflam a lógica das competências socioemocionais em documentos oficiais e materiais didáticos? Podemos dizer que há um “mercado de emoções” desejáveis nesta sociedade de desempenho e que nesta visão mercadológica a escola seria um espaço de aprendizagem, manutenção e reprodução de tais comportamentos?

A partir destas problematizações embrionárias, a presente pesquisa visa compreender como se articulam as competências socioemocionais na BNCC em materiais didáticos e, a partir disso, elaborar um Protótipo Material didático crítico-afetivo. O estudo pode contribuir para o coro de vozes as quais estão em busca de, cada vez mais, desbarbarizar a educação. (Cássio, 2019). Além disso, este estudo pode quiçá contribuir para uma compreensão do crítico que vá para além do ângulo individualista, haja vista que a criticidade na esteira neoliberal, consoante Tilio, Rocha e Hilsdorf (2024), é definida por um suposto “distanciamento do olhar” movido pela cognição. Contudo, esta visão termina por desconsiderar o quanto o emocionar colore a criticidade, ou, dito de outro modo, não é possível uma neutralidade ou distanciamento sem base afetiva/emocional. Assim, como afirma Zembylas (2021), apesar da visão que se tem a respeito do pensamento crítico como um conjunto de competências mensuráveis que pouco tem que ver com as emoções, a criticidade é intensamente afetiva.

Esta pesquisa é relevante, ainda, pois questiona as mãos neoliberais adentrando os espaços da escola e perpetuando uma cultura outra, mais mercadológica e menos colaborativa. Assim, buscando contrapor este enfoque individualista e, abrindo espaço para a interrelação entre o sentir e o pensar, esta pesquisa pode auxiliar na ampliação dos estudos mais críticos sobre as competências socioemocionais bem como no impacto que estes construtos político-ideológicos tem causado na educação, em especial, no tocante a redução das emoções a uma lista de vocábulos desconectados das questões sociais mais amplas com o intuito de instrumentalizá-las.

APARATO TEÓRICO

Este projeto tem como base Aragão (2007), que em seu percurso reflexivo, traz uma reconstituição das perspectivas sobre as emoções ao longo da história e em diversas áreas e campos de saber. Neste trajeto epistemológico, traz a discussão sobre o quanto o ocidente tem uma tradição que desconsidera as emoções e privilegia a racionalidade.

Também trago Boler (1999) e Smolka et al (2015) as quais problematizam esta instrumentalização das emoções para fins de desenvolvimento de competências e inteligências emocionais e afetivas o que Ilouz (2011) vai chamar de capitalismo afetivo.

Outro autor é Safatle (2016) o qual problematiza a generalização da forma-empresa no interior do corpo social. Para ele, “a forma-empresa faz com que os indivíduos, enquanto empresários de si mesmos compreendam seus afetos como autoaprimoramento, buscando inteligência emocional e otimizando os seus afetos para se tornarem mais e mais produtivos.” (Safatle, 2016, p. 291) Conforme discutido outrora, Han (2015) também afirma o mesmo ao diferenciar a sociedade autopunitiva neoliberal da sociedade punitiva foucaultiana.

Ahmed (2014) também numa perspectiva política das emoções compreende o emocionar como estando sempre em movimento, circulação e contradição, ou seja, em sua ótica, emoção também pressupõe equívoco, haja vista que o indivíduo não tem plena consciência e domínio do que sente.

Além disso, o conceito de necrofilia (Fromm, 1965) e de necropoder, o qual transformas pessoas em “mortos-vivos.” (Mbembe, 2016) também é utilizado aqui. Pautamo-nos, deste modo, nos muitos estudos que apontam o quanto a lógica do mundo empresarial tem invadido os muros da escola com as suas soluções prontas, bem como os impactos que isso tem causado. (Mueller 2020; Smolka; Laplane; Magiolino; Dainez 2015; Santos 2020; Vital 2020; Zwirtes; Martins 2020; Canettieri; Parahyba; Santos 2021; Silva 2023).

Ora, em um sistema que hipervaloriza a competição, marcado por uma rede de conversações, ou seja, numa cultura, profundamente adoecedora e patriarcal (Maturana; Verden-Zöllner, 2011) na qual importa o mérito e esforço individual bem como a exploração da vida e dos recursos naturais, a ideia de competência se faz necessária: é preciso que o *homo economicus* desenvolva e mantenha uma série de atitudes resignadas e pouco

questionadoras diante do mundo. E mais do que isso: internalizar esta voz de modo a tornar-se um ser-empresa.

Estas competências que o indivíduo precisa desenvolver para “vencer na vida” se fazem necessárias na sociedade neoliberal, visto que nela é indispensável que os sujeitos se adequem ao funcionamento do capital. Nesta linha, a escola, enquanto uma das importantes células do corpo social, necessita estimular nos indivíduos certas competências e habilidades para que eles se moldem ao caráter da sociedade.

METODOLOGIA

Utiliza-se como *corpus* o Projeto de Vida inserido no currículo do Novo Ensino Médio (NEM) do estado da Bahia, conhecido como “*pílulas de aprendizagem*”. Discute também o material “*Reconhecimento Docente de práticas pedagógicas com foco em Projeto de Vida*” (Bahia, 2020) em parceria com a Fundação Vivo para compreender como as competências socioemocionais foram mobilizadas pelos docentes participantes. Além disso, pretende analisar a BNCC e um o livro didático *English and More* (Weigel; Reschke, 2021) aprovado pelo PNLD para o Ensino Médio, buscando compreender as aproximações e distanciamentos entre estes e o Projeto de Vida. Por fim, a partir das reflexões empreendidas, busca desenvolver um Protótipo material didático (PMD) crítico-afetivo.

III. Etapas da pesquisa

- Revisão bibliográfica sobre o panorama histórico das políticas neoliberais na educação brasileira, das competências socioemocionais e sua interrelação com o neoliberalismo;
- Desenvolvimento da fundamentação teórica sobre a perspectiva sociopolítica das emoções, a afetividade crítica e material didático afetivo-crítico;
- Análise dos materiais didáticos selecionados por meio da LC, da GDV e da perspectiva sociopolítica das emoções;
- Discussão das características do protótipo material didático afetivo-crítico;
- Desenvolvimento do material didático e conclusões finais

III. Natureza da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois, na contramão de um viés positivista, visa uma problematização de fenômenos e experiências sociais e os seus significados (Gerhardt; Silveira, 2009; Denzin e Lincoln, 2006). Além disso, circunscreve-se em uma forma de pesquisar alinhada aos anseios de plantio de sementes para uma sociedade outra. Como apontam Denzin e Lincoln (2006, p. 17) “Nossa luta hoje é no sentido de relacionar a pesquisa qualitativa às esperanças, às necessidades, aos objetivos e às promessas de uma sociedade democrática livre”.

Além disso, a pesquisa se circunscreve dentro da Linguística Aplicada e pode ser caracterizada como interpretativista, pois se vale de reflexões a respeito de aspectos sociais mais amplos como, por exemplo, as relações de poder, ideologia, bem como a aspectos concernentes a história e a subjetividade (Moita Lopes, 1994).

Para a procedimentalização da análise dos textos verbais optamos pela Linguística de Corpus (Sardinha (2004). Mediante Sardinha (2004) A Linguística de *Corpus* é o campo que se dedica à coleta e análise de corpora, os quais, de acordo com ele, se configuram como dados textuais sistematicamente organizados, os quais abrem espaço para uma pesquisa detalhada baseada em dados da língua em real contexto de uso. Trata-se de uma forma de termos uma visão dos fenômenos da linguagem de forma mais abrangente, ou aquilo que Conrad (2002) denomina de “*big picture*”.

Para a análise dos textos não verbais utilizamos as metafunções de Kress e Van Leeuwen (2020), com ênfase em duas destas funções. A primeira é a metafunção composicional, a qual segundo Souza (2024) é responsável pela integração de diferentes modos semióticos no *layout* utilizando-se de três parâmetros: valor da informação, a saliência e o *framing*. A segunda é a metafunção interacional que é a responsável pelo diálogo ou relação estabelecida entre a imagem e o seu leitor na qual temos cenários de maior ou menor proximidade, relações de poder ou submissão, etc. como no processo que Kress e Van Leeuwen (2020) denominam de “*demand visual*” a qual cria um pseudo laço social entre a imagem e o leitor.

Para elaboração do material didático afetivo crítico, utiliza-se o protótipo material didático. (PMD). Opta-se por este modelo de material didático, pois, consoante Rojo (2017), o PMD, o qual se utiliza dos Objetos Digitais de Aprendizagem (ODAS), se constitui como um material que possui uma maior abertura, interatividade, navegabilidade bem como maior autoria docente e discente. Trata-se de um modelo

que possui flexibilidade, podendo ser reeditando, readaptado e repensado para diferentes sujeitos e contextos.

Procedimentos de pesquisa

I. Coleta e análise do corpus

- a) *Definição do corpus*: delimitar palavras-chaves a serem pesquisadas dentro dos materiais didáticos e da BNCC;
- b) *Preparação do Corpus para Análise*: realizar limpeza de dados e conversão para texto bruto (OCR);
- c) *Análise do corpus* verbal através do AntConc utilizando as funções *Word List*, *Concordance*, *Cluster* e *Collocates* e análise do corpus imagético a luz das metafunções composicional e interativa da GDV;
- d) Discussão dos resultados a luz da perspectiva sociopolítica das emoções;
- e) Preparação de estratégias para a produção de material didático;
- f) Elaboração de um PMD crítico afetivo a luz das discussões anteriores;

VIABILIDADE

Por se tratar de uma pesquisa documental, este trabalho necessitará de acesso aos documentos de análise. Salienta-se que são materiais de fácil acesso posto que estão disponíveis online. Além disso, a ferramenta que será utilizada para análise de *corpora* é igualmente gratuita e de livre acesso. No que concerne aos recursos físicos, a pesquisa necessitará dos materiais didáticos de língua inglesa aprovados pelo último PNLD. Outros materiais que poderão posteriormente ser analisados para complementar a pesquisa são os sites do Instituto Ayrton Senna e da Fundação Vivo. Por fim, outros recursos a serem utilizados são bibliográficos tais como livros, artigos, teses e dissertações.

DISCUSSÃO

Espera-se ao final deste trabalho compreender como as competências socioemocionais têm sido mobilizadas nos documentos analisados. Esperamos que ao final da pesquisa, possamos ter um panorama mais amplo a respeito de como as competências socioemocionais têm sido mobilizadas nas políticas públicas, mais especificamente no Novo Ensino Médio (NEM) com os Projetos de Vida e outros

materiais. Além disso, esperamos aprofundar a compreensão sobre a afetividade crítica e desenvolver um material didático que contribua para se repensar o *locus* do emocionar na sociedade da hiperprodutividade, buscando estabelecer um diálogo entre o sentir e o pensar, contrapondo a lógica reducionista das emoções a listas de vocabulários da ordem do positivo (Han, 2015), e do controle do emocionar para as funções de desempenho.

Como forma de partilhar o conhecimento que aqui se constrói, pretendemos realizar oficinas que tenham como mote a afetividade-crítica. Além disso, pretendemos socializar os resultados aqui encontrados por meio de publicações e apresentações em eventos.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Routledge, 2013.

ANDRADE, Samária. Quem tem medo das emoções?. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 25, n. 3, p. 23-38, 2023.

ARAGÃO, **Rodrigo**. Linguajar e emocionar os tempos de crise na formação de professores de línguas. In: MAGNO E SILVA, Walkyria, et al. **Desafios da formação de professores na Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes Editores, p. 241-274, 2019.

_____. **São as histórias que nos dizem mais: emoção, reflexão e ação na sala de aula**. 2007. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6YPR88>. Acesso em 23. set 2024.

BARCELOS, Ana, Maria. Ferreira; SILVA, Denise. Dinamarquese. Crenças e emoções de professores de inglês em serviço. **Revista Contexturas**, n. 24, p. 6-19, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/13771390/CREN%C3%87AS_E_EMOC%C3%87%C3%95ES_DE_PROFESSORES_DE_INGL%C3%8AS_EM_SERVI%C3%87O. Acesso em: 21 fev. 2024.

BARCELOS, Ana. Maria. Ferreira.; ARAGÃO, Rodrigo. Camargo.; RUOHOTIE-LYHTY, Maria.; GOMES, Gisele. da Silva. Colombo. Contemporary Perspectives on Research About Emotions in Language Teaching. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 22, n. 1, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/M5JxFD4G9Z3PQYmcfTpDW8s/>. Acesso em: 02. 08. 2024.

BENESCH, Sarah. Critical approaches to the study of emotions in English language teaching and learning. **The encyclopedia of applied linguistics**, p. 1-6, 2016.

- BENESCH, S. Exploring Emotions and Power in L2 Research: Sociopolitical Approaches. **Modern Language Journal**, Medford, MA, v. 103, n. 2, [s.p.], 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/modl.12575>.
- BENESCH, Sarah. Emotions and activism: English language teachers' emotion labor as responses to institutional power. **Critical Inquiry in Language Studies**, v. 17, n. 1, p. 26-41, 2020.
- BOLER, Megan. **Feeling power: Emotions and education** . New York: Routledge. 1999.
- BRITO, Eliana Póvoas Pereira Estrela. O Projeto de Vida no Novo Ensino Médio Baiano: do sujeito de direitos ao empreendedor de si. **Revista Educação em Questão**, v. 61, n. 69, 2023.
- CÁSSIO, F. Apresentação: Desbarbarizar a educação. In F. Cássio (Ed.), **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. Boitempo. 2019.p. 12–19.
- CANETTIERI, Marina Kurotusch; Parahyba, Jordana de Castro Balduino; Santos, Soraya Vieira. Habilidades socioemocionais: da BNCC às salas de aula. **Educação & Formação**, v. 6, n. 2, 2021.
- CONRAD, Susan. 4. Corpus linguistic approaches for discourse analysis. **Annual review of applied linguistics**, v. 22, p. 75, 2002.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Editora Companhia das Letras, 2012.
- DALBOSCO, Claudio Almir; SANTOS FILHO, Francisco Carlos dos; CEZAR, Luciana Oltramari. Desamparo humano e solidariedade formativa:Crítica à perversidade neoliberal. **Educação & Sociedade**, v. 43, 2022.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Artmed, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Tradução Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- FROMM, Erich. **O coração do homem. Seu gênio para o bem e para o mal**. Trad. Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- GERHARDT, Tatiana e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.
- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Zahar, 2011.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: The grammar of visual design**. Routledge, 2020.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Reimp. São Paulo: Atlas, v. 310, 2007.
- LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Boitempo editorial, 2019.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- MATURANA, H. e VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar – fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena Editora, 2011, 3ª edição.
- MBEMBE, Aquile. Necropolítica. **Revista Arte & Ensaio**, Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 10, n. 2, 1994.
- MORGAN, Brian; ROCHA, Cláudia Hilsdorf; MACIEL, Ruberval Franco. Literacies in times of crisis: a trioethnography on affective and transgressive practices. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, n. 2, p. 333-369, 2021.
- MUELLER, Rafael Rodrigo; Cechinel, André. A Privatização da Educação Brasileira e a BNCC do Ensino Médio: Parceria para as Competências Socioemocionais. **Educação UFSM**, v. 45, 2020.
- NEVES, A. et al. A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 126-179.
- ROJO, Roxane. Entre Plataformas, ODAs e Protótipos: Novos multiletramentos em tempos de WEB2. **ESpecialist**, v. 38, n. 1, p. 1, 2017.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Autêntica, 2016.
- SAFATLE, Vladimir. A economia é a constituição da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. p. 17-46.

SANTOS, Gleicy Schommer et al. **Educação socioemocional: o programa “O Líder em mim”**. In: **Pedagogia Concorrencial: uma crítica sobre o lugar estratégico da educação básica na produção de valores neoliberais**. Dissertação (Mestrado em sociologia), Universidade Federal da Paraíba. 2020.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. Editora Manole Ltda, 2004.

SILVA, Francisco Vieira da. Conquistando Corações e Mentes: As Competências Socioemocionais Como Reflexo da Racionalidade Neoliberal em Coleções Didáticas de Projeto de Vida. **Educação em Revista**, v. 39, 2023.

SILVA, Daniel do Nascimento e. 'A propósito de Linguística Aplicada' 30 anos depois: quatro truismos correntes e quatro desafios. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. spe, p. 349-376, 2015.

SILVA, Francisco Vieira da; MORAIS, Edvânia Batista de. REFLEXOS NEOLIBERAIS: discursos sobre o trabalho em coleções didáticas de Projeto de Vida do Novo Ensino Médio. **Momento-Diálogos Em Educação**, v. 31, n. 03, p. 298-315, 2022.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante et al. O Problema da Avaliação das Habilidades Socioemocionais como Política Pública: Explicitando Controvérsias e Argumentos. **Educação & Sociedade**, v. 36, n. 130, p. 219-242, 2015.

TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf. Educação linguística crítica para a transformação social radical: discussões sobre letramentos, criticidade e afeto em tempos de barbárie. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 40, n. 1, p. 202440157244, 2024.

VIDAL, Fernando; ORTEGA, Francisco. **Somos nosso cérebro?: neurociências, subjetividade, cultura**. n-1 edições, 2020.

VITAL, Soraya Cunha Couto; Urt, Sonia da Cunha. BNCC e as Competências Socioemocionais: Uma Análise Crítica às Propostas de Formação Continuada. **Revista Teias**, v. 23, n. 71, p. 256-268, 2022.

ZEMBYLAS, Michalinos. Adorno on democratic pedagogy and the education of emotions: Pedagogical insights for resisting right-wing extremism. **Policy Futures in Education**, v. 19, n. 7, p. 809-825, 2021.

ZWIRTES, Polyana; MARTINS, Maridelma Laperuta. A BNCC em Evidência: Aproximações do Currículo com a Proposta de Tyler e a Pedagogia das Competências. **Ensino & Pesquisa**, v. 18, n. 3, p. 35-52, 2020.

Palavras-chave: Competências Socioemocionais. Neoliberalismo. Afetividade-crítica. Projeto de Vida.

A ARGUMENTAÇÃO DE RACIONALIDADE PRÁTICA NA POLÊMICA SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO: CONSTRUÇÃO DO ARGUMENTÁRIO

Joelene tavares Correia¹
Eduardo Lopes Piris²

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, o debate público sobre a implementação do Novo Ensino Médio tem fomentado discussões e controvérsias acaloradas em nosso país. A exemplo, podemos citar o processo de ocupação de escolas por estudantes que se posicionaram de forma contrária a essa proposta. Em suas pesquisas, Boutin e Silva (2018, p. 524) apontaram, com base em dados divulgados pelo Movimento Ocupa Paraná, que o número de ocupações no ano de 2016 chegou a 836 escolas, 13 universidades e três núcleos de educação, só no estado do Paraná. Além dessas manifestações, no mesmo ano, educadores se uniram na Criação do Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio, que resultou na publicação de um Manifesto que indicava os motivos pelos quais eles discordavam do referido Projeto de Lei. Desde então, após marcos importantes a respeito da implementação da proposta em nosso país, tal controvérsia foi se tornando mais robusta, à medida que os grupos de diferentes posicionamentos começaram a argumentar em espaços midiáticos.

Diante desse contexto, a análise da argumentação prática, que se orienta à discussão fundamentada na resolução de uma problemática, desempenha um papel fundamental para compreender os diversos posicionamentos e embates mobilizados nessa controvérsia. Nesse sentido, nossa pesquisa propõe uma investigação aprofundada do funcionamento da argumentação prática nesse cenário de confrontos, além de buscarmos construir, descrever e analisar o argumentário mobilizado pelos diferentes atores envolvidos no referido debate.

Fundamentaremos nossa investigação em estudos que abordam a contextualização, delimitação de conceitos e descrições metodológicas e analíticas de nosso objeto de estudo. No que diz respeito à compreensão e delimitação do conceito de

¹jtcorreia@uesc.br Bolsista CAPES.

²elpiris@uesc.br Prof. Dr. (UESC)

argumentação prática, partiremos dos estudos de Gonçalves-Segundo (2019; 2023) e Gómez (2018). Já ao que se refere à compreensão, delimitação e processo metodológico da construção de um argumentário, recorreremos aos estudos de Silva (2022). A respeito da identificação, análise e discussão dos argumentos, bem como a descrição dialógica dos esquemas argumentativos, nos basearemos em diferentes autores como Toulmin (2006 [1958]), Perelman e Obrechts-Tyteca (1996), Fiorin (2015) e Grácio (2013).

Outro fator importante a ser salientado, é o rigor com que seguiremos a nossa metodologia, que desenha o passo a passo, desde a constituição do *corpus* até à sua análise e interpretação. Para isso, orientamos nossa investigação buscando responder à seguinte pergunta central de nossa pesquisa: como se dá o funcionamento da argumentação prática, qual é o argumentário e como ele é mobilizado na controvérsia sobre a implementação do Novo Ensino Médio? Ao respondermos a esse questionamento, esperamos contribuir para uma melhor compreensão dos processos argumentativos envolvidos no debate público e tomada de decisão no âmbito educacional, fornecendo reflexões importantes para pesquisadores e demais interessados da área.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender e retratar o funcionamento da argumentação prática, bem como construir, descrever e analisar o argumentário mobilizado no debate público sobre a implementação do Novo Ensino Médio.

Objetivos específicos

- Pesquisar e elaborar uma discussão sobre a argumentação prática, com base nos estudos de diferentes autores, buscando caracterizá-la na controvérsia sobre a implementação do Novo Ensino Médio;
- Identificar e construir de forma dialógica os esquemas argumentativos relacionados aos diferentes posicionamentos, de modo a retratar o argumentário do debate;
- Mapear, descrever e analisar os argumentos que geram subquestões e os argumentos que não possibilitam a construção de subquestões nos grupos que, inicialmente, apresentam o mesmo posicionamento;
- Construir um percurso metodológico integrador para a análise de textos

de racionalidade prática em uma discussão pública.

JUSTIFICATIVAS

Em nossas investigações, encontramos diferentes autores, a exemplo de Gonçalves-Segundo (2019; 2023) e Gómez (2018), que vêm empreendendo esforços para apresentar um conceito elucidativo e aplicável em análises de distintos gêneros argumentativos que apresentam a configuração da argumentação prática. Além de estudos que se debruçam sobre o objetivo de construir argumentários, com base em debates públicos, a saber Silva (2022) e Haynal (2023). Contudo, observamos que tais pesquisas não focalizam a compreensão, análise, descrição e discussão de argumentos que geram subquestões no debate público, trabalho que nos propomos realizar a desenvolver.

Com isso, enfatizamos que esta pesquisa contribuirá para a consolidação de um conceito robusto de argumentação prática multidisciplinar e integradora. Além de elucidar os caminhos para a construção de um argumentário de um debate público, com foco nos argumentos que geram subquestões, e, por fim, apresentar a construção de um percurso metodológico integrador que possibilite a análise de textos de racionalidade prática em uma discussão pública.

Para mais, focaremos na compreensão de como surgem os argumentos que provocam subquestões e como eles são mobilizados na controvérsia sobre o Novo Ensino Médio. Em nossa revisão de literatura, não encontramos nenhum trabalho que tenha realizado tal tarefa. Assim, nossa pesquisa oferecerá a construção de um argumentário com características peculiares, para além do que já vem sendo proposto em outros estudos.

Por fim, pontuamos o impacto social e pedagógico de elegermos o debate público a respeito da implementação do Novo Ensino Médio para desenvolvimento de nossas análises. Visto que, tais discussões têm se intensificado nos últimos anos, devido à proposta ter se tornado obrigatória em nosso país. Atualmente, muitas são as manifestações que envolvem alunos, órgãos públicos, figuras políticas, professores, entre outros. Assim, acreditamos que ao mapearmos o argumentário dessa controvérsia, contribuiremos de forma expressiva para a compreensão e elucidação da temática, oferecendo a visualização de argumentos instanciados dos diferentes posicionamentos que permeiam o debate.

APARATO TEÓRICO

Em nossas pesquisas prévias, fizemos um mapeamento de textos que contribuem de forma direta ou indireta para a elaboração de nosso trabalho. Após essa atividade, elegemos a tese de Gonçalves-Segundo (2023) como o texto de maior relevância para o desenvolvimento de nossa pesquisa, pois, nela, o autor apresenta um conceito de argumentação prática ampliado por meio de um diálogo estabelecido com diversos autores, o que ele chama de teoria integradora. Esse trabalho fundamentará a elaboração de nossa metodologia de análise de textos de configuração da argumentação prática.

Outro trabalho que nos ajuda a conceituar o que é argumentação prática também foi desenvolvido por Gonçalves-Segundo, no ano de 2019. Nele, o autor apresenta um resumo da teoria com base nos estudos de Fairclough & Fairclough (2012), como também oferece uma ampliação do conceito estudado, apoiado na proposição de um conjunto de critérios (eficácia, viabilidade, eficiência, inofensividade, beneficiamento e respeito aos valores), que estão relacionadas a cinco Circunstâncias (Motivadoras, Viabilizadoras, Bloqueadoras, Adversas e Catalisadoras).

De acordo com Gonçalves-Segundo (2019), de forma resumida, a argumentação prática se desenvolve com base na leitura das Circunstâncias vigentes, as quais apresentam um problema que requer uma solução. Essa solução é apresentada por meio da Proposta de Ação em que o Objetivo é resolver o problema, isto é, “superar o estado de coisas presente que é indesejável, inaceitável ou aprimorável” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2019, p. 115).

Ainda com o objetivo de compreendermos o conceito de argumentação, investigaremos outros autores que discutem tal conceito, a exemplo podemos citar Julder Gómez (2018). Em seu estudo, o autor aborda uma importante distinção, a saber: (i) argumentação prática não pode ser reduzida ao raciocínio argumentativo prático, (ii) nem tão pouco ao raciocínio prático. Descrever essa distinção em nossa pesquisa é de suma importância, pois é comum que esses conceitos sejam tomados como sinônimos.

Outro conceito caro para o desenvolvimento de nossos estudos é a noção de argumentário. Para compreendê-lo, bem como entender como constituí-lo e analisá-lo, recorreremos à investigação realizada por Silva (2022). O autor caracteriza o argumentário da seguinte forma:

Argumentário consiste, pois, no repertório a partir do qual distintos argumentadores (i) recrutam argumentos circulantes acerca da problemática em questão, bem como (ii) podem retroalimentar a rede de argumentos no momento da instanciação de um argumento sob a forma de distintas materialidades linguísticas. Tal materialização linguística, por seu turno, pode acabar por resultar em distintos pontos de desacordo para, assim, culminar em

um argumento outro que passa a integrar a rede de argumentos possíveis a serem recrutados por outros argumentadores (Silva, 2022, p. 93).

Além de caracterizar o argumentário, Silva (2022) apresenta uma metodologia para elaboração de *corpus*, e construção do argumentário do debate público sobre a implementação do Projeto de Lei “Escola Sem Partido”. As etapas descritas e elucidadas pelo autor subsidiarão a escolha de nosso *corpus*, bem como os primeiros passos que daremos rumo à elaboração do argumentário da controvérsia analisada.

Por fim, outra ação de suma importância para o desenvolvimento de nosso trabalho é a realização do desenho histórico da controvérsia sobre a implementação do Novo Ensino Médio no Brasil. Para isso, faremos um apanhado das leis e documentos educacionais que subsidiaram tal proposta, buscando compreender as perspectivas que fundamentam esses documentos. Nesse sentido, partiremos dos estudos de Cássio e Goulart (2022), bem como de Boutin e Silva (2018), que apresentam uma discussão ampla sobre o Novo Ensino Médio, em nosso país.

METODOLOGIA

Do tipo da pesquisa

Ao que diz respeito aos aspectos metodológicos, com base nos tipos de pesquisa indicados por Gil (2008, p. 41-48), este estudo apresenta natureza bibliográfica e documental, como também assume caráter descritivista, interpretativista e analítico. É bibliográfica, porque será desenvolvida com base em material já elaborado (livros e artigos sobre a temática); é documental, pois, segundo Gil (2008, p. 45-46), a natureza das fontes “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico [...]”, o que faremos em nosso trabalho ao analisarmos textos midiáticos acerca do debate público sobre o Novo Ensino Médio; e, por fim, assume cariz descritivista, interpretativista e analítica, visto que buscaremos descrever, interpretar e analisar os processos argumentativos mobilizados em uma controvérsia pública, como também descrever, interpretar e analisar a configuração da argumentação prática e do argumentário, no mesmo debate.

Da constituição do *corpus*

Compreendemos que o número de textos argumentativos que circularam na mídia, desde a proposta do Novo Ensino Médio, são incontáveis. Nesse sentido, preocupamo-nos com a constituição de um *corpus* representativo, que apresente de igual forma textos

de dois posicionamentos: argumentações a favor e contra a proposta. Além disso, prezamos que tais textos sejam de diferentes gêneros textuais (orais e escritos). Para isso, elaboramos critérios que possam nos guiar na prática de recorte de nosso *corpus*, tais como:

- Escolha de textos midiáticos correspondentes a instâncias de diferentes posicionamentos a respeito do assunto em questão, desde 2017 (ano no qual a lei 13.415/2017 foi aprovada, apresentando o Novo Ensino Médio) a 2023 (ano no qual foi proposto o projeto de lei nº 5.230/2023 elaborado pelo Ministério da Educação, que tenciona alterações para o Novo Ensino Médio);
- Observação de datas significativas no que diz respeito às decisões governamentais sobre a proposta do projeto. Dessa forma, escolheremos textos de diferentes posicionamentos e interações (monogeridas e poligeridas), de gêneros opinativos (artigos de opinião, podcasts, cartas abertas), que tenham sido publicados em jornais, *Youtube*, *TikTok* e outras plataformas, sempre prezando por até 60 dias após as resoluções públicas sobre a temática;
- Após a escolha dos textos, prezando até 60 dias subsequentes às datas significativas, compararemos o material selecionado com o resultado apresentado pelo *Google Trends* (ferramenta que mostra um panorama de informações como dia, mês e ano em que um assunto foi pesquisado com maior interesse no *Google*);
- Ao fazermos a comparação entre a seleção prévia de nosso *corpus* com os pontos auge do gráfico do *Google Trends*, descartaremos os textos que apresentem datas diferentes das mostradas pela ferramenta, pois objetivamos ter um *corpus* que represente os períodos de maior interesse sobre o assunto;
- Organizaremos os textos que sobejaram em dois agrupamentos: textos de posicionamento contrário à proposta e textos de posicionamento a favor do projeto, seguindo a ordem de ano, mês e dia de postagem;
- Realizaremos leitura analítica prévia para seleção dos textos de racionalidade prática, para desconsiderar aqueles que não apresentam tal tipo de argumentação;
- Faremos a identificação de argumentos, teses, acordos, desacordos, questões e subquestões mais recorrentes para construção do perfil do *corpus*, descartando os textos que não apresentam tais elementos;

- Por fim, elaboraremos um quadro representativo dos dois agrupamentos de textos, buscando manter igualdade de quantidade, ou seja, os excedentes serão descartados.

Da análise e interpretação do *corpus*

Após a constituição do *corpus*, seguindo os critérios descritos na subsecção anterior, passaremos à análise dos textos selecionados. No primeiro momento, buscaremos compreender como se dá a configuração da argumentação prática no debate público sobre a implementação do Novo Ensino Médio. Para isso, partiremos da proposta discutida por Gonçalves-Segundo (2023), que apresenta uma perspectiva multidisciplinar e integradora, considerando quatro propriedades do argumentar, a saber: a lógica, a retórica, a dialética e a sociossemiótica. Investigar um debate público por meio desse panorama nos permite romper os limites de uma análise restrita a apenas alguns aspectos da argumentação, mas sim ampliá-la.

Além de recorreremos às quatro propriedades do argumentar, também aplicaremos os critérios da argumentação prática, discutidos por Gonçalves-Segundo (2023; 2019). Para compreendermos como esse tipo de argumentação ocorre no debate, partiremos da observação de cinco eixos prototípicos da argumentação prática, descritos pelo autor: o eixo, interrogativo, o eixo propositivo, o eixo decisório, o eixo interativo e o eixo situacional.

Após essa primeira etapa da análise, faremos a diagramação dos argumentos encontrados, segundo o modelo de Toulmin (2006 [1958]), buscando identificar e descrever seus esquemas argumentativos. Para isso, partiremos dos esquemas mais recorrentes da argumentação prática apontados por Gonçalves-Segundo (2023), mas também recorreremos a outros autores que indicam outra gama de esquemas argumentativos, como: Perelman (1992 [1977]), Perelman e Obrechts-Tyteca (1996), Fiorin (2015), Grácio (2013), entre outros.

Em seguida, elaboraremos o argumentário mobilizado, destacando os argumentos que geram as subquestões nos grupos de mesmo posicionamento. Para alcançarmos esse objetivo, usaremos a metodologia aplicada por Silva (2022), que descreveu um percurso metodológico ao realizar a construção do argumentário sobre o debate público acerca da escola sem partido.

Por fim, buscaremos descrever, de modo didático, um percurso metodológico que possa ser replicado em outras análises de controvérsias que apresentem

argumentação de racionalidade prática. Com esse fim, elaboraremos um quadro representativo que ilustre o passo a passo das ações a serem tomadas, organizadas de forma gradativa, seguindo nosso método de análise da controvérsia sobre a implementação do Novo Ensino Médio.

DISCUSSÃO

Diante dos objetivos apontados neste projeto de pesquisa, acreditamos que nossa investigação ofereça um panorama histórico e teórico para uma compreensão aprofundada a respeito da argumentação prática e seu funcionamento. De modo a apresentar os padrões argumentativos, estratégias retóricas e elementos discursivos usados pelos diferentes atores de diferentes posicionamentos.

Também esperamos construir uma descrição representativa, além de produzir uma análise crítica do argumentário mobilizado pelos diferentes grupos, com foco na compreensão de argumentos que geram subquestões. Para além, almejamos oferecer um método analítico, que seja integrador, para o desenvolvimento de análises de diferentes controvérsias que apresentem racionalidade prática. Por fim, desejamos que nossas constatações, por se basearem na análise do debate público sobre a implementação do Novo Ensino Médio, forneçam percepções importantes sobre os processos argumentativos e as tomadas de decisão no âmbito educacional, que possam subsidiar reflexões e debates futuros sobre políticas educacionais em nosso país.

REFERÊNCIAS

BOUTIN, Aldimara Catarina; SILVA, Karen Cristina Jenses Ruppel. Novo ensino médio e educação integral: contextos, conceitos e polêmicas sobre a reforma. **Educação**, Santa Maria, v. 43, n. 3, p. 521-534, jul/set. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1171/117157485009/117157485009.pdf>.

CÁSSIO, Fernando; GOULART, Débora Cristina. A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: das promessas da reforma ao ensino médio nem-nem. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 16, n. 35, p. 285-293, ago. 2022. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1620>.

FIORIN, José Luiz. Argumentação. São Paulo: Contexto, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ, Julder. O que é argumentação prática? Tras. Daniel Mazzaro Vilar De Almeida. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 17, p. 172-196, 2018. <https://doi.org/10.17648/eidea-17-2285>.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A configuração funcional da argumentação prática: uma releitura do layout de Fairclough & Fairclough (2012). **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 19, v. 2, p. 109-137, 2019.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Argumentação prática**: teoria, método e análise. 2023. 395 f. Tese (Livre-docência) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2023.

GRÁCIO, Rui Alexandre. Tipologias argumentativas (Perelman & Olbrechts-Tyteca). In: GRÁCIO, Rui Alexandre. **Vocabulário crítico de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013. Disponível em: <https://www.ruigracio.com/VCA/TipoloArgPerel.htm>

HAYNAL, Thabata Dias. “**Por quais estátuas os sinos do nosso luto dobram?**”: construindo o argumentário do dissenso em torno de monumentos racistas e colonialistas no Brasil. 2023. Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. DOI 10.11606/D.8.2023.tde-23052023-113031. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-23052023-113031/>.

PERELMAN, Chaïm. **O império retórico**. Tradução: Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Edições ASA: Porto, 1992 [1977].

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SILVA, Lucas Pereira da. **Explorando o Argumentário**: uma análise lógico-discursiva do debate público sobre o ensino sem partido. 2022. 352 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

Palavras-chave: Argumentação Prática. Argumentário. Debate Público. Novo Ensino Médio.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FORMAÇÃO ANTIRRACISTA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM PORTO SEGURO/BA

Kemilly Jovelina Rodrigues dos Santos¹

Gabriel Nascimento (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Este projeto de pesquisa propõe investigar como o racismo se apresenta no ensino de língua portuguesa na educação básica em Porto Seguro-Ba e discutir como ou se são abordadas temáticas pautadas na Lei 10.639/03 nas aulas de língua portuguesa em dois colégios da educação Básica, um ao centro e outro localizado em bairro periférico. A pesquisa é pensada para a educação básica na cidade de Porto Seguro, no Sul da Bahia, onde carece de pesquisas linguísticas voltadas às heranças africanas nesse território, havendo, portanto, a necessidade de analisar como o racismo se apresenta no ensino de língua portuguesa. A escolha da análise nessa cidade se deve à sua história, caracterizada como lócus territorial do “descobrimento do Brasil”, tendo importância política e social, pois possibilita aprofundar um olhar antirracista para a formação dos professores e professoras, bem como almejar a melhora da capacitação profissional.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar como os professores de língua portuguesa da educação básica em Porto Seguro/BA, durante e após uma formação antirracista, constroem as noções de racismo linguístico e como essas noções podem impactar na sua atuação.

Objetivos específicos

- Refletir teoricamente os impactos do racismo linguístico nas aulas de língua portuguesa na educação básica do Brasil;
- Discutir como ou se são abordadas temáticas pautadas na Lei 10639/03 nas aulas de língua portuguesa de dois colégios da educação Básica de Porto Seguro/BA;
- Analisar a prática pedagógica de professores de língua portuguesa de Porto

¹ ketty26bahia@gmail.com Bolsista [FAPESB].

² gabriel.santos@csc.ufsb.edu.br

Seguro/BA após participarem de uma formação continuada pautada na educação linguística e antirracista.

JUSTIFICATIVAS

Esta pesquisa é de grande valia para a melhoria educacional na cidade de Porto Seguro/BA, podendo ser usada para aperfeiçoamento da formação de seus professores e avanços no ensino aprendizagem em larga escala a partir dos dados recolhidos e das futuras análises.

Observando como a disparidade no ensino de línguas no Brasil e como pautas das desigualdades étnico-raciais, em geral, são abordadas de forma superficial, é importante o viés social e político que esta pesquisa elucida através dos dados educacionais. Como a educação é inerente ao desenvolvimento de uma sociedade, é necessário que tais assuntos sejam discutidos de forma que a Lei 10.639/03 possa ser executada.

Além disso, esta pesquisa foi pensada a partir das minhas observações na iniciação científica sobre ensino de línguas e no estágio em uma escola estadual de Porto Seguro/BA, quando me incomodava os autores negros não serem trabalhados nas aulas de língua portuguesa, o assunto raça quando questionados a partir da literatura ser ignorado e tratado de forma como se não interessasse à aula, sendo que as turmas são compostas majoritariamente por alunos negros. Em vista disso, como professora e pesquisadora, senti a necessidade de realizar este projeto e aprofundar nas temáticas supracitadas.

Além disso, o curso de formação continuada antirracista para professores/as pode resultar melhoria do ensino aprendizagem, trabalhar novos autores, conceitos e termos, fomentando os alunos a se reconhecerem enquanto alunos negros. Dessa maneira, demonstrando, que a educação é sim para eles ao incentivar novas dinâmicas para as aulas de língua portuguesa. Assim será possível entender como a prática reflexiva contribui para que os professores analisem e reflitam criticamente acerca da realização da sua própria prática.

APARATO TEÓRICO

O racismo no Brasil é mais que estrutural, é estruturante. O racismo é estrutural, porque provém de relações advindas de um intenso sistema colonial construído em uma estrutura, ele é também estruturante por continuar estruturando as relações de poder na

atualidade. O racismo no Brasil é um caso de cenário emblemático, iniciando-se com o Brasil colônia. Com a chegada dos portugueses, houve um genocídio de grande proporções com os povos originários. A partir disso, o tráfico negreiro trouxe os africanos sequestrados do continente africano para serem explorados como mercadorias.

O Brasil, por ter sido um dos países que mais recebeu negros escravizados, chegou a totalizar mais de 5 milhões de seres humanos (ARAÚJO, 2016), isto é, 40% de todos os negros escravizados nas Américas (ANYA, 2016). “A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e a posição social inferior” (SOUZA, 1983, p. 5).

Assim, o sistema estrutural racista, ao longo dos séculos, vem criando e moldando novas formas de controlar o corpo negro, como no pós-abolição, onde o sistema prisional foi criado como mecanismo de reorganização da instituição escravocrata. Os discursos sobre o corpo foram e são essenciais para a constituição do racismo. Para Foucault (1997), isso tem grande importância, porque o corpo é a matéria física na qual se circunscreve e se manifesta a materialidade do viver e do sentir.

Desse modo, o sujeito é visto como uma estrutura, portanto, que pode ser moldada e é passível de técnicas disciplinares de controle. O corpo, ao contrário do sujeito que se constitui socialmente, é superficial. E, nesse sentido, sofre a ação das técnicas de poder presentes em instituições como escolas, hospitais, prisões, etc. Nessa construção, o micropoder tem como fatores a disciplina e a vigilância para docilizar corpos e comportamentos. “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injeção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (SOUZA, 1983, p. 2).

Entre a população brasileira, segundo dados do (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 56% das pessoas se autodeclaram negras ou pardas, e há alguns anos essa população vem alcançando avanços possibilitados, por exemplo, pelas “cotas nas universidades [...]” que resultaram “em um acalorado debate sobre a questão [...], trazendo a possibilidade de pensarmos uma sociedade mais justa e igualitária para o Brasil” (FERREIRA, 2012, p. 197). As Leis Federais 10.639/03 e 11.645/08, juntas, tornam obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, no ensino fundamental e médio nas escolas públicas e privadas. Elas ainda intensificam a criação, pelas universidades, dos (Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABS) que, em 2012,

já eram mais de 70 (FERREIRA, 2012). Apesar de alguns avanços, a violência para com a população negra no Brasil segue sendo exagerada. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) apontam que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 maior que uma pessoa não negra. Quanto aos negros vítimas de homicídio, entre 2009 e 2019, as taxas de homicídio apresentaram uma diminuição de 20,3%, sendo que entre negros houve uma redução de 15,5% e entre não negros de 30,5%, ou seja, a diminuição das taxas de homicídio de não negros é 50% superior à correspondente à população negra. Da mesma forma, as mulheres negras têm 4,1 maiores chances de serem assassinadas em comparação à taxa de 2,5 para mulheres não negras.

Desse modo, o racismo, ao longo da história, reflete-se fortemente na educação. “Um olhar mais atento sobre a realidade escolar nos mostrará que a nossa escola ainda prima por um modelo branco, masculino, heterossexual e jovem” (GOMES, 2000, p. 87). A educação linguística (SOUZA NETO, 2021) pautada pelo ensino da gramática normativa norteia essa realidade, fazendo a separação entre “quem sabe falar” e “quem não sabe falar”, sendo que todas as pessoas são possíveis de estabelecer comunicação e, objetivo da língua é se fazer entender. Nesse sentido, passa a haver as classificações de comunicação simples e comunicadores simples, onde Veronelli (2021) descreve que comunicação simples revela um grau de consciência, e, inclusive, de autoconsciência. Os comunicadores simples emitem sons e fazem gestos que têm um sentido que, embora não seja meramente denotativo, nada mais é do que uma comunicação dialógica racional. Outra problemática é a classificação do dialeto, que é direcionada para os indivíduos que não falam a língua padrão, mas isso não se aplica se usada por jovens brancos de classe média, mas é aplicado para as pessoas negras ou pessoas do interior.

O epistemicídio produz ainda a imagem de si através da língua. Em um processo de automonitoramento, o próprio falante branco e urbano, muitas vezes produz erros de concordância, achando estar produzindo uma língua “correta”. É o caso da hipercorreção.” [...] Assim, ele próprio se atrapalha em seu senso de língua “correta” e língua “errada”. A língua portuguesa sofreu grande influência africana, o próprio dialeto ajudou a moldar a língua que temos e através disso a língua modifica o sujeito, mas o sujeito também modifica a língua. Ou seja, o sujeito está sempre reagindo por meio da língua (NASCIMENTO, 2019, p. 25).

Quando se fala em epistemicídio linguístico é necessário entender que para o negro é negada sua existência linguística, pois o epistemicídio ganha um papel significativo na língua quando apaga a possibilidade de os saberes tradicionais serem compreendidos, ouvidos e difundidos (NASCIMENTO, 2019). Nesse compilado do falar, a escrita molda separando quem escreve de quem não escreve, jogando – as pessoas no

limbo do silenciamento. Fanon (2008) no capítulo “O negro e a linguagem”, por exemplo, aborda que o negro tem duas dimensões: uma com seu semelhante e a outra com o branco. O comportamento diferente com um negro e um branco é uma consequência do eurocentrismo na língua. Do mesmo modo que o antilhano será mais branco se aproximando do homem verdadeiro na medida em que adota a língua francesa, o negro brasileiro será mais branco ao falar e escrever corretamente à luz da gramática normativa.

Quando não há domínio dessa linguagem se obtém o complexo de inferioridade. Assim, a escola se torna responsável por produzir o sucesso e o fracasso escolar quando suas pedagogias desestimulam o aluno negro, o que prejudica diretamente seu aprendizado, levando-o à evasão. O determinismo dos professores sobre os alunos negros é moldado em uma visão preconceituosa, pois não sabe lidar com a pluralidade das classes, raças e etnias. Assim, os professores se comportam diferentemente em escolas frequentadas majoritariamente por brancos, onde há “otimismo educacional” (HASENBALG, 1987, p. 26) e nas escolas frequentadas por negros não havendo nela o mesmo posicionamento. Com isso, temos então no ambiente escolar a reprodução do padrão tradicional da sociedade. O que é compreensível, mas não aceitável (CAVALLEIRO, 2001).

Se a raça não é um dado natural (conceito racista de raça) e nem uma simples interpretação cultural (conceito de culturalismo racista) a raça é, do ponto de vista do branco e dos seus herdeiros escravocratas, uma fantasia política imposta aos corpos racializados e o racismo é, do ponto de vista dos povos racializados, o seu fantasma correspondente. [...] Nesse caso, os brancos criam e impõem a fantasia, a raça, que passa a ser sentido pelos corpos racializados negros como fantasma político (NASCIMENTO, 2020, p. 76).

Portanto, há a necessidade de investigar as questões de raça, racismo linguístico e as práticas exercidas na sala de aula, necessariamente nas aulas de língua portuguesa, trabalhando a formação continuada dos professores e professoras para compreender como o racismo age na escola e nas aulas de língua portuguesa. Com isso, o professor poderá intervir da melhor maneira possível, pois “a grande tarefa no campo da educação” há de ser a busca de “caminhos e métodos para rever o que se ensina e como se ensinam, nas escolas públicas e privadas, as questões da comunidade negra.

A educação é um campo com sequelas profundas de racismo, para não dizer veículo de comunicação da ideologia branca” (ROCHA, 1998, p. 56). “[...] Por meio desse entendimento a questão racial será vista de forma positiva, rompendo com o imaginário negativo sobre a população negra, o qual ainda está muito arraigado em nossa sociedade e em nossa escola” (GOMES, 2000, p. 95), e assim podendo investigar se a escola pode

se tornar um lugar positivo e libertador para a população negra.

METODOLOGIA

A pesquisa será realizada com densa discussão teórica sobre formação continuada, educação linguística antirracista e educação antirracista como um todo, bem como sua aplicabilidade na educação básica, estando norteadas principalmente por autores como Fanon (2008), Ferreira (2015), Mbembe (2016), Nascimento (2019), Veronelli (2021), Souza Neto (2021), entre outros. Intentamos ainda fazer uma observação nas escolas para ver como está sendo trabalhada a Lei 10.639/03, além da observação participante, que será realizada durante um ciclo de formação em nível continuado para professores de língua portuguesa da rede estadual de Porto Seguro/BA.

A formação acontecerá como formação continuada com a parceria das escolas estaduais escolhidas em Porto Seguro/BA. Durante a formação, serão escolhidos/as quatro professores/as para a coleta de dados em duas escolas estaduais, uma ao centro da cidade e outra perto dos bairros mais distantes do centro, tendo como perfil professores/as negros/as. Serão escolhidos professores de língua portuguesa, configurando-se da seguinte forma a sequência proposta para coleta de dados: visita às escolas escolhidas, entrevistas semiestruturadas antes da formação para escolher os professores e professoras, acompanhamento das aulas para entender o ensino e as práticas antirracistas, oficina para discussão das práticas docentes, apresentação de como trabalhar antirracismo, sua importância e novos autores. Faremos notas de campo que vão acompanhar todo o processo e entrevistas semiestruturadas após a formação para analisar os impactos da formação continuada nas práticas docentes.

Esta pesquisa, para tanto, visa passar pelo comitê de ética. Após isso será realizada de forma prática. A pesquisa qualitativa é baseada nos modelos de Denzin e Lincoln (1994), além de usar a formação, por meio dos professores e professoras, para verificar quais pedagogias são racialmente relevantes e auxiliam no combate ao racismo. Assim, irei utilizar também a pesquisa de Ação Participatória, baseada em Kemmis (2006), e a Pesquisa Formação, com base no trabalho de Ferreira (2015), em que as narrativas autobiográficas são usadas como dispositivos de formação.

Utilizando essas distintas formas de pesquisa, será possível desenvolver a pesquisa com maior participação dos professores e professoras. O objetivo central da pesquisa formação dialoga com todos os instrumentos ou etapas aqui descritas porque o importante é que essa pesquisa também seja um produto para as redes de professores, na

medida em que seus resultados reflitam no impacto social futuro que esta pesquisa pode ter. Ou seja, os professores vão produzir sobre sua atuação durante a pesquisa e os dados serão coletados nessa interação. Assim, avaliarei também em que medida o racismo pode ser combatido e quais são os instrumentos necessários educacionalmente.

DISCUSSÃO

O resultado esperado com a formação continuada antirracista, após os resultados possa ser um produto para as redes de professores com ter impacto futuro e em que medida o racismo pode ser combatido e quais são os instrumentos necessários educacionalmente, assim ao participar o benefício direto está em contribuir para a melhora educacional da cidade, a pessoa estará realizando combate ao racismo e melhorando a sua própria prática enquanto professor, após a finalização do estudo irá receber os resultados desta pesquisa com a dissertação. Indiretamente os benefícios é a contribuição relevante de informações para a identificação das práticas antirracista dos professores e o uso e aplicabilidade da Lei 10.639/03.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- INSTITUTO HUMANITAS USINOS (IHU). **A cada 23 minutos, um jovem negro é morto no Brasil**. 7 jun de. 2016. Disponível em: <A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI - Instituto Humanitas Unisinos – IHU>. Acesso em: 20 de ago. 2024
- ANYA, U. (2016). **Racialized Identities in Second Language Learning: Speaking Blackness in Brazil**. New York: Routledge.
- BOCHINNI, Bruno. **População negra encarcerada atinge maior patamar da série histórica**. Agência Brasil, São Paulo, 20 de jul. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/populacao-negra-encarcerada-atinge-maior-patamar-da-serie-historica>>. Acesso em 20 de ago. 2023.
- BORGES, J. **Encarceramento em massa**. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.
- CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.
- CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da violência**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141atlasdaviolencia2021compl>

et o.pdf. Acesso em 20 de ago.2023

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (eds.) Handbook of qualitative research. London: Sage, 1994. pp. 236-247.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org). **Formação de professores de línguas: gêneros textuais em práticas sociais**. Cascavel: Unioeste, 2008.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; CAMARGO, Mábia. **O racismo cordial no livro didático de língua inglesa aprovado pelo PNLD**. Revista da ABPN, v. 6, n. 12, nov. 2013 – fev. 2014, p. 177-202.

GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**. Porto Alegre, 2000.

LADSON-BILLINGS, G. (1994). **The dreamkeepers: Successful teachers of African American children**, 2nd edition. San Francisco: Jossey Bass.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2a edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 1999.

NASCIMENTO, Gabriel. **O negro-tema na Linguística: rumo a uma descolonização Racialismo e do culturalismo racialista nos estudos da linguagem**. Polifonia, Cuiabá-MT, v.27, n.46, p. 01 a 235, abr.-jun., 2020.

NASCIMENTO, Gabriel. **Os brancos saberão resistir?** Revista da ABPN, v. 11, n. 28 mar– mai 2019, p.331-347.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2019.

PNAD. Educação em 2019: **Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio**. Agência IBGE notícias. 16 de jul. 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>>. Acesso em 20 de ago. 2023.

PINTO, Regina Pahim (Org.); ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). **Cadernos de Pesquisa: Raça negra e educação**. Fundação Carlos Chagas, São Paulo: ed.63,1971.

ROGERS R, Malancharuvil-Berkes E, Mosley M, Hui D, Joseph GO. Critical Discourse

Analysis in Education: A Review of the Literature. Review of Educational Research. 2005;75(3):365-416. doi:10.3102/00346543075003365.

SOUZA NETO, Maurício José de. **Por que pensar hoje em uma educação linguística antirracista? Limites, tensões e possibilidades.** Revista Paraguaçu – Estudos Linguísticos e Literários – Volume 1, Número 1. ago. – 2021, p.168-191.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão.** Edições Graal, 1983.

VERONELLI, G. A. **Sobre a colonialidade da linguagem.** Revista X, v. 16, n. 1, p. 80-100, 2021.

Palavras-chave: Educação. Antirracismo. Língua Portuguesa.

PRODUÇÃO LINGUÍSTICA, PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA E AVALIAÇÃO SOCIAL DAS FORMAS NÓS E A GENTE EM ILHÉUS/BA

Leyla Santos Monteiro¹
Andréia Silva Araujo (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

O pronome canônico *nós* coocorre ao lado da forma *a gente* para representar a primeira pessoa do plural (doravante 1ªPP) no português brasileiro. Para além desse uso alternativo, no uso efetivo da língua, observa-se também comportamento variável nos padrões de concordância verbal (CV) na expressão da 1ªPP, com usos como “*Nós é/Nós somos; A gente tem/A gente temos*”.

Esses usos variáveis que os falantes fazem da língua não são inertes, tampouco essa variabilidade integra um processo independente da sociedade. Língua e sociedade unem-se para engendrar a construção de um sistema que, embora heterogêneo, apresenta ordenação, no qual aspectos sociais, linguísticos e discursivo-pragmáticos agem no surgimento de fenômenos em variação e mudança linguística, conforme atestado nos fundamentos empíricos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008).

Embora trata-se de um fenômeno sociolinguístico amplamente descrito e analisado, como pode ser observado no mapeamento realizado por Viana e Lopes (2015), há ainda comunidades de fala em que não foram realizadas descrições do comportamento linguístico dos falantes, conforme percebido em Ilhéus, no sul da Bahia. Além disso, a tradição dos estudos realizados estabeleceu o enfoque em pesquisas observacionais que concentraram-se em correlações entre os usos linguísticos variáveis e características sociodemográficas amplas, como a faixa etária, escolaridade, dentre outros aspectos macrosociais. Contudo, poucos estudos voltaram-se para compreensão de como a variação da 1ªPP é percebida sociolinguisticamente e avaliada socialmente pelos falantes-ouvintes do português brasileiro (Freitag, 2016).

Os significados sociais permeiam desde as inferências realizadas sobre um falante a partir de seu comportamento linguístico, o que contempla o domínio da percepção sociolinguística, até as escolhas realizadas pelo falante ouvinte quando confrontado sobre

¹ lsmonteiro.ppgl@uesc.br Bolsista FAPESB.

² asaraujo@uesc.br

seu próprio comportamento linguístico e o de outros. Isto é, como acreditam que falam, como julgam determinada variante e os falantes que as utilizam, englobando assim o domínio da atitude linguística e da avaliação social (Oushiro, 2021).

Os significados sociais atrelados às variantes de uma variável linguística são cruciais para o impulsionamento ou refreamento de uma mudança linguística, pois constituem a aceitabilidade ou estigmatização de variantes, sobretudo de seus usuários. A partir da compreensão dos mecanismos que agem para atrelar uso linguístico variável a valores sociais, estratégias rumo ao Respeito linguístico (Cf. Scherre, 2021) podem ser desenvolvidas, especialmente na esfera educacional, por meio de formações docentes e elaboração de materiais didáticos não excludentes que reconhecem a variabilidade da língua não como uma distorção, mas como uma característica intrínseca.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender os padrões da produção linguística, percepção sociolinguística, atitude linguística e avaliação social do uso variável da 1ªPP em função sintática de sujeito e seus padrões de concordância verbal.

Objetivos específicos

- Analisar dados de produção linguística de entrevistas sociolinguísticas e aplicar testes de percepção sociolinguística, atitude linguística e avaliação social em Ilhéus/BA;
- Verificar como os ilheenses falam e identificar as percepções sociolinguísticas, as atitudes linguísticas explícitas e avaliação social a respeito da expressão variável da 1ªPP entre os membros universitários ilheenses;
- Constatar como a variação na 1ªPP está encaixada na estrutura social e linguística da comunidade em análise.

JUSTIFICATIVAS

Fenômenos linguísticos variáveis são avaliados socialmente de modos distintos. Isso se dá devido ao nível de consciência social com que traços variáveis são percebidos na comunidade linguística. A consciência regula como as variáveis linguísticas são

percebidas, e esse vínculo pode ser propulsor ou inibidor da mudança linguística (Labov, 2008).

Dessa forma, estudos que enfocam a maneira como os falantes falam, correlacionando esses dados também às avaliações sociais, percepções sociolinguísticas e atitudes explícitas dos membros de dada comunidade linguística, mostram-se relevantes no cenário investigativo da “terceira onda” da Sociolinguística Variacionista (Cf. Eckert, 2008; Eckert, 2022), visto que “os julgamentos linguísticos afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso” (Freitag et al. 2015, p. 70).

No contexto da presente pesquisa, ressaltamos que para expressar a 1ªPP, os falantes do português brasileiro dispõem da forma pronominal canônica *nós* e a forma *a gente*. No entanto, embora o uso de uma ou de outra não apresente estigmatização com base na distribuição sociodemográfica, o encaixamento dessa variável linguística na estrutura da língua tem revelado implicações nos padrões de concordância verbal que são alvos de julgamentos sociais. Tais reverberações influenciam no comportamento linguístico do falante frente às variantes da 1ªPP, uma vez que elas são usadas com formas verbais na 1ªPP ou na terceira pessoa do singular (3ªPS).

Nesse ínterim, estudos que coadunam dados sobre como os membros de uma comunidade linguística falam com os significados sociais que estão atrelados a formas alternativas da língua revelam padrões de uso que estabelecem imbricações no modo como variáveis linguísticas são percebidas e avaliadas socialmente. Favorecendo caminhos para depreender os mecanismos complexos que possibilitam que falantes, mesmo inconscientemente, associem variantes a aspectos apreciativos.

Ademais, mediante tais constatações e reflexões, poderem trilhar um caminho rumo ao Respeito Linguístico, em que a variabilidade da língua não é tomada como caos, erro ou desestruturação, e que variadas formas de falar coexistam mutuamente sem hierarquia, de modo que uma não seja vista como melhor que a outra (Scherre, 2021). Contribuindo, também, com a elaboração de formações de docentes e discentes, bem como com a produção de materiais didáticos que reconheçam a heterogeneidade ordenada do sistema linguístico.

APARATO TEÓRICO

Para compreender os mecanismos envolvidos no processo de variação/mudança linguística, o princípio das correntes formalistas que conectavam estrutura e homogeneidade precisou ser abandonado. A partir de constatações empíricas,

pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos necessários ao estudo da estrutura linguística, concebida como um sistema heterogêneo e ordenado, são construídos pela Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Variacionista, que teve como principais precursores Weinreich, Labov e Herzog (2006).

Em conformidade com a proposta discutida por Weinreich, Labov e Herzog (2006), no interior da estrutura da língua, elementos estão sistematicamente em variação, guiados por uma única regra, o que configura o conceito de “variável linguística”. Esse conceito deve ser incorporado considerando evidências de que se trata de formas coexistentes para determinada regra, através das relações sistemáticas estabelecidas entre a variável linguística e fatores de dentro e para além da língua.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) estabeleceram cinco fundamentos empíricos para o estudo da variação/mudança, a saber: i) *o problema dos fatores condicionantes*, que se refere à combinação de contextos sociais e linguísticos envolvidos na variação/mudança; ii) *o problema da transição*, que envolve o comportamento regular com que traços linguísticos ordenadamente são alternados em diferentes estágios até a completção da mudança; iii) *o problema do encaixamento*, que está relacionado às complexas relações dentro da estrutura linguística e na estrutura social que regulam a variabilidade da língua; iv) *o problema da avaliação* visa identificar o efeito dos valores sociais atribuídos às formas alternantes no impulsionamento ou refreamento de uma variação/mudança; v) *problema da implementação* envolve a apreensão de como mudanças já completadas na língua perdem a significação social que lhes era atribuídas inicialmente e adquirem novos valores na sociedade.

No entanto, alguns problemas não foram tão bem explorados na tradição de pesquisas de orientação variacionista, como o problema da avaliação. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 121) já mencionavam a importância da consideração das percepções sociais em investigações da mudança linguística, “[...] mas relacionar estes dados à evolução do vernáculo básico é uma tarefa que exige um conhecimento detalhado da comunidade de fala e uma considerável sofisticação sociolinguística”.

Em vista disso, a análise do significado social da variação e mudança linguística obteve diferentes enfoques investigativos, que caracterizaram as chamadas “três ondas do estudo da variação”, como proposto por Eckert (2022). A estudiosa faz uma retomada das posturas teórico- metodológicas empregadas para apreender o significado social das variáveis linguísticas e destaca que a prática estilística recebeu nova conotação nos estudos da terceira onda que, para além do grau de atenção prestado à fala, é concebida

como forma de (re)criar identidades, ser e agir no mundo. Nessa proposta, o significado da variação não é tomado como reflexo de categorias sociais (sexo, idade, escolaridade etc.), mas uma propriedade intrínseca da língua. Destarte, a autora assevera que:

A variação constitui um sistema semiótico social capaz de expressar a gama completa de preocupações sociais de uma comunidade. Ainda, uma vez que essas preocupações mudam continuamente, variáveis não podem ser marcadores consensuais de significados fixos; pelo contrário, sua propriedade principal deve ser a mutabilidade indexical (Eckert, 2022, p. 279).

Hall-Lew, Moore e Podesva (2021) discorrem que o significado social está estritamente ligado às inferências realizadas pelos usuários da língua. Essas inferências podem ser de caráter interacional, isto é, como a língua é colocada em diferentes contextos sociocomunicativos, bem como inferências sobre fatores que envolvem a caracterização de quem está usando a língua e como.

Em conformidade com Silverstein³ (2003 apud Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021) o processo de indexicalidade versa sobre o surgimento de interpretações mediadas pelas crenças e ideologias que articulam traços linguísticos a significados sociais. Hall-Lew, Moore e Podesva (2021) indicam que, nos estudos de primeira e segunda onda, os significados sociais são atribuídos a traços linguísticos, correlacionando-os a tipos de persona e papéis sociais (ex. classe trabalhadora). No entanto, na proposta da terceira onda, Eckert (2008, p. 454, tradução nossa)⁴ propõe o conceito de “campo indexical”, definido como uma “constelação de significados ideologicamente relacionados, qualquer um dos quais pode ser ativado no uso situado da variável. O campo é fluido, e cada nova ativação tem o potencial de alterar o campo, ao construir conexões ideológicas”. Dessa forma, há coexistência de significados que se relacionam entre si e são acionados no momento em que traços linguísticos são empregados ou avaliados.

Mas por que os significados sociais são essenciais aos estudos da variabilidade da língua? Sene (2019, p. 305) destaca que “a língua em uso envolve, fundamentalmente, o falar, o ouvir, o codificar e o recodificar, o expressar e o interpretar”. Consequentemente, o uso da língua não refletirá um processo passivo e transparente; são múltiplos e complexos os aspectos envolvidos no posicionamento do falante frente ao mundo e à língua. Tal posicionamento é influenciado pelas percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas.

³ SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, v. 23, p. 193–229, 2003.

⁴ Trecho original: “[...] constellation of ideologically related meanings, any one of which can be activated in the situated use of the variable. The field is fluid, and each new activation has the potential to change the field by building on ideological connections”.

METODOLOGIA

A fim de operacionalizar os objetivos propostos neste projeto de pesquisa, os dados de produção linguística do falar ilheense serão extraídos de entrevistas sociolinguísticas, que compõem o *corpus* do projeto de pesquisa institucional “Mudança linguística no paradigma pronominal do português” (CEP/UESC – CAAE 23882619.0.0000.5526), sob coordenação da Prof^a. Dra. Andréia Silva Araujo. Ao todo, analisaremos os dados de produção de 64 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas de acordo com o sexo/gênero (feminino e masculino), escolaridade (Ensino fundamental I e II, Ensino Médio e Ensino Superior) e faixa-etária (15 a 24; 25 a 39; 40 a 64; mais de 65 anos).

Ao considerar a língua em seu caráter heterogêneo e ordenado precisamos identificar sistematicamente os contextos envolvidos na aplicação ou inibição de uma forma variante em detrimento da outra, isto é, descrever quais fatores influenciam os falantes a falarem do jeito que falam. Por isso, controlaremos a realização da 1ªPP em função de condicionamentos linguísticos e sociais, ei-los: referência semântica, paralelismo formal, marca morfêmica, tempo e modo verbal, saliência fônica, sexo/gênero, relação com base no sexo, escolaridade e faixa etária.

Visando explorar as percepções sociolinguísticas, atitudes linguísticas e avaliações sociais dos falantes, adotaremos como instrumento de coleta de dados testes, que objetivarão a compreensão das subjetividades envolvidas nos julgamentos sociais do fenômeno linguístico em análise. O teste experimental será composto por métodos indiretos, buscando contemplar as reações subjetivas que indicam inferências acerca do falante ao ouvirem apenas o modo como a língua foi usada (percepções linguísticas); e métodos diretos, para investigar os comentários metalinguísticos acerca de como pensam que falam e como avaliam a variação na 1ªPP e a quem são associadas as variantes, bem como os padrões de concordância a que essas formas são aplicadas (atitudes linguísticas/avaliação social).

O teste será aplicado a 64 estudantes do ensino superior da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) que compõe uma comunidade de prática universitária. Para captar as percepções linguísticas, utilizaremos a técnica *verbal-guise*, adaptada do *matched-guise* (pares falsos) descrito por Lambert et al. (1960). A técnica consiste em utilizar excertos de fala oriundos de dados de fala reais, contendo o fenômeno variável. Estimulados por esses áudios, os participantes (ouvintes-juízes) deverão avaliá-los quanto

a caracterização social falante do áudio, como o nível de escolaridade, classe social, faixa etária, região que mora, qual profissão, dentre outros.

Com vistas a mensurar as atitudes linguísticas, na segunda etapa do teste, os ouvintes-juízes deverão responder à um questionário que contém perguntas relacionadas à variação na expressão da 1ªPP: qual a forma pronominal que você mais utiliza? Qual forma é mais bonita ou correta? É esquisito falar *a gente*? E *a gente* com o verbo na 1ªPP? Qual forma você utiliza em diferentes contextos? Dentre outras.

Os dados provenientes das coletas serão codificados de acordo com as variáveis independentes referidas e submetidos ao programa R (em interface com o Rstudio) (R Core Team, 2021), para geração dos gráficos e identificação do nível de significância estatística. Destarte, os resultados alcançados através da observação e dos experimentos, serão mensurados e interpretados à luz da “terceira onda” dos estudos variacionistas (Cf. Eckert, 2008; 2022).

DISCUSSÃO

Boa parte da descrição do português brasileiro se deu a partir das iniciativas investigativas desenvolvidas em grupos de pesquisa nas principais universidades do país. Isso reflete a concentração desses estudos na região Sudeste e Sul, assim como nas maiores capitais do país. Isso posto, esperamos que o desenvolvimento da presente pesquisa contribua, a nível institucional com o Grupo de Pesquisa Variação, Linguagem e sociedade – VARIALINS liderado pela Prof.^a Dra. Andréia Silva Araujo (DLA/PPGL/UESC), através da constituição de um banco de dados robusto de entrevistas sociolinguísticas que poderá fomentar a compreensão da variabilidade da língua falada em Ilhéus/BA a partir da análise de diferentes fenômenos da língua.

Além do mais, com a elaboração e aplicação do teste de percepção linguística, forneceremos um entendimento de como os significados sociais são atrelados a determinadas variantes de uma variável. Tal compreensão, subsidia o debate de fomento ao Respeito Linguístico, uma vez que não trata-se de combater o preconceito linguístico pela constatação de que a língua varia e muda, mas, conforme aponta Oushiro (2021), é preciso um aprofundamento nos mecanismos de significação social, pois o preconceito linguístico é fundamentado em preconceitos sociais.

Dessa forma, ao realizar uma descrição acurada de como os falantes ilheenses falam, como percebem sociolinguisticamente e avaliam socialmente a expressão variável da 1ªPP, conjecturamos observar o grau de saliência desse fenômeno sociolinguístico na

comunidade de fala analisada, identificando o encaixamento dessa variável linguística tanto na estrutura da língua quanto na estrutura social.

REFERÊNCIAS

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. **Journal of sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/IndexicalField.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

ECKERT, Penelope. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Tradução: GOMES DE OLIVEIRA, Samuel; ROCKENBACH, Lívia Majolo; GUTIERRES, Athany. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122962>. Acesso em: 25 ago. 2024.

FREITAG, R. M. Ko et al. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do "português brasileiro". **Signo y seña**, n. 28, p. 65-87, 2015.

FREITAG, R. M. K. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 40, n. 2, p. 1-10, 2018

HALL-LEW, Lauren; MOORE, Emma; PODESVA, Robert J. Social meaning and linguistic variation: Theoretical foundations. In: HALL-LEW, Lauren; MOORE, Emma; PODESVA, Robert J. (orgs.). **Social meaning and linguistic variation: Theorizing the third wave**. Cambridge University Press, 2021. p. 1-24. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353577441_Social_Meaning_and_Linguistic_Variation_Theoretical_Foundations. Acesso em: 30 jul. 2024.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

OUSHIRO, Lívia. A importância de estudos de avaliação e percepções sociolinguísticas. 2021. **Rev. de Letras**, n. 40, p. 9-20, jan./jul. 2021. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/71443>. Acesso em 02 jul. 2024.

SCHERRE, M. M. P. Respeito linguístico. In: (orgs.) ARNT, R; SCHERRE, P. **Dicionário: rumo à civilização da religação e ao bem viver**. Editora da UECE, Fortaleza, 2021, p. 117-120.

SENE, Marcus Garcia de. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**, v. 21, n. 1, p. 304-323, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/11005/7588>. Acesso em: 02 ago. 2024.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. dos S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 109-132.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Palavras-chave: Variação linguística. Significados sociais. Primeira pessoa do plural. Pronomes

EMOÇÕES E LINGUÍSTICA APLICADA VERDE: UM OLHAR PARA A INTERAÇÃO HUMANA E NÃO-HUMANA NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Rebecca Pinto Bolaños¹

Rodrigo Camargo Aragão (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Ao longo das últimas décadas, as pesquisas sobre aprendizagem de línguas têm se expandido, incorporando novas perspectivas sobre como o ambiente externo e as emoções desempenham um papel crucial no processo de aprendizagem (Lamb, 2020), uma vez que tradicionalmente, a linguagem foi vista de forma antropocêntrica, restringindo-se às interações humanas. No entanto, novas abordagens, como a Linguística Aplicada Verde, propõem uma visão sistêmica, na qual o ecossistema participa ativamente do processo comunicativo, incluindo até seres não-humanos como parte da comunicação (Rezende, Tsororawe, 2020; Krenak, 2020). Por exemplo, estudos recentes demonstram que interações com cães em ambientes educacionais podem ajudar alunos a reduzir a ansiedade e aumentar a confiança no uso de línguas estrangeiras (Aquino, 2024). A Linguística Aplicada Verde reflete a virada ecológica nas ciências sociais e no pós-humanismo, ressignificando o papel da linguagem e suas relações com o ambiente natural e emocional. Ela busca superar visões tradicionais de ensino que isolam os alunos em contextos exclusivamente humanos, ampliando o foco para incluir o ecossistema e seus componentes.

A presente pesquisa insere-se nesse contexto ao questionar a centralidade humana na construção e negociação de significados. Parte-se da premissa de que o ambiente educacional, especialmente na educação linguística, deve ser concebido não apenas como espaço de instrução, mas também como um local onde as emoções dos alunos e suas interações com o ambiente são fatores determinantes para o sucesso do aprendizado (Aragão, Ferreira, 2022; Pinheiro, 2022).

Um exemplo prático é a inclusão de cães em aulas de línguas como suporte emocional. Essas interações não apenas aliviam a ansiedade, mas também promovem maior participação oral dos alunos, conforme relatado em estudos sobre Educação

¹ rpbolanos.ppgl@uesc.br

² rcaragao@uesc.br

Assistida por Animais (EAA) (Castro, 2021). Essa prática reforça a necessidade de ambientes acolhedores e integradores para melhorar a aprendizagem.

Para tanto, o problema central que motiva esta investigação é compreender como as emoções e as interações com elementos não-humanos, especialmente animais domésticos, podem influenciar a aprendizagem de línguas. Durante o ensino de uma língua estrangeira, é comum que os alunos enfrentem sentimentos como ansiedade, vergonha, julgamento e medo de errar (Andrade Neta, Martins, 2021). Esses fatores, embora nem sempre considerados com a devida atenção em abordagens tradicionais, têm sido cada vez mais investigados, destacando a importância de ambientes emocionalmente acolhedores para o aprendizado eficaz.

A relevância desse enfoque também se sustenta na crescente demanda por práticas educacionais que reconheçam e respeitem a diversidade emocional dos alunos, promovendo ambientes inclusivos e propícios ao aprendizado (Moura, Martins, 2022). A ansiedade de língua estrangeira, por exemplo, é apontada como um dos principais desafios enfrentados pelos alunos ao desenvolverem suas habilidades linguísticas. Nesse contexto, a criação de espaços mais inclusivos e emocionalmente seguros pode desempenhar um papel importante para mitigar essas dificuldades (Martins, 2022). Além disso, ao incorporar interações com elementos não-humanos, como animais de estimação, a pesquisa busca ampliar as possibilidades de abordagem no ensino, oferecendo uma perspectiva inovadora e alinhada a práticas sustentáveis no ensino de línguas.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Explorar a potencialidade da Educação Assistida por Animais e do enfoque ecológico para potencializar práticas pedagógicas na educação linguística, com foco na superação de barreiras emocionais e no desenvolvimento das habilidades orais.

Objetivos específicos

- Desenhar o estudo sobre a Educação Assistida por Animais na Educação Linguística e suas complicações éticas.
- Tecer uma metodologia a respeito do desenvolvimento das habilidades orais com o não humano

- Avaliar como os documentos oficiais da educação básica discutem a dimensão ecológica na educação linguística

JUSTIFICATIVAS

A ansiedade no aprendizado de línguas, como Silveira (2021) e Aragão (2019) apontam, é uma barreira que muitos alunos enfrentam. Além disso, Guedes, Aragão e Ribeiro (2023) e Souza, Martins e Frossard (2024) ressaltam a importância de criar um ambiente emocionalmente seguro para aliviar essa emoção. Nesse contexto, a presença de pets como suporte emocional se apresenta como uma solução inovadora e capaz de transformar a experiência educacional, tornando-a mais acolhedora.

Autores como Krenak (2020) e Rezende et al. (2020) discutem a importância de incluir o não-humano, o ecossistema, como parte ativa na linguagem e interação humana, destacando que o debate da Linguística Aplicada Verde traz uma visão que vai além da nossa espécie. Ao incluir animais no processo de ensino, abre-se espaço para novas formas de interação, onde a relação entre seres humanos e não-humanos também colabora para a aprendizagem, quebrando o foco predominantemente antropocêntrico da educação tradicional.

Nesse cenário, a ideia de que a aprendizagem não acontece apenas entre humanos, mas envolve todo o ecossistema ao redor, é um campo relativamente inexplorado na área da aprendizagem de línguas. Ao integrar essas dimensões, este estudo propõe uma análise inovadora, levando em consideração tanto as emoções dos alunos quanto o impacto de fatores externos e não-humanos, como animais, no processo de ensino-aprendizagem (Aquino, 2024; Pedersen, 2024).

O estudo contribui ainda para preencher lacunas na compreensão da relação entre emoções e ecologia no ensino de línguas. Lamb (2020), por exemplo, explora como o ambiente influencia a aprendizagem de línguas em contextos naturais, da mesma forma, Aragão (2019) reforça a importância de se olhar para as emoções nesse processo. Assim, ao integrar emoções, cognição e o que vem da ordem natural, o projeto traz uma abordagem para complementar a pesquisa no campo.

Essa pesquisa propõe uma resposta para problemas práticos, como a ansiedade no aprendizado de línguas, enquanto contribui para uma educação mais sustentável e conectada ao mundo natural. Essa proposta, oferece diretrizes pedagógicas que unem a Linguística Aplicada Verde e a interação emocional de uma forma integrada e acolhedora.

APARATO TEÓRICO

Conforme argumentado por Rezende (2021) e Lamb (2020), a Linguística Aplicada Verde (L.A.V) propõe que a linguagem não deve ser vista apenas como uma ferramenta de comunicação entre humanos, mas como parte de uma rede de interações complexas entre humanos, animais, plantas e o ambiente físico. Esse enfoque sugere que a linguagem é profundamente influenciada por fatores ecológicos, e que o aprendizado e o uso dessa estão inseridos em um contexto maior que inclui a interação com o mundo natural, superando a visão antropocêntrica e colonial da comunicação e da educação, como problematiza Acosta (2012).

O conceito de ecologia na L.A.V vai além da ideia de que o meio ambiente é um pano de fundo passivo. Em vez disso, reconhece a natureza como agente ativa na comunicação e na interação linguística. Krenak (2020), ao criticar o antropocentrismo, defende que a visão ocidental do mundo como algo a ser dominado e explorado nos aliena da natureza, gerando desequilíbrio ecológico. Ele sugere que, ao ver a natureza como uma entidade viva e participante, podemos reestabelecer uma relação de respeito e reciprocidade, tal concepção também é endossada pelos estudos de Rezende (2021).

A partir dessa perspectiva, a L.A.V propõe um estudo das interações linguísticas que inclui elementos não-humanos, como plantas, animais e até fenômenos naturais. Esses elementos afetam não só a forma como os humanos interagem uns com os outros, como moldam a linguagem e os significados que produzimos (Rezende, Tsororawe, 2020).

A ideia de que a linguagem natural e a linguagem emocional estão conectadas não é absurda, já que ambas se espelham a maneira como os seres vivos, humanos e não-humanos, interagem com o mundo e uns com os outros, enquanto se moldam reciprocamente. Conforme observado, a linguagem natural se apresenta como um tecido que liga seres humanos, animais, plantas e o meio ambiente em um sistema de interações repletas de significados emocionais, uma vez que nossas emoções são frequentemente desencadeadas por essas interações ecológicas. Por exemplo, o olhar de um cão ou o barulho da chuva despertam sentimentos que afetam nossas ações e a maneira como interagimos nesse ambiente.

A teoria de Costas (2002) retoma a visão de Maturana, argumentando que a linguagem é, por natureza, uma prática emocional e relacional. A conexão emocional com o ambiente e com outros seres — humanos ou não — molda a forma como nos

comunicamos e aprendemos (Lamb, 2020). A literatura atual sobre emoções na aprendizagem de línguas demonstra que um ambiente educacional que reconhece e valoriza as emoções dos alunos é fundamental para o sucesso do aprendizado.

O conceito de educação emocional surge como uma peça fundamental nesse contexto. Através da mediação emocional, professores podem criar ambientes mais acolhedores e seguros, onde os alunos se sintam à vontade para se expressar e cometer erros sem medo de julgamentos (Godoy E Barcelos, 2021). Esse ambiente é especialmente relevante no ensino de línguas estrangeiras, onde a ansiedade pode ser um dos maiores bloqueios para a prática da oralidade.

A Ansiedade de Língua Estrangeira (ALE), discutida por Silveira (2021), é um dos principais obstáculos que afetam a autoestima dos alunos e tornam a experiência de aprendizagem desagradável. Nesse contexto, Gregersen (2020) sugere que a abordagem que os professores têm em relação à ansiedade pode impactar diretamente a disposição dos alunos para participar e aprender. A criação de um ambiente emocionalmente acolhedor, que valorize a individualidade e as experiências dos alunos, pode ajudar a mitigar esses desafios, facilitando a aquisição de uma segunda língua.

A ALAE representa um dos maiores desafios para um aprendizado eficaz, uma vez que pode minar a autoconfiança do estudante, restringir a comunicação e provocar um ciclo contínuo de autocritica. Em situações de estresse linguístico, tais como apresentações orais ou atividades especiais, sinais físicos como suor excessivo, lesões cardíacas aceleradas e sensação de pânico podem comprometer ainda mais o desempenho estudantil. Para atenuar esses impactos, a companhia de cães pode ser uma solução vantajosa: sua presença contribui para a redução da ansiedade pessoal, promovendo um estado de tranquilidade, e estimula interações sociais mais positivas entre os estudantes, estabelecendo um ambiente receptivo e cooperativo que potencializa o processo de aprendizagem.

A inclusão de animais de estimação, em especial os cães, como suporte emocional auxilia diretamente na criação desse ambiente. A presença dos pets reduz a ansiedade e cria uma atmosfera de confiança, onde os alunos podem se expressar sem medo de cometer erros. Essa interação além de poder melhorar a fluência na língua, também poderia promover o desenvolvimento de habilidades sociais e afetivas. Estudos mostram que emoções geradas pela interação com pets, ampliam a capacidade de absorção e processamento de novos conhecimentos, facilitando a aprendizagem (Penteado, 2021; Aquino, 2024; Souza, Freitas, 2021).

Ao integrar pets no ambiente educacional, não estamos apenas utilizando-os como ferramentas, mas reconhecendo sua capacidade de influenciar o ambiente e as interações de forma significativa. Animais, assim como os humanos, são parte desse ecossistema comunicativo, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem (Lamb, 2020). Essa abordagem decolonial e ecológica rompe com a visão tradicional de que a educação é um processo unilateral, onde o conhecimento é transmitido de forma mecânica e linear, e valoriza o aprendizado como uma prática colaborativa entre humanos e o não-humano, que vem a ser nessa pesquisa os animais.

Penteado (2021), Manville, Coulson e Reynolds (2024) falam sobre a capacidade dos cães de reduzir o estresse, a ansiedade e aumentar o bem-estar emocional em contextos como saúde mental, educação escolar e na universidade. Lebid e Simonova (2021) também demonstram que essas interações têm benefícios fisiológicos, como a liberação de oxitocina e o alívio do estresse. A Educação Assistida por Animais (EAA), abordada por teóricos como Aquino (2024), Castro (2021) e Souza e Freitas (2021), mostra como os cães podem atuar como facilitadores no ambiente educacional. Eles auxiliam no desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais, especialmente entre crianças e adolescentes.

A educação não pode ser vista de maneira isolada dos contextos ecológicos e emocionais em que ocorre. Essa abordagem também nos desafia a reavaliar a centralidade do ser humano no processo de comunicação, reconhecendo que a linguagem é parte de um sistema maior que envolve todos os seres vivos. Ao combinar os conceitos de Linguística Aplicada Verde, emoções na aprendizagem de línguas e o suporte emocional de pets, proponho uma nova forma de entender e praticar a educação na área de Letras.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota a metodologia da análise de conteúdo para compreender um fenômeno específico no contexto de educação linguística durante a formação inicial de professores, explorando a contribuição do suporte emocional de elementos não humanos — tanto animais quanto tecnologias. Este enfoque busca identificar se tal suporte pode efetivamente desconstruir barreiras afetivas, especialmente aquelas que dificultam o desenvolvimento de habilidades orais dos professores em formação. Por meio da análise de conteúdo (Bardin, 1977), é possível realizar uma leitura detalhada das diversas variáveis emocionais, éticas e pedagógicas envolvidas, permitindo construir um

entendimento mais contextualizado e aplicável. É bibliográfica, pois consiste na análise de materiais elaborados por diversos autores, que já sofreram um processo analítico (Gil, 2008). E, é de cunho qualitativo, pois as informações coletadas serão refletidas e interpretadas ao seguir a progressão de análise (Gil, 2002).

Para desenhar o estudo sobre a Educação Assistida por Animais na Educação Linguística e suas complicações éticas, a será preciso pesquisar a literatura sobre Educação Assistida por Animais (EAA) e suas aplicações na educação linguística, identificar pesquisas que discutem a interação entre humanos e não humanos no contexto educacional, e por último, revisar teorias que serão pesquisadas sobre ética e bem-estar animal (ex.: bioética, direitos dos animais) para embasar a análise.

A pesquisa partirá de uma revisão sistemática da literatura sobre o desenvolvimento das habilidades orais no ensino de línguas e práticas comunicativas com não humanos, esse levantamento permitirá identificar tanto as potencialidades quanto as limitações da interação com animais e dispositivos tecnológicos no desenvolvimento oral de estudantes. Além disso, a pesquisa buscará conexões entre a comunicação oral e o desenvolvimento de habilidades emocionais, como vergonha, medo e ansiedade, compreensão da linguagem em sistemas vivos, aprendizagem mediada e interação oral. A análise incluirá reflexões sobre a presença simbólica e afetiva dos animais e da tecnologia como facilitadores da fala, bem como a influência emocional que esses exercem sobre os alunos.

Na última fase dessa etapa, uma metodologia será levantada no debate sobre as consequências teóricas deste modelo para a educação linguística e para as pesquisas futuras. Serão propostas alternativas para ampliar as pesquisas teóricas neste campo, incluindo o desenvolvimento de recursos didáticos fundamentados em simulações ou interações ecológicas.

A fim de avaliar como os documentos oficiais da educação básica discutem a dimensão ecológica na educação linguística, a pesquisa incluirá uma investigação documental sobre o tema. Para isso, serão analisados três documentos-chave: as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) de 2006, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 e do guia do edital de 2024 do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). O objetivo será identificar menções diretas ou indiretas à educação ambiental e à interação com o não humano no ensino de línguas.

A análise visará encontrar referências sobre sustentabilidade e ética ambiental, além de verificar se os documentos promovem metodologias que combinam práticas

ecológicas e linguísticas. Esta fase permitirá avaliar em que medida os documentos favorecem uma conexão relevante entre linguagem, ecologia e ética. Por último, a partir dessa avaliação, serão formuladas sugestões para políticas educacionais que intensifiquem a conexão entre linguagem e ecologia.

DISCUSSÃO

Espera-se que os resultados demonstrem que o diálogo conceitual proposto no estudo possa nos equipar conceitualmente em bases epistemológicas para promover maior confiança no uso da língua e possibilitar uma expansão do conceito de educação linguística. Como encaminhamentos, a pesquisa pretende sugerir recomendações para políticas linguísticas que reforcem o vínculo entre emoção, linguagem, ecologia e ética com base em epistemologias que sistêmicas.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo. **Um campeão visto de perto**. 2012.

ANDRADE NETA, Nair Floresta; DE AQUINO MARTINS, Suellen Thomaz. Entre O Falar E O Não Falar Em Língua Estrangeira: As Emoções De Professoras/Es Em Formação. **Pensares em Revista**, n. 23, 2021.

ARAGÃO, Rodrigo Camargo. Linguajar e emocionar os tempos de crise na formação de professores de línguas. **Desafios da formação de professores na Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes Editores. 2019

ARAGÃO, Rodrigo Camargo; FERREIRA, Keila. Emoções e tecnologias digitais no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. **Tabuleiro de Letras**, v. 16, n. 1, p. 146-166, 2022. Disponível em:

[www.https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/13621](http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/13621).

Acesso em: 10/09/2024

AQUINO, Ana Cleide Vieira Gomes Guimbal et al. **Educação Assistida por Animais e prática de leitura para cães**: uma revisão integrativa. 2024. Disponível em: [www.https://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/3858](http://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/3858). Acesso em: 09/09/2024

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.

CABRAL, Francisco Giugliano de Souza; SAVALLI, Carine. Sobre a relação humano-cão. **Psicologia USP**, v. 31. 2020. Disponível em:

[www.https://www.scielo.br/j/pusp/a/BJvpLMPJfmJSH6nLWYRVtft/?format=pdf](http://www.scielo.br/j/pusp/a/BJvpLMPJfmJSH6nLWYRVtft/?format=pdf).

Acesso em: 09/09/2024

CASTRO, Warren. **Educação Assistida Por Animais: A Utilização Do Cão Como Recurso Didático-Pedagógico**. 2021. Disponível em: www.https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/2264. Acesso em: 09/09/2024

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto et al. O processo de construção da linguagem a partir dos aportes de piaget e maturana the process of language construction from piaget's and maturana's theoretical contributions. **Educação**, v. 27, n. 01, 2002. Disponível em: www.https://core.ac.uk/download/pdf/231114439.pdf . Acesso em: 26/09/2024

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Pauliane Ferreira Gandhi de; BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Understanding the beliefs and emotions of a language teacher educator: a case study. **Pensares em revista**, n. 23, p. 47-71, 2021.

GUEDES, Marise Rodrigues; ARAGÃO, Rodrigo Camargo; RIBEIRO, Maria D.'Ajuda Alomba. Experiências exitosas e emoções no ensino de línguas na pandemia. **Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 12, n. 3, p. 332-351, 2023.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das letras, 2020.

LAMB, Gavin. Towards a green applied linguistics: Human-sea turtle semiotic assemblages in Hawaii. **Applied Linguistics**, v. 41, n. 6, 2020. Disponível em: www.https://academic.oup.com/applij/article-abstract/41/6/922/5602577?login=false. Acesso em: 26/09/2024

LEBID, L.P; SIMONOVA, I.V. **Improving Mental Health With Pets At Work**. National Pirogov Memorial Medical University, Vinnytsya, 2021. Disponível em: www.https://dspace.vnmu.edu.ua/handle/123456789/5601. Acesso em: 09/09/2024

MANVILLE, Karen; COULSON, Mark; REYNOLDS, Gemma. The Effectiveness of Individual and Group Canine Assisted Interventions in Improving Mental Health in Higher Education Students. People and Animals: **The International Journal of Research and Practice**, v. 7, n. 1, p. 11, 2024. Disponível em: www.https://docs.lib.purdue.edu/paij/vol7/iss1/11/. Acesso em: 09/09/2024

MARTINS, Ana Maria dos Santos Garcia Ferreira et al. Emoções e crenças na aprendizagem de língua inglesa: um quebra-cabeças com peças lascadas. **Pensares em Revista**, n. 23, p. 183-204, 2021. Disponível em: www.https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/60750. Acesso em: 10/09/2024

MOURA, Edielle Santos; MARTINS, Suellen Thomaz De Aquino. Emoções no ensino e aprendizagem de língua inglesa na rede social Instagram. **UniLetras**, v. 44, p. 1-21, 2022. Disponível em: www.https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/19504. Acesso em: 10/09/2024

PEDERSEN, Helena. Education, anthropocentrism, and interspecies sustainability: Confronting institutional anxieties in omnicultural times. In: **Education, the Environment and Sustainability**. Routledge, p. 28-41. 2024.

PENTEADO, Matheus André Beraldo. **Investigações Sobre A Relação Entre O Ser Humano E Os Cães No Mundo Contemporâneo: A Memória Do Ethos**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2021.

PINHEIRO, Pollyanna Sander da Silva. Investigando o papel das emoções e afetividade no processo ensino-aprendizagem: um estudo de caso com aluno do ensino médio com transtorno do espectro autista. **Repositorio de Tesis y Trabajos Finales UAA**. 2022.

REZENDE, Tânia Ferreira; TSORORAWA, Jacinto. Gênero correspondência: Recados da natureza na comunicação com seres não escutados. **Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 1, n. 2, p. 268-290, 2020. Disponível em: www.https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/9344. Acesso em: 29/09/2024

REZENDE, Tânia Ferreira et al. Por uma postura decolonial na formação docente e na educação linguística: conversa com Tânia Rezende. **Gláuks-Revista de Letras e Artes**, v. 20, n. 1, p. 15-27, 2020. Disponível em: www.https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/161/106. Acesso em: 29/09/2024

REZENDE, Tânia. Narrativas do cerrado: As vozes das matas para uma educação linguística antirracista. **Língu@ Nostr@**, v. 9, n. 1, p. 38-58, 2021. Disponível em: www.https://periodicos2.uesb.br/index.php/lnostr/article/view/13104/7810. Acesso em: 29/09/2024

SILVEIRA, Fernanda Vieira da Rocha. “Por Que Não Jogo Tudo Pra Cima E Abandono De Vez O Aprendizado Em Inglês?” Reflexões E Entendimentos Sobre A Ansiedade De Língua Estrangeira. **Pensares em Revista**, n. 23, p. 141-162, 2021. Disponível em: www.https://www.epublicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/60525. Acesso em: 10/09/2024

SOUZA, Islane Ferreira de; MARTINS, Suellen Thomaz de Aquino; FROSSARD, Elaine Cristina Medeiros. Panorama dos estudos sobre emoções e identidades de professores de inglês em formação. **Ícone-Revista de Letras** (ISSN 1982-7717), v. 24, n. 2, p. 58-82, 2024. Disponível em: www.https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/13679. Acesso em: 10/09/2024

SOUZA, Samanta Jaime; FREITAS, Raimundo Nonato Gomes de. **Educação Assistida Por Animais: O Cão Como Mediador No Processo De Ensino-Aprendizagem E Facilitador Na Inclusão Dos Alunos Com Deficiência Nas Escolas**. 2021. Disponível em: www.https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV151_MD1_SA111_ID8165_14072021115534.pdf. Acesso em: 09/09/2024

Palavras-chave: Educação Linguística. Emoções. Linguística Aplicada Verde. Interações não-humanas.

FASCISTIZAÇÃO DA LINGUAGEM EM CONTEXTOS DIGITAIS: “KIT GAY” E “MAMADEIRA DE PIROCA” COMO CONSTITUINTES DO REPERTÓRIO LINGUÍSTICO E O PERÍODO DE GESTÃO GOVERNAMENTAL FASCISTA

William Brenno Porto Ferreira¹
Gabriel Nascimento dos Santos²

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho visa discutir a forma como os repertórios linguísticos “Kit Gay” e “Mamadeira de piroca” foram constituídos como ferramentas de uso político no campo da extrema-direita brasileira a fim de servir como bases para o fenômeno de fascistização da linguagem. O fenômeno em questão diz respeito aos usos reiterados das ferramentas supracitadas e o apoio aos ideais políticos-ideológicos do fascismo de modo recorrente na sociedade através das interações dos falantes em contextos online.

OBJETIVOS

- I – Como a fascistização da linguagem atua a fim de conferir um complexo aparato político mobilizador de massas que (re)produz identidades;
- II – Como a língua e linguagem compõem um espaço de poder e disputa política que não é jamais vazio ou possível de ser esvaziado sem que se alternem os ocupantes do poder

JUSTIFICATIVAS

Ao notar nisto o que Sanchez (2023) denomina de fascitização, um processo amplo que não se encerra nas considerações estruturais que levaram ao fascismo histórico, percebo que existe a necessidade de se explorar o tema da fascistização no campo das linguagens, o que pretendo denominar como fascistização da linguagem. Desse modo, dada a falta de material suficiente que discuta a agência da linguagem de modo focal para o processo de fascistização da linguagem, pretendo contribuir teoricamente para fomentar possibilidades de discussões que levem o campo da Linguística Aplicada a analisar como esse fenômeno de fascistização da linguagem atua nas relações sociais ocorridas na e pela

¹ williambrenno1750@hotmail.com

² gabriel.santos@csc.ufsb.edu.br

linguagem.

Encarando o processo de fascistização da linguagem como um problema ainda persistente, a presente pesquisa visa oferecer possibilidades para seu reconhecimento e possíveis ferramentas de enfrentamento. Imagino que a definitiva resolução não seria uma das possibilidades, pois isso exigiria um longo processo histórico, visto que não trato de um determinado problema dentro de um sistema fechado. A implicação ética, como percebo, seria o pressuposto de dar a entender de maneira explícita como o contato com o Outro, o diferente, se dá no processo de fascistização da linguagem.

Visto que nas buscas iniciais encontrei pouco material em língua portuguesa nas plataformas Google Acadêmico e Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, pretendo colaborar com a produção em língua portuguesa para o tema da fascistização. Sobretudo dentro do campo das linguagens, onde encontrei poucas produções que falassem a respeito desse processo vinculado à língua/linguagem. Dessa forma, colaborando com a produção científica no campo da Linguística Aplicada, desejo prosseguir na investigação, sob este prisma, a respeito do tema não somente a fim de descrevê-lo, mas tentar também colaborar com formas de enfrentamento disto que aqui denomino por fascistização da linguagem.

Objetivos específicos

- I – Entender como a linguagem (re)produz identidades;
- II – Como as diversas formas de colonialidades operam como mecanismos de imposição e controle nesses cenários;
- III – Como os atos de fala violentos, portanto a violência linguística, estão ligados aos enunciados fascistas

APARATO TEÓRICO

É mister iniciar a discussão acerca da revisão da literatura a partir das considerações do processo de fascistização compreendido dentro do cenário político brasileiro. Especificamente, tal qual apontam Sanchez et al (2023), o Brasil dos anos 2014 a 2018 viveu uma primeira fase do que se denomina de processo de fascistização, em que os discursos veiculados, sobretudo pelo à época candidato à presidência Jair Bolsonaro, convergiam para uma atuação fascista desde o posicionamento político-ideológico propriamente dito. E de uma segunda fase, 2019 e 2022, em que o governo levado a cabo

teve atuações fascistas desde sua forma de atuação quanto em suas propagandas oficiais, dessa forma, no campo estético. Para além do processo referente ao governo em suas esferas legislativo-administrativas (executivo e legislativo), outro âmbito que carregava em si durante os períodos supracitados eram os locais de interação entre falantes de língua portuguesa, no que destaco aqui os ambientes virtuais.

Na literatura científica, o processo de fascistização enquanto um fenômeno de força política já foi tomado enquanto objeto de análise. O que proponho com a análise da fascistização da linguagem é delimitar sob o prisma linguístico as características desse processo. Fascistização enquanto um processo não limitado ao conceito de fascismo histórico; processo de fascistização atrelado em bases da superestrutura (as dinâmicas entre instituições, como: poder administrativo, legislativo e judiciário, setores do funcionalismo público, veículos de mídia, sociedade civil geral) e infraestrutura (base econômica em que se desenvolve a sociedade, a saber, no caso do fascismo histórico e dos processos de fascistização, capitalista); é possível perceber a fascistização como um agudizador de desigualdades sociais existentes entre as classes dominantes (a grande burguesia capitalista) e os proletariados (classe trabalhadora, base do desenvolvimento da divisão social do trabalho e geradora da forma social capital) “A burguesia, mesmo a mais liberal, está pronta para fechar um acordo com qualquer um que lhe convenha, qualquer condotiero, bastando que seja capaz de salvar sua sagrada propriedade”(Pachukanis, 2023, p. 36); as violências fomentadas no campo da atuação do Estado durante a ditadura fascista em curso nos eventos históricos de Fascismo (Italiano) e Nazismo (Alemão). Desse modo, ao afirmar que, aparentemente, “Pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini” (Eco, 2021, p. 29) ampliamos as noções acerca dos fenômenos históricos para além de suas formas rígidas no tempo atingindo assim as nuances de suas veias ao longo das manifestações políticas as quais não constituíram, por força do rigor, uma ditadura fascista senão um agenciamento fascistizante.

A respeito disso, em nossa contemporaneidade, os ecos deixados por essas filiações político-ideológicas que reverberou em demasia no governo anterior deixou suas marcas como mecanismos de incitação das massas. A política relativa a esse fenômeno de massas ocorre nos processos de fascistização posteriores e gera possibilidade de

surgimento dos processos de fascistização intrínsecos aos atuais momentos do capitalismo em sua forma neoliberal.

Não raro era possível localizar discussões acaloradas entre pessoas com pontos de vistas argumentativos opostos em relação à figura de Jair Bolsonaro que se alçava como candidato à presidência. Dessa maneira, tanto no processo de disputa, governo e pós-governo, os embates que suscitam uma utilização da linguagem em contextos de interação online ainda carregam em si traços da dita fascistização. O que me proponho a analisar, não delimitando este como um terceiro ou quarto momento, mas como processo ainda em curso desde antes do momento de disputa eleitoral, é a fascistização da linguagem em comentários online de pessoas diversas que possam ou não estar atrelados a um conteúdo político explícito e/ou implícito.

Para tanto, as concepções sobre língua e linguagem que assumo partem dos escritos de Santos e Nascimento (2024, p. 5) que “[...] como comunicação, a Linguagem serve para compreender a vida real, para usar a fala e comunicar mediando a realidade e a mente subjetiva com palavras, e para conservar a cultura através de sinais escritos” e Fanon (2020), ressoado por Santos e Nascimento (2024, p. 6), “O autor destaca que usar uma língua, além de ser capaz de empregar uma sintaxe específica de acordo com uma gramática específica, é assumir uma cultura, que suporta o peso da civilização”. Para além disso, compreender língua e linguagem como mecanismos próprios da produção cultural humana e intrinsecamente ideológicas se faz necessário para vislumbrar possibilidades de atingir as questões relativas à fascistização.

Dessa maneira, a proposição deste trabalho está ligada a compreender como o processo de fascistização da linguagem se desenrola a fim de produzir politicamente o engajamento de pessoas no campo de apoio da extrema-direita. Para tanto, é necessário também resgatar algo que, anterior ao processo descrito por Sanchez et al (2023), também se fez e se reinseriu nas discussões políticas mais recentes as utilizações do que se poderia chamar de um repertório linguístico a serviço da fascistização da linguagem, os enunciados “Kit Gay” e “Mamadeira de piroca” largamente utilizados com o intuito de atacar não apenas as instituições do Estado democrático de direito burguês, mas também o Partido dos Trabalhadores (PT) de espectro político social-democrata, portanto à esquerda, que figura como uma oposição histórica aos expoentes da extrema-direita brasileira.

Assim sendo, na esteira do que trazem Santos e Nascimento (2024), partir do pressuposto de que língua e linguagem são compreendidas enquanto produção cultural e

disseminadora desta, possibilita perceber as implicações políticas presentes nas línguas. De igual modo, as línguas enquanto mecanismo de poder produtor, língua enquanto (re)produtora de identidades, marcação e realocação do corpo para dentro do debate de significações produzidas pela(s) língua(s), racialização dos corpos e como estão dispostas as identidades de pessoas negras e brancas; processos de violência colonial durante o colonialismo enquanto evento histórico desenvolvedor do capitalismo e das colonialidades enquanto mecanismos de sociabilidades resultantes do evento histórico, são algumas das importantes contribuições a serem levadas adiante pelo trabalho o qual me proponho a realizar dialoga com os escritos de Santos e Nascimento por considerar, junto a eles, língua e linguagem estão relacionadas com a (re)produção de identidades, sobretudo das identidades racializadas de pessoas negras e brancas. Também é possível elencar que a preocupação em trazer a esfera política das línguas e das linguagens sociohistoricamente criadas à discussão, de modo que se compreenda que as línguas são também atos políticos e que gozam de determinado status com base em sua historicidade, de quando, onde e como passaram a mediar as práticas sociais nos territórios em que são presentes.

As implicações sobre línguas e linguagens trazidas apontam para que tudo que, no plano dessas manifestações, fuja dos ditames branco-cis-hetero-cristão-capitalista passe a ser não só desconsiderado como também erradicado. Essa hierarquização visa rechaçar todo o tipo de cosmologia que derive da alteridade (tudo o que seja não-branco) e com isso cria uma condição de não-ser onde, a partir da linguagem, encerra-se o Outro.

METODOLOGIA

Como corpus de pesquisa serão selecionados enunciados relativos às fake news do “Kit Gay” e da “Mamadeira de piroca” largamente difundidas a partir das discussões parlamentares de 2011 acerca da inserção do material “Escola sem Homofobia” nas escolas do Brasil, que ainda estava em apreciação pelo Ministério da Educação (MEC), pasta que tinha Fernando Haddad como titular. Material que destinava aos educadores e alunos oferecendo estratégias para enfrentamento da homofobia no âmbito escolar e da sociedade civil. Sob a pecha de ser um material que estimulava o “homossexualismo e promiscuidade”. A escolha dos termos, ainda à época, demonstrava desdém e demasiado grau de homofobia por parte dos parlamentares conservadores que vociferavam isso nas câmaras e de parte da população civil conservadora que constantemente atacaram o

material sem sequer saber do que se tratava. Busco construir o corpus da pesquisa a partir dos enunciados “Kit Gay” e “Mamadeira de piroca”, investigando como esses enunciados foram decisivos para a construção de um repertório linguístico em prol do processo de fascistização da linguagem.

Dito isto, serão trazidas à pesquisa as enunciações de Jair Messias Bolsonaro a respeito de sua denúncia ao suposto “Kit Gay” na Câmara dos Deputados como um dos marcos relevantes da utilização do sintagma “Kit Gay” dentro da política de estado brasileira. Dessa maneira, busco desenvolver, a partir desse momento, a problematização desse enunciado para além dos muros institucionais do congresso brasileiro. Observando como esse enunciado que forneceu bases de um repertório linguístico em prol da fascistização da linguagem obteve sucesso em sua propagação nas redes sociais.

Os comentários de usuários das redes em relação ao suposto kit gay e a mamadeira de piroca¹ serão organizados em grupos: os comentários que se direcionem ao objeto composto pelo suposto kit gay de maneira generalista; o segundo, àqueles que se direcionam ao objeto da suposta mamadeira de piroca de maneira específica. A partir disso, será feita a análise de como esses enunciados constroem o repertório linguístico em curso das pessoas que se manifestam politicamente à direita/extrema-direita ou que foram cooptadas por esses pontos específicos do repertório linguístico a serviço da extrema-direita brasileira.

Para tanto, a metodologia qualitativa interpretativista de cunho documental, que amparará a separação das notícias nos veículos jornalísticos e posterior análise dos enunciados. A metodologia em questão foi selecionada por compreender que seria mais adequada às pretensões da pesquisa. Contudo, há uma adequação necessária que diz respeito ao suporte de onde geralmente se retira o material de pesquisas que seguem essa metodologia, uma vez que serão utilizados jornais eletrônicos e não impressos. Ainda que de modo digital, os jornais profissionais do meio digital conseguem conferir segurança no processo de identificação da autoria e autenticidade.

Inserem-se nesse rol, documentos públicos, e/ou privados, variando entre jornais, revistas, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão, documentos legais, registros audiovisuais e sonoros, imagens, mensagens de e-mail, entre uma infinidade de outros documentos (APPOLINÁRIO, 2009; LUDKE; ANDRÉ, 1986; OLIVEIRA, 2007) (Ribeiro, Picalho e Cunico, 2023).

Com isso, busco analisar como os enunciados “Kit Gay” e “Mamadeira de piroca” foram constituídos como repertório linguístico dentro do campo de mobilização da extrema-direita a fim de angariar apoiadores.

A coleta dos dados, no caso, dos enunciados ocorrerá em dois momentos distintos:

A produção desses enunciados a partir das manifestações do político da extrema-direita, o à época deputado, Jair Bolsonaro;

E a repetição destes enunciados (Kit Gay e Mamadeira de piroca) por figuras da extrema-direita em diversos momentos enunciativos (seja em entrevistas, podcasts ou nas redes sociais etc.) e pelas pessoas nas redes sociais (no caso dessa pesquisa, especificamente, no Instagram) em publicações a respeito do suposto material fomentado pelo PT (Partido dos Trabalhadores) na atuação do Ministério da Educação chefiado pelo à época ministro Fernando Haddad.

DISCUSSÃO

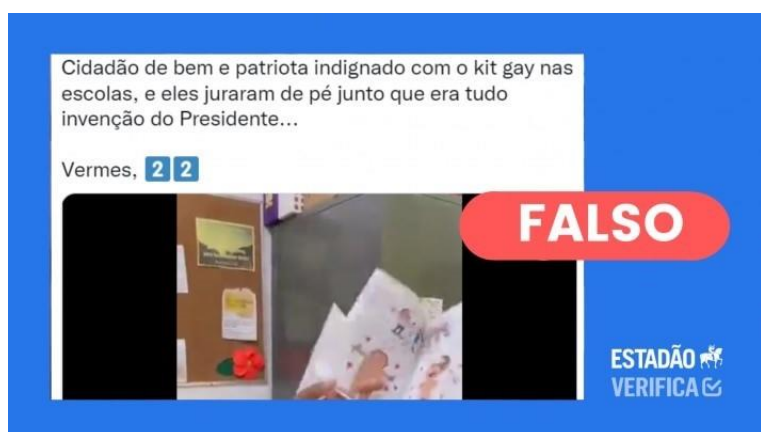


Imagem 1. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/amp/estadao-verifica/kit-gay-bahia/>. Acesso em: 22 dez 2024

A imagem acima ilustra como os repertórios linguísticos que vem sendo criados pela extrema-direita brasileira se valem das lógicas do pânico moral e ansiedade sexual (Stanley 2022) como forma de garantir determinada unidade em seu público contra aqueles os quais eles consideram não só seus inimigos, mas também inimigos da nação: os campos políticos das esquerdas.

A fim de perceber como essas ferramentas linguísticas operacionalizam uma linguagem que rumo aos ideais políticos-ideológicos fascistas, dando forma ao que neste trabalho se entende por fascistização da linguagem, é fundamental que se tenha delineado de modo inequívoco que a língua/linguagem é um espaço de poder e disputa. As análises

se seguirão de modo a evidenciar tais pressupostos. Espero atingir os objetivos propostos no trabalho a medida em que os materiais sejam mais aprofundadamente analisados. Por ora, ficam aqui, de maneira breve, estas considerações.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021. 288 p.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 432 p.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução: Cláudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020. 136 p.

COLOMBO, LUIZA RABELO. **A NOVA PEDAGOGIA DA HEGEMONIA EVANGÉLICA E O PROJETO BOLSONARISTA DE FASCISTIZAÇÃO: a interface nas políticas de militarização das escolas e de Educação Domiciliar (2019-2022)**' 07/12/2023 386 f. Doutorado em EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Seropédica Biblioteca Depositária: Biblioteca Central UFRRJ.

DO NASCIMENTO DUARTE, Janaina Lopes; DE SOUZA LIMA, Kátia Regina. Fascistização e educação superior: o futuro da universidade pública em xeque. **Argumentum**, v. 14, n. 1, p. 7-25, 2022.

ECO, U. **O fascismo eterno**. Tradução: Eliana Aguiar. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022. 64 p.

EVANS, R. J. **Terceiro Reich na história e na memória**: novas perspectivas sobre o nazismo, seu poder político, sua intrincada economia e seus efeitos na Alemanha do pós-guerra. Tradução: Renato Marques. Rio de Janeiro: Planeta do Brasil, 2018. 496 p.

FERREIRA, Ana Carolina Sampaio; BARBOZA, Douglas Ribeiro. PROCESSO DE FASCISTIZAÇÃO DO ESTADO E AVANÇO DAS.

HAN, B.C. **O que é poder?**. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019. 216 p.

HAN, B, C. **Topologia da Violência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017. 272 p.

RIBEIRO, Fernanda Borges Vaz. PICALHO, Antonio Carlos. CUNICO, Leticia. FADEL, Luciane Maria. Abordagem interpretativista e método qualitativo na pesquisa documental: descrição geral das etapas de coleta e análise de dados. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.100-113. TRI I 2023. ISSN

1980-7031

SANCHEZ, Mariano Luis et al. Crise e fascistização: Brasil, 2014-2018. 2023.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Tradução: Bruno Alexander. 8ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2022. 208 p.

ZOTELLI, MARIELLA BATARRA MIAN. **O CIBER-FASCISMO NO GOVERNO BOLSONARO: a comunicação reacionária propulsionada pelos aparatos privados da cibercultura e operada pela extrema-direita no Brasil** ' 02/10/2023 245 f. Doutorado em Ciências Humanas e Sociais Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, Santo André Biblioteca Depositária: UFABC;

Palavras-chave: Fascistização. Fascistização Da Linguagem. Fascismo. Kit Gay. Mamadeira De Piroca.

PLURILINGUISMO E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL E NA FRANÇA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE BASES CURRICULARES

Yanê Batista Santos Lins¹
Urbano Cavalcante Filho (orientador)²

APRESENTAÇÃO

O mundo caminha para o desenvolvimento global em diversos âmbitos, com as competências linguísticas ganhando destaque em contextos marcados por migrações e internacionalização. Temas como bilinguismo e plurilinguismo permeiam debates educacionais, trazendo à tona questões sobre como valorizar a diversidade linguística e promover uma educação equitativa em países com disparidades socioeconômicas, como Brasil e França.

No Brasil, reconhecido como nação multicultural, o cenário linguístico foi formalmente abordado apenas na Constituição de 1988, que trouxe à pauta línguas indígenas e seus processos educacionais. No entanto, outras variantes, como línguas de imigração, de fronteiras e de sinais, ainda carecem de reconhecimento nos parâmetros curriculares nacionais. Já na França, a tensão entre o prestígio do francês padrão e a valorização de línguas migrantes ou regionais, como o occitano e o bretão, reflete a ideologia de "uma língua, uma nação", resultando na exclusão gradual dessas línguas.

As políticas linguísticas de ambos os países evidenciam desafios no equilíbrio entre preservação linguística e promoção do plurilinguismo. Este projeto analisa como as bases curriculares constroem discursivamente o tema, identificando convergências e divergências nas respectivas culturas discursivas. Orientada por estudos sobre educação plurilíngue e análise do discurso comparativa, a pesquisa utiliza o gênero discursivo como base para interpretar as políticas linguísticas em contextos distintos.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar o discurso acerca da valorização, preservação e fomento da diversidade linguística no Brasil e na França no gênero discursivo base curricular, pensando sua correlação com a política linguística construída nas respectivas culturas.

¹ ybslins.ppgl@uesc.br

² urbano@ifba.edu.br

Objetivos específicos

- Analisar o discurso nas bases curriculares brasileira e francesa no que concerne ao desenvolvimento do plurilinguismo;
- Comparar o discurso nas bases curriculares de ambas as culturas supracitadas, identificando semelhanças, diferenças e possíveis desafios na promoção do plurilinguismo;
- Investigar como o discurso para o desenvolvimento do plurilinguismo nas bases curriculares consideram fatores linguísticos, históricos e sociais das culturas brasileira e francesa.

JUSTIFICATIVAS

A relevância de nossa proposta destaca-se ao considerar o papel do Estado na promoção de uma educação que valorize a diversidade linguístico-cultural. Refletir sobre políticas linguísticas que formem cidadãos globais é essencial, especialmente em um mundo onde a mediação intercultural ganha relevância. Grigoletto e Fortes (2022) enfatizam que propostas curriculares plurilíngues são moldadas por discursos que refletem identidades e práticas pedagógicas plurais, promovendo a navegação crítica entre diferentes esferas culturais e linguísticas.

Grillo (2023) observa que o discurso acadêmico, ao consolidar-se nas bases curriculares, revela influências socio-históricas e culturais. No caso das políticas de plurilinguismo, os textos oficiais mediam a relação entre cultura e poder, evidenciando como culturas educativas são moldadas por essas orientações. A comparação entre Brasil e França possibilita reavaliar como o plurilinguismo é promovido em diferentes contextos, construindo novos paradigmas educacionais, permitindo, por sua vez, compreender como políticas linguísticas refletem tensões entre o local e o global.

Nossa proposta dialoga com os avanços da Linguística Aplicada e da Análise do Discurso Comparativa, abordando o plurilinguismo sob perspectivas teórico-metodológicas inovadoras e em expansão na comunidade acadêmica brasileira. O estudo contribui ao investigar práticas discursivas que emergem do diálogo entre línguas e culturas, ampliando os horizontes teóricos da análise de discursos comparativa. Alinhamo-nos a estudos como o de Santos e Lima (2022) e Cavalcante-Filho (2022), que analisam o discurso presente nos documentos educacionais oficiais com relação à valorização da diversidade linguística e cultural. Assim, articulamos dimensões locais e

globais do plurilinguismo, propondo reflexões que possam ampliar nossa compreensão das questões referentes à diversidade linguístico-cultural e às políticas linguísticas nos estudos linguísticos brasileiros.

APARATO TEÓRICO

A globalização impulsionou fluxos migratórios e, conseqüentemente, transformações na educação para lidar com a diversidade linguística e cultural. Nesse contexto, o plurilinguismo é um conceito destacado e discutido em países como Brasil e França, considerando heranças coloniais e dinâmicas globais. Este, relaciona o aprendizado a elementos multilinguísticos e interculturais, refletindo processos identitários contemporâneos (Megale, 2018). No entanto, o tema ainda é recente e complexo, com definições divergentes e debates acerca de sua aplicação.

Historicamente, o plurilinguismo foi tratado sob perspectivas dicotômicas, como os modelos aditivo e subtrativo (Megale, 2018). Essas abordagens ignoravam a dinâmica linguística e cultural dos falantes, reduzindo a língua a compartimentos estanques. Com a expansão do conceito no século XXI, García (2009) destaca a necessidade de considerar contextos fluídos, em que o uso de múltiplas línguas varia em finalidades e proficiências. Megale (2018) também critica documentos oficiais estaduais que abordam a educação bilíngue de forma monoglóssica, desconsiderando a complexidade cultural e as demandas pedagógicas amplas. A língua passou, então, a ser vista como heteroglóssica e dinâmica, influenciando programas educacionais.

Os programas derivados de uma visão heteroglóssica de língua podem ser recursivos ou dinâmicos. Os programas recursivos são focalizados no resgate de línguas ancestrais e os dinâmicos são programas nos quais há o desenvolvimento de uma língua adicional à língua da comunidade de origem (Megale, 2018, p. 6).

No Brasil, é inegável a posição do inglês como "língua de prestígio", quando tratamos de um ensino plurilíngue, conectando-o a interesses econômicos e mercadológicos, o que marginaliza as demais variedades linguísticas nacionais (Grigoletto e Fortes, 2022). Já na França, vemos, por um lado, tensões entre a valorização e a extinção das línguas regionais e, por outro, a marginalização das línguas das comunidades migrantes (Guerin, 2020). Em ambos os países, o conceito é promovido nas bases curriculares, construindo a diversidade linguística como forma de inclusão e desenvolvimento social.

Segundo Spolsky (2003, p. 12), o plurilinguismo pode ser entendido como "o uso de várias línguas em uma comunidade, cidade ou país para atender às necessidades da vida cotidiana, da cultura e das relações sociais". As demandas e as condições de desenvolvimento de uma comunidade plurilíngue estão diretamente relacionadas à política linguística, que, em um primeiro plano, são ações planejadas pelo governo, Estado, município ou outras instituições, com o objetivo de regular a língua utilizada por uma sociedade. De forma mais aprofundada, nas palavras de Rodrigues e Nascimento (2020),

[...] as políticas linguísticas têm o intuito de regular os usos linguísticos e, são mecanismos ideologicamente saturados, ou seja, são inevitavelmente de natureza ideológica, processos socioculturais complexos mediados por relações de poder que expressam afirmações normativas sobre os usos linguísticos (Rodrigues; Nascimento 2020, p. 19).

Os pesquisadores caracterizam ainda as políticas linguísticas como resultados de escolhas feitas a partir de um contexto complexo com interferências culturais, políticas, econômicas e sociais.

Estas escolhas promovem profundas consequências sociais e políticas, uma vez que, exercem uma importante influência na identidade nacional, no ensino de línguas, em especial no que diz respeito a minorias linguísticas, que podem ser legitimadas ou marginalizadas (Rodrigues; Nascimento 2020, p. 24).

Dessa forma, além de regular práticas de linguagem e elementos linguísticos, as políticas linguísticas também definem relações de hierarquizações entre as variedades e línguas dentro de uma determinada comunidade, conferindo prestígio ou invalidando grupos de falantes.

Grigoletto e Fortes (2022) ponderam sobre a ausência de documentos educacionais que regulamentem as práticas plurilíngues em um país como o Brasil, altamente marcado pela diversidade linguística e cultural, resultante tanto de influências nacionais quanto transnacionais. No Brasil, a falta de regulamentações específicas para práticas plurilíngues resulta em desafios relacionados à produção de materiais didáticos e à formação de professores

Na França, as políticas linguísticas enfrentam o paradoxo de reforçar hierarquias ao tentar promover o plurilinguismo. Brahim Azaoui (2022) argumenta que, embora o plurilinguismo traga benefícios, ele pode se tornar um dogma, ignorando especificidades nos contextos dos diferentes sujeitos. Ele propõe princípios éticos, como a valorização da singularidade e a imputabilidade na prática e difusão linguísticas, para garantir que o plurilinguismo seja uma escolha dos indivíduos e não uma imposição.

A este ponto da presente pesquisa, ao comparar preliminarmente os contextos brasileiro e francês, o diálogo entre eles evidencia que as políticas de plurilinguismo e educação bilíngue enfrentam desafios semelhantes em termos de evitar essencializações culturais e garantir uma educação que respeite a fluidez e diversidade das práticas linguísticas. Ambos os países se mostram em busca de um equilíbrio entre inclusão e valorização da pluralidade sem reificar identidades linguísticas, o que requer um contínuo esforço reflexivo por parte dos educadores e formuladores de políticas.

Ainda dentro dessa perspectiva do plurilinguismo e das políticas linguísticas, também é interessante investigar sobre as possíveis barreiras ideológicas e institucionais que podem existir no desenvolvimento do plurilinguismo, tanto no Brasil quanto na França, e propor maneiras de superá-las a partir de práticas educacionais inovadoras e políticas inclusivas, com o objetivo de transformar em ações transformadoras, os debates acerca dessas temáticas. Para isso, é importante aprofundar as leituras de alguns teóricos como Cristine Severo, no Brasil, e Jean-Louis Chiss, na França.

METODOLOGIA

Nossa metodologia alinha-se aos princípios da análise de discursos comparativa, baseando-se em trabalhos de pesquisadores do grupo *Diálogo* (USP/CNPq) (Grillo, 2023; Santos e Lima, 2022; Sardá *et al*, 2022; Cavalcante Filho, 2022) e de pesquisadores franceses do grupo *Clesthia – Axe sens et discours* (Claudel *et al*, 2013).

Na linha francesa, destaca-se a análise do discurso contrastiva de Patricia von Münchow (2021), que identifica culturas discursivas³ a partir de produções verbais, utilizando o gênero discursivo⁴ como elemento comum (*tertium comparationis*) para descrever e interpretar essas línguas e culturas.

No Brasil, a análise comparativa é influenciada pelas contribuições de Bakhtin e do Círculo, que tratam a linguagem como materialidade viva, em constante

³ Conforme von Münchow (2021), no convívio de uma determinada comunidade circulam representações sociais que se relacionam diretamente com discursos. As culturas discursivas são visualizadas por meio de regularidades e padrões com base na maneira com que os sentidos se apresentam na linguagem. Pensa-se, por exemplo, o que é efetivamente dito, como é dito, porque é dito em função das relações do dizer com os indivíduos e suas coletividades culturais. Ao mesmo tempo, questionam-se as possibilidades de dizer que poderiam ser ditas e as que não deveriam ser ditas em dado contexto sócio-histórico-cultural.

⁴ Segundo Bakhtin (2016) os gêneros do discurso são perceptíveis nos padrões com que os diferentes campos da atividade humana elaboram “tipos relativamente estáveis de enunciado” (p. 12). Consideramos o gênero do discurso em sua dualidade constitutiva: por elementos de ordem verbal e elementos de ordem extraverbal. Os repertórios de gêneros discursivos são ricos e diversos, em função da multifacetada atividade humana.

transformação, e os enunciados como reflexos de interações discursivas concretas (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2017). Apesar das distinções conceituais entre língua, cultura e discurso, a aproximação metodológica entre as vertentes francesa e brasileira ocorre pelo uso dos gêneros discursivos como fundamento analítico que permite a aproximação de diferentes línguas e culturas.

Os critérios para o *corpus* consideram: 1) gêneros discursivos das bases curriculares; 2) representatividade cultural e linguística acessível aos pesquisadores; e 3) relevância como orientadores da educação linguística contemporânea. Nosso *corpus* principal inclui a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (2017/2018), no Brasil, e *Le socle commun de connaissances, de compétences et de culture* (SCCC) (2013) na França.

Essa abordagem busca analisar como os discursos curriculares refletem e produzem sentidos sobre o plurilinguismo, promovendo perspectivas inovadoras sobre o encontro entre culturas discursivas e a educação linguística.

DISCUSSÃO

Os resultados serão analisados com base na análise comparativa de discursos, destacando-se os trabalhos de Grillo (2023), Santos e Lima (2022) e Cavalcante Filho (2022) como importantes referências teórico-metodológicas. Inspirados por Bakhtin (2017), exploramos como o contraste entre culturas enriquece as representações sociais nos discursos. Essa abordagem revela peculiaridades culturais e amplia os sentidos das construções analisadas.

O projeto tem resultado em artigos científicos submetidos a periódicos e eventos nacionais e internacionais em áreas como Linguística Aplicada, Análise do Discurso e Políticas Linguísticas. Tais publicações visam enriquecer o debate acadêmico sobre plurilinguismo e contribuir para uma educação mais democrática e plural, promovendo a conscientização e ações transformadoras nas comunidades envolvidas.

REFERÊNCIAS

AZAOUI, B. *Pour une éthique de l'éducation plurilingue*. **Tréma**, Montpellier, n. 58, 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/trema/7843>. Acesso em: 03 set. 2024. DOI: 10.4000/trema.7843.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BROCH, I. K. Pluralidade linguística no currículo escolar. **Sociodialeto**, Campo Grande, nov. 2012. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br>. Acesso em 23 ago 2023.

BAKHTIN, M.. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017.

CAVALCANTE FILHO, U. Dialogismo e heterodiscurso na divulgação científica brasileira e francesa: uma análise dialógico-comparativa. **Linha D'Água**, 35(2), 2022, 54-76. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v35i2p54-76> Acesso em: 03 set. 2024.

CLAUDEL, C. et al (Org.). **Cultures, discours, langues: Nouveaux abordages**. Limoges: Lambert-Lucas, 2013.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GRIGOLETTO, M.; FORTES, L. Sentidos em movimento e trabalho do equívoco: uma leitura discursiva da proposta curricular nacional para oferta de educação plurilíngue. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n (61.2), 2022, p. 376-390. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8666332/30074> Acesso em: 03 set. 2024.

GRILLO, S. V. de C. A noção de “contexto” na obra de Mikhail Bakhtin e do círculo. **Revista Alfa**, São Paulo. v: 67, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/17813/17807> Acesso em: 03 set. 2024.

GUERIN, E. À propos de l'identité française actuelle. **Archipélies [En ligne]**, n.10, 2020, Disponível em: <https://www.archipelies.org/805> Acesso 28 oct. 2024

HAMERS, J.; BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MEGALE, A. H. Educação bilíngue de línguas de prestígio no Brasil: uma análise dos documentos oficiais. **Revista ESP**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 31-47, 2018. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/esp>. Acesso em: 03 set. 2024. DOI: 10.23925/2318-7115.2018v39i2a4. von MÜNCHOW, P. **L'analyse du discours contrastive. Théorie, méthodologie, pratique**, Limoges : Lambert Lucas, 2021.

RODRIGUES, J.; NASCIMENTO, A. Políticas linguísticas no Brasil: Monolinguismo e padronização da língua. **Revista Coralina**. Cidade de Goiás, vol. 3, n. 1, p. 18-33, jul./2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/coralina/article/view/10195> Acesso em: 03 set. 2024.

SANTOS, Y. A. B.; LIMA, S. F. O ensino de argumentação na Argentina e no Brasil: aproximações e distanciamentos em diretrizes curriculares. **Revista Linha d'água**, São Paulo. v: 35, n.02, p. 77-99, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/191979/185030> Acesso em: 03 set. 2024.

SPOLSKY, B. Language practices, ideology and beliefs, and management and planning. In: **Language Policy** (Key Topics in Sociolinguistics, pp. 1-15). Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

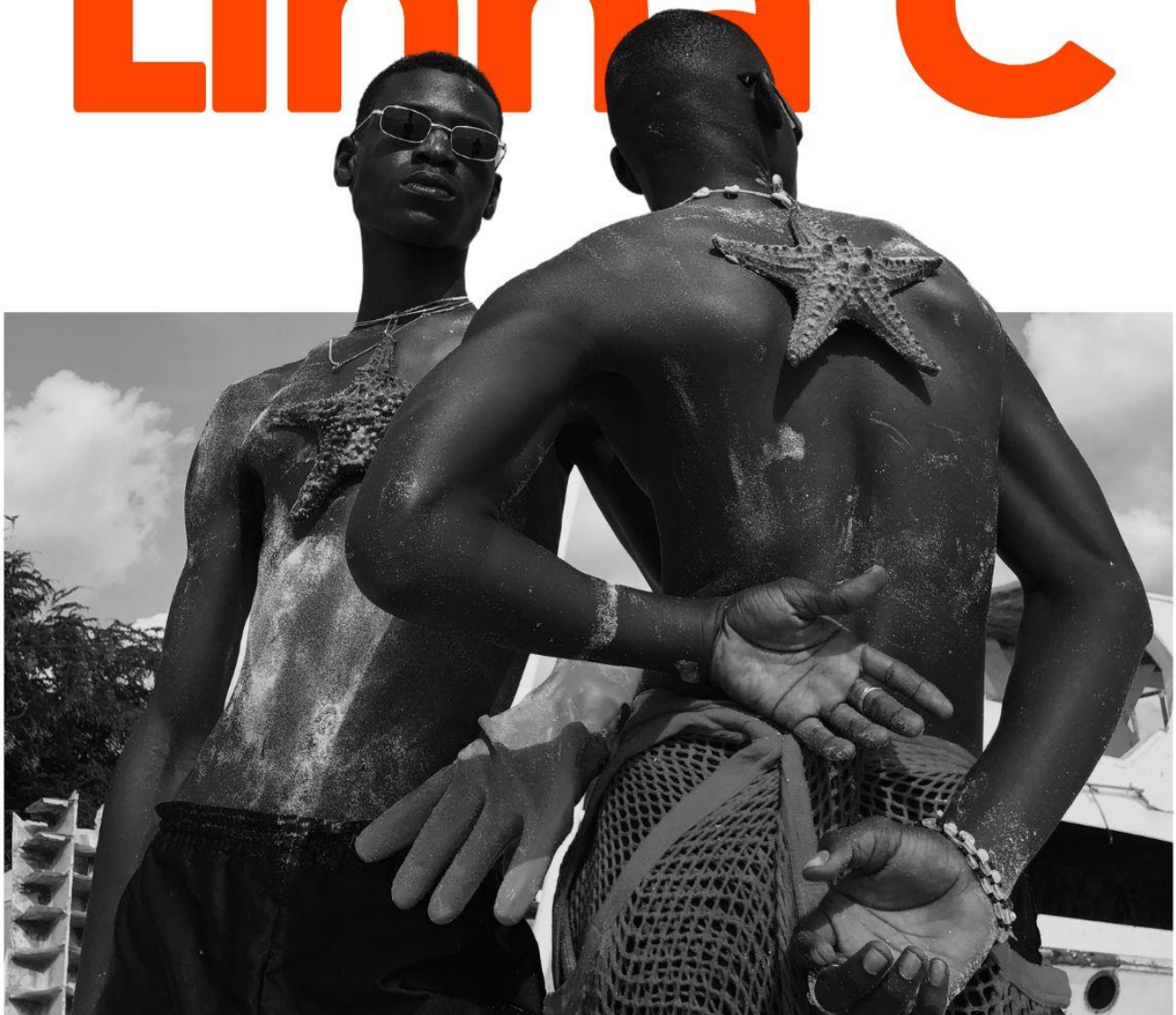
VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Palavras-chave: Plurilinguismo. Bases curriculares. Políticas linguísticas. Análise de discursos comparativa.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ESTUDOS DE GÊNERO E LINGUAGENS

Linha C



TRABALHOS
APRESENTADOS:
JAN.2025



PROTAGONISMO NEGRO EM OBRAS ADAPTADAS: UMA ESCUTA DISCURSIVA DA RACIALIDADE EM COMENTÁRIOS ONLINE

Breno Gustavo Silva Freitas¹
Rogério Modesto (orientador)²

APRESENTAÇÃO

As adaptações não são novidades nas produções fílmicas, haja vista as inúmeras obras literárias que já foram (e seguem sendo) adaptadas para o cinema. Pensando nisso, durante a iniciação científica que realizei ainda na graduação, investiguei os discursos sobre mulheres negras a partir dos comentários sobre a adaptação live-action *A Pequena Sereia* por meio do *Twitter* (atual *X*). Na ocasião, como resultado das análises, os efeitos de sentidos produzidos significavam a mulher negra como “raivosa”, “feia”, “incapaz”, “inapta” para o filme, desde uma posição imaginária que se marcou pela pedagogização do discurso – o sujeito imaginava-se no papel de ensinar o “correto” à Disney e à atriz.

Desde então, sigo interessado em investigar sobre como são significados os sujeitos negros que são elencados como protagonistas de filmes adaptados. De modo que as condições de produção que mobilizaram o desenvolvimento desta pesquisa estão relacionadas à polemização de sentidos no momento em que as atrizes negras são anunciadas como protagonistas das obras adaptadas, isto é, relacionadas às significações díspares que ocorrem nas redes sociais a partir do anúncio dos sujeitos negros nos filmes. Deste acontecimento, há a discursivização sobre a legitimidade de sujeitos negros, em detrimento de sujeitos brancos, serem os protagonistas das adaptações.

Esta pesquisa, então, nasce do interesse em investigar como são produzidos os discursos racializados a partir de mídias online. Para isso, tomo como objeto de análise os comentários online postos em circulação no *Instagram* quando anunciadas e/ou estreadas três obras adaptadas – *A Pequena Sereia* (2023), *Romeu e Julieta* (2024) e *O Auto da Compadecida 2* (2024) – com o objetivo de analisar o funcionamento da racialidade através dos comentários enquanto materialidade discursiva.

O problema de pesquisa, portanto, se constitui a partir da polemização dos sentidos sobre a categoria étnico-racial negra quando sujeitos negros ocupam papéis supostamente pertencentes a sujeitos brancos em obras adaptadas. Isto é, interrogo-me

¹ bgsfreitas.ppgl@uesc.br Bolsista [FAPESB].

² rlmsantos@uesc.br

acerca do como a presença de protagonistas negros nas adaptações é relativizada a partir de sua identidade étnico-racial. O problema, então, pode ser resumido à seguinte pergunta: como a racialização dos sujeitos negros é discursivizada nos comentários online de modo a significar os sujeitos brancos como hegemônicos?

Embora a pesquisa não proponha responder a determinada hipótese, mas sim mobilizar um gesto analítico da materialidade discursiva afim de investigar os efeitos de sentidos produzidos, mobilizo duas hipóteses, para fins didáticos, que podem vir a ser confirmadas posteriormente ao gesto analítico. A primeira é que a identidade étnico-racial negra é discursivizada de modo a reforçar os sujeitos brancos enquanto “universais” e/ou “sujeitos não-raciais”. A segunda é que o silêncio, enquanto materialidade significativa, é um dos elementos que baliza a discursivização da identidade étnico-racial dos sujeitos brancos ao não-dizer de sua condição racializada.

Tais hipóteses são levantadas a partir da observação das regularidades nos comentários online no momento de elaboração do projeto, mas estão aliadas, sobretudo, aos trabalhos teóricos de Memmi (2023 [1957]), Fanon (2008 [1952]), Carneiro (2023), dentre outros, que pensam sobre como os sujeitos brancos, para manterem seu status hegemônico, produziu o negro como o outro de si.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar o funcionamento da racialidade nos comentários online postos em circulação no Instagram quando anunciadas e/ou estreadas as adaptações *A Pequena Sereia* (2023), *Romeu e Julieta* (2024) e *O Auto da Compadecida 2* (2024) com o protagonismo de sujeitos negros.

Objetivos específicos

- Discutir como a historicidade dos sentidos sobre a racialização dos sujeitos negros e brancos são regularidades que comparecem, pelos comentários online, na significação das obras adaptadas;
- Investigar como os sentidos de adaptação se enlaçam aos dizeres sobre os sujeitos negros de modo a significá-los como não convenientes para determinada adaptação artística;
- Analisar como a discursivização sobre os protagonistas negros em obras

adaptadas produzem efeitos de sentido sobre as categorias raciais “negro” e “branco”.

JUSTIFICATIVAS

Ao escolher investigar sobre os discursos racializados produzidos nas redes sociais, o faço a partir da compreensão de que um objeto de pesquisa pode ser vislumbrado de diferentes perspectivas. Neste viés, reconheço a importância dos estudos das relações raciais (Bento, 2005, 2013; Cardoso, 2008) para que as investigações sobre raça no Brasil sejam investigadas a partir de distintas posições.

Assim, a importância desta pesquisa está em propor analisar os efeitos de sentido sobre as categorias raciais “negro” e “branco” que são produzidos pela discursivização sobre os protagonistas negros a partir dos comentários online que circulam nas redes sociais quando os sujeitos negros são anunciados como protagonistas das adaptações fílmicas. Pois, a discursivização acerca do protagonismo negro, em detrimento do branco, denuncia a indisposição da branquitude em partilhar espaços de prestígio social, relegando ao negro, então, os espaços subalternizados.

Este projeto de investigação contribuirá com a linha de pesquisa à medida em que se somará aos estudos atuais sobre a branquitude (Bento 2005, 2013; Cardoso, 2008), deficitário até 2007, como apontou a pesquisa de Cardoso (2008). E, sobretudo, por considerar os discursos racializados nas condições de produção do Brasil, tal como Modesto (2018, 2021) o faz em suas produções, seja ao refletir sobre a interpelação ideológica considerando as problemáticas raciais, seja ao produzir inteligibilidades sobre os discursos racializados.

Pretendendo contribuir com as pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Discursos e Tensões Raciais (DTER), cujas investigações refletem sobre o dizeres de/sobre raça nas diversas materialidades significantes (Modesto, 2021; 2018), este projeto de pesquisa está aliado à tentativa de (des)construção epistemológica no interior das discussões raciais para que a sociedade tenha cada vez mais recursos para refletir sobre o mal que lhe acomete e que repousa sob a desigualdade entre os povos.

Portanto, a escolha do tema e a aderência à linha de pesquisa se justificam pela construção de dizeres e gestos de interpretação sobre o funcionamento da racialidade para que, desta forma, coloquemos à baila as discursividades que cristalizam o negro como o outro do branco. Como assevera Guerreiro Ramos (1995 [1957], p. 202), “no Brasil, o branco tem desfrutado do privilégio de ver o negro, sem por este último ser visto”.

APARATO TEÓRICO

Na pesquisa em desenvolvimento, o tema é os discursos racializados a partir de comentários online sobre filmes adaptados com protagonismo de sujeitos negros. Desse modo, os trabalhos de Modesto (2021) e de Orlandi (2007) contribuem com o desenvolvimento da investigação na medida em que tomo como objetivo o gesto de tensionar como a discursivização da branquitude é produzida ao se dizer de/sobre sujeitos negros.

Tensionar esta relação implica a compreensão de que há, entre a branquitude e os sujeitos negros, uma relação de contradição necessária (Bento, 2019). Ou seja, ao se dizer de/sobre o sujeito negro, há sentidos que são silenciados e que, no entanto, ainda que em silêncio, não deixam de produzir sentidos de/sobre a branquitude, de/sobre os sujeitos negros.

Nesta empreitada, o trabalho de Modesto (2021) se inscreve como uma importante referência pois, em seu gesto de análise, demonstrou como, nas condições de produção da formação social brasileira, certos discursos podem ser racializados ainda que não se tematize de/sobre raça. Isto é, não é preciso que o dizer carregue quaisquer termos que designem raça (negro, preto, pardo, branco etc.) para que a racialização do discurso se realize. Assim, tendo Modesto (2021) demonstrado que não é preciso tematizar raça para que sobre ela se produza sentidos, é possível compreender que há, neste tipo de discursivização, o funcionamento do silêncio enquanto materialidade significativa.

Orlandi (2007, p. 24), distingue diferentes formas de silêncio: o fundador, o constitutivo e o local (censura). O primeiro é o silêncio que é condição da palavra, condição do sentido, isto é, aquele indispensável ao discurso e que não é possível de ser traduzido em palavras, ele, por si, produz sentido; o segundo é o silêncio que se move com as palavras, na relação de do dito e do não-dito que se constrói como indesejado em determinado dizer, ou seja, ao dizer X, deixo de dizer Y; o terceiro se trata da censura, o sentido que se proíbe por uma autoridade – como na ditadura, em que não se podia se opor ao regime da época.

Há, ainda, um “quarto silêncio” que Orlandi (2007, p. 105-106) introduz, embora não leve às últimas consequências, que corresponde aos sentidos que, ainda que não sejam proibidos, não são postos em circulação. Este em particular nos parece especialmente relevante pois denuncia que há, nas condições de produção da formação social brasileira,

sentidos que não são constituídos devido à complexa relação do dizível com a significação da história, de modo que não são formulados ou reconhecidos.

Então, refletir sobre o tensionamento entre branquitude e negritude requer uma “escuta discursiva” (Modesto, 2021, p. 3, grifo do autor) aguçada e que não desconsidere as determinações históricas e ideológicas dos efeitos de sentido que circulam através de uma memória discursiva que possibilita a branquitude de ser tomada pelo efeito de transparência, enunciada desde um silêncio de sua racialização que lhe é característico.

Bento (2005, n. p.), reconhece o silêncio característico pelo qual os sujeitos brancos esgueiram-se. Para a autora,

[...] as desigualdades raciais persistentes evidenciam que alguns são menos iguais que outros. Mas sobre isto há um silêncio. O silêncio não é apenas o não-dito, mas aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído. O poder se exerce sempre acompanhado de um certo silêncio. É o silêncio da opressão.

Este silêncio do qual ela trata se relaciona com o tensionamento das relações raciais, pois, como já abordado por Memmi (2023 [1957]) e Fanon (2008 [1952]), o branco, ao enunciar sobre si e sobre o negro, tratou de supervalorizar-se em detrimento do sujeito negro. Então, enquanto acontecimento discursivo, compreendido pelo encontro entre uma memória e uma atualidade (Pêcheux, 2008, p. 17), a colonização estabeleceu que sujeitos brancos e negros sejam pensados sempre em relação, pois o negro não existe senão pela presença do branco.

Entretanto, o modo pelo qual esta discursivização ocorre se dá de formas diferentes. E é sobre isso que este projeto de investigação pretende se debruçar, para que se compreenda o modo e o que permite que estes modos de discursivização ocorram. Vislumbrar este tensionamento racial desde a perspectiva discursiva é compreender que ele não é neutro ou transparente, é opaco e, por isso, permeado de complexidades.

METODOLOGIA

Buscando entender “como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2005, p. 26), levantarei, primeiro, o dispositivo teórico, concebido como o campo teórico da teoria discursiva. Em seguida, será mobilizado o dispositivo analítico, entendido como os conceitos mobilizados no gesto de interpretação do analista, a partir da teoria e segundo o que demandem as formas materiais analisadas – neste caso, os comentários online sobre as obras adaptadas

Considerando este percurso teórico-analítico, o corpus da pesquisa consiste em

comentários realizados no Instagram sobre três obras adaptadas: *A Pequena Sereia* (2023), *Romeu e Julieta* (2024) e *O Auto da Compadecida 2* (2024). A escolha das três adaptações advém da repercussão causada pelo protagonismo negro nas tramas, pois suscitaram discussões não só sobre a leitura racial feita sobre as atrizes, mas também da relevância de sua presença em detrimento dos sujeitos brancos.

Os comentários que comporão o corpus serão selecionados em perfis no Instagram que publicaram a respeito das adaptações de modo a possibilitar a polemização dos sentidos em torno das atrizes escaladas para seus respectivos papéis. Não restringiremos a seleção das publicações e dos comentários a perfis definidos a priori, pois, no movimento de montagem do corpus, é indispensável que as materialidades discursivas sejam postas umas em relação às outras, ainda que não possuam uma relação necessária.

Embora não especifiquemos a priori os perfis de onde os comentários serão selecionados, não significa que serão quaisquer um: serão considerados perfis abertos ao público (isto é, não privados) cujas postagens e comentários produzam sentidos sobre as atrizes negras nas obras adaptadas. Tampouco os comentários serão quaisquer um: serão considerados aqueles que apresentem regularidades no modo de significar as obras adaptadas e a identidade étnico-racial das atrizes e/ou personagens por elas estrelados. As regularidades, no entanto, são percebidas no movimento de análise, não antes.

Isto, pois, na perspectiva materialista do discurso, o analista deve pensar o “efeito de unidade” do discurso, “visando, justamente, a trituração desse efeito por meio de uma remissão dos funcionamentos discursivos a outros, formulados [...] em outras condições de produção” (Barbosa Filho, 2022, p. 12, grifo do autor). Portanto, serão considerados comentários formulados em distintos perfis do Instagram, logo, em diferentes condições de produção, de maneira que o efeito de unidade balize o dispositivo analítico na escuta do funcionamento das materialidades discursivas.

DISCUSSÃO

Espera-se obter como resultado da investigação a descrição, a partir das regularidades enunciativas, de como os processos de racialização estão implicados na significação de obras adaptadas com protagonismo negro.

A análise dos comentários sobre as adaptações poderão mobilizar a compreensão de como as categorias raciais “negro” e “branco” estão relacionadas, ainda que não

explicitamente. Isto é, espera-se verificar se ao atribuir sentidos aos sujeitos negros, atribui-se aos sujeitos brancos ainda que não de forma explícita.

O que se espera, então, é verificar a) o funcionamento da racialidade nos comentários publicados em perfis do Instagram; b) como a historicidade dos sentidos sobre “negro” e “brancos” estão significando as obras adaptadas; c) como os sentidos de “adaptação fílmica” significam o sujeito negro como não conveniente para determinada obra; d) que efeitos de sentidos são produzidos sobre as categorias raciais “negro” e “branco”.

Os resultados esperados/obtidos devem ser divulgados entre a comunidade acadêmica através de publicações e apresentações em eventos voltados aos estudos raciais e/ou linguísticos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, F. R. Ler o arquivo em análise de discurso: observações sobre o alienismo brasileiro. **Caderno Estudos Linguísticos**. v. 64, p. 1-22. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/yOY68>. Acesso em 11 ago. 2023.

BENTO, M. A. S. Branquitude e poder: a questão das cotas para negros. In: **Simpósio Internacional do Adolescente**. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://l1nq.com/DpIKF>. Acesso 31 jul. 2023.

CARDOSO, L. **O branco “invisível”**: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007). Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra. p. 232. 2008.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo da racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre a negritude**. MOORE, C. (Org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2010 [1987].

FANON, F. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952].

GLOBOPLAY. T24: **E11 - Herança Branca**: Análise da Branquitude nos últimos 20 anos - Cida Bento. Globoplay, 2013. Disponível em: <https://acesse.one/Tcxle>. Acesso em: 31 jul. 2023.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023 [1957].

MODESTO, R. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. **Littera**

Online, Universidade Federal do Maranhão, n. 17, p. 124-145, 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/rMSU9>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MODESTO, R. Os discursos racializados. **Revista da Abralín**, v. 20, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2.1851>. Acesso em: jun. 2023.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. Tradução: José Horta Nunes. *In: O Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni P. Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988 [1975].

RAMOS, A. G. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, (1995[1957]).

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

Palavras-chave: Discursos racializados. Obras adaptadas. Comentários online. Racialidade.

TENSIONAMENTOS DOS SENTIDOS DE MORTE E VIDA NAS HQS ORIXÁS RENASCIMENTO, DO ORUM AO AYÊ E IKU

Bruna dos Santos Correia¹
Maurício Beck (orientador)²

APRESENTAÇÃO

A proposta desta pesquisa é analisar as histórias em quadrinhos Do Orum ao Ayê (2022) e Iku (2023), investigando os sentidos de vida e morte tensionados nesses discursos. Essas histórias em quadrinhos (doravante HQs) fazem parte de uma coleção com roteiro de Alex Mir, arte de Germana Viana e Laudo Ferreira, e capas de Omar Viñole e Laudo Ferreira. Os exemplares dessas obras foram produzidos pela Gráfica Juizforana.

A obra Do Orum ao Ayê é uma HQ que explora a rica mitologia africana, especialmente as tradições iorubás. A história segue a jornada de personagens que transitam entre o mundo espiritual (Orum) e o mundo físico (Ayê), abordando temas como ancestralidade, resistência e a conexão entre seres humanos e deuses. Os protagonistas enfrentam desafios e descobrem seu papel na luta por justiça e identidade cultural. A dualidade entre Orum, o reino espiritual, e Ayê, o mundo físico, é central para a narrativa, que explora as interconexões entre humanos e divindades.

A narrativa de Iku explora a temática da morte e da ancestralidade, relacionando a conexão entre os vivos e os espíritos dos antepassados na cultura africana, particularmente na tradição iorubá. A história aborda a morte não apenas como um fim, mas como uma transição que evoca reflexões sobre identidade, memória e resistência. Centra-se na relação entre vivos e mortos, explorando como a memória e a herança cultural afetam a identidade dos personagens. O enredo é repleto de simbolismos e alusões à espiritualidade, mobilizando elementos das tradições iorubás para discutir a transição entre vida e morte.

Já a HQ Orixás Renascimento explora temas como identidade, resistência e a relação entre humanos e orixás, destacando a importância dessas divindades na vida cotidiana e na espiritualidade. Cada orixá é representado de maneira única, com histórias

¹ bscorreia.ppgl@uesc.br_Bolsista [CAPES]

² pardalbek@gmail.com

que refletem suas características, atributos e mitos, além de discutir como essas divindades se manifestam na modernidade.

Com base no exposto, surgem algumas inquietações: como os efeitos de sentidos de vida e morte são atualizados nas HQs? Considerando que a obra tem como temática os orixás, é importante pensar em como a materialidade gráfica significa essas entidades. Portanto, como os orixás são posicionados em relação a outros elementos do enredo, como seres humanos, outras divindades ou forças espirituais? Sendo o foco central deste projeto investigar os sentidos de vida e morte, como a função autor articula essa dualidade?

A partir dessas inquietações, é necessário refletir sobre o funcionamento das histórias em quadrinhos (doravante HQs) como uma materialidade que possui uma linguagem específica. De acordo com Groensteen (2015), os quadrinhos são uma combinação de linguagens que devem ser analisadas em sua totalidade, sendo desnecessário separar imagem e texto. Assim, cabe indagar: como as características específicas da linguagem das HQs, como balões de fala, onomatopeias e grafismos significam os saberes e as práticas dos orixás?

A enunciação nas HQs não funciona exclusivamente pela linguagem verbal, mas também pelos elementos não linguísticos. Nesses textos, a imagem figurativa não está dissociada do verbo; ambos significam juntos. A obra de Philippe Marion (1993) é referência nos estudos das HQs para aspectos de estilo e autoria, tendo criado o conceito de grafiação. Este refere-se à prática de planejar, posicionar e desenhar os elementos de texto dentro dos quadrinhos para criar uma narrativa coesa e compreensível. E em outras palavras:

Nas histórias em quadrinhos, cada modo de tracejar difere de outros tracejados, e a configuração que esse tracejar toma ao longo da página varia de gênero em gênero, de autor a autor. E cada história em quadrinhos é um enunciado, formulado em uma linguagem própria (o dispositivo das histórias em quadrinhos) e, portanto, tem uma enunciação e um enunciador gráficos. A enunciação gráfica carrega, em si, as marcas desse enunciador, mais ou menos aparente nela, mais ou menos marcado nessa configuração que remete a esse sujeito enunciador (autor) e ao espaço discursivo em que ele se insere (época, gênero). E é essa enunciação gráfica que Marion chamou de grafiação. (Carneiro; Zeni, 2021, p. 331)

Em outras palavras, o traço aponta para o sujeito que constrói esse discurso gráfico, Segundo Orlandi (2008, p. 56) “*O sujeito se constitui como autor ao construir o texto. O autor é o lugar que se constrói a unidade do sujeito*”. Portanto, o traço pode ser entendido como um efeito da função autor na narrativa ficcional.

Avançando nas inquietações, compreendendo que o culto aos orixás é realizado pelas religiões de matriz africana, que se baseiam na tradição oral. Esse sistema de saberes possibilita a preservação de histórias, mitos, cantigas, rezas e rituais, mantendo a essência cultural e espiritual herdada dos povos africanos. Então, haveria marcas da oralidade nessas narrativas em quadrinhos? Como o autor mantém traços religiosos na obra? Como o contexto histórico e social determina o imaginário dos orixás no discurso, considerando a diáspora africana e a formação da religiosidade afro-brasileira? Essas são algumas possíveis questões acerca da narrativa das HQs.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender como se produzem os tensionamentos de sentido entre vida e morte nas histórias em quadrinhos selecionadas.

Objetivos específicos

- Descrever como a grafiação significa os Orixás nas HQs
- Analisar o funcionamento da verbalidade nos balões de fala e de pensamento das HQs selecionadas.
- Analisar o imaginário dos Orixás em relação às estruturas sociais e culturais encenadas nas HQs.

JUSTIFICATIVAS

As relações entre os praticantes do candomblé são orientadas pelas Filosofias Africanas (Lopes; Simas, 2021). Essas filosofias englobam valores éticos que afetam as decisões dos indivíduos. Conforme apontado por Lopes e Simas, (2021), há uma estrutura de pensamento homogênea que fundamenta as práticas e ações transplantadas para o Brasil.

É essencial destacar que, no contexto do Candomblé, não existem escrituras para orientar os membros. As liturgias são conduzidas por meio da oralidade, e, portanto, os ensinamentos são transmitidos através da tradição oral, respeitando uma rígida hierarquia. Nos espaços religiosos, os anciãos utilizam a fala como uma ferramenta de ensino, instrumentalizando a transmissão de conhecimento e valores.

Uma das práticas culturais trazidas para o Brasil é a noção de coletividade, uma vez que os grupos religiosos, como os adeptos do candomblé, operam sob o princípio

filosófico de pertencimento. Os espíritos se manifestam através da tradição oral (Fourshey, Gonzales, Saidi, 2019). Além disso, observa-se um jogo imagético, expresso através de movimentos performáticos, danças e festividades.

Tais elementos, somados à oralidade, representam meios de invocar as energias ancestrais, ou seja, convidá-las a se manifestarem no corpo do sacerdote. As invocações exigem comunicações orais, acompanhadas de oferendas como alimentos, bebidas e danças, entre outras formas de expressão. Essa prática é também observada nas tradições dos povos Bantu, como defendido por Fourshey, Gonzales e Saidi (2019).

Para a análise do corpus quadrinístico selecionado, é necessário entender como a escrita deve significar nesses espaços, que, embora atualmente atravessados pela instrumentalização da grafia, ainda privilegiam a oralidade como o principal meio de continuidade das tradições. De acordo com Groensteen (2015, p.116) “*o discurso, na história em quadrinhos, está mais próximo do discurso no cinema do que do texto literário*”, nesse viés, o verbal nas HQs estaria mais próximo do registro da oralidade em detrimento a escrita. O texto em quadrinhos sobre os Orixás colabora com as imagens que a tradição oral constrói sobre esses ancestrais.

A *grafiação* é essencial da linguagem visual das histórias em quadrinhos, poque, indica a entonação, expressão de emoções e propõe um ritmo narrativo. O modo como o texto está representado pode ter um grande impacto na interpretação e na experiência geral do leitor. A partir desses aspectos, para a análise dos corpora, devo suspender a interpretação imediata e as evidências textuais, com o objetivo de investigar o funcionamento do texto. Diante dessas ponderações e ciente de que os discursos sobre o Candomblé são comumente atravessados pela ideologia cristã, a qual demoniza aos Orixás, esse trabalho se justifica pela escassez de trabalhos divulgados no Brasil que unam a linguagem das HQs, as questões de práticas religiosas e teorias de histórias em quadrinhos.

A presente pesquisa é prosseguimento de outros projetos com temáticas sobre Orixás, candomblé e línguas africanas, os quais foram: dois de iniciação científica, sendo tais: *A atualização da memória do Candomblé em composições musicais da Nação Angola* e *A imagem da língua Bantu presente em ritos candomblecistas e cantos da Nação Angola*. Também, o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Saberes de Exu-Feminina: Sentido e Erotismo em Maria Padilha de Bixarte*, o qual foi publicado na Revista Bakthiniana, volume 19, (CORREIA, B. dos S., 2024). Alguns outros trabalhos

também foram apresentados em eventos acadêmicos com temáticas similares e todos ancorados na AD materialista.

Por isso, acredito firmemente que a execução bem-sucedida deste projeto não apenas beneficia diretamente os membros da nossa comunidade, pois há no escopo uma obra da região, mas também eleva o campo dos estudos das linguagens pela promoção de estudos de HQs. Portanto, esta pesquisa representa avanço nos estudos que tematizam sobre/de candomblé e um valioso adendo ao campo do conhecimento da linguagem.

APARATO TEÓRICO

Os estudos no Brasil sobre a teoria das Histórias em Quadrinhos, com base na teoria materialista do discurso, ainda são escassos. Por isso, é importante propor pesquisas que articulem ambas as teorias, e é essa a proposta deste trabalho. Além disso, a pesquisa contribui para os estudos sobre religiões de matriz africana, já que as HQs analisadas são Orixás Renascimento (2018), Do Orum ao Ayê (2022), Iku (2023). O objetivo é investigar os sentidos de vida e morte que emergem nesses textos, a partir da análise de fragmentos selecionados.

A escolha dos textos para análise fez parte de uma coleção. A seleção foi baseada nos títulos, que abordam conceitos significativos sobre temas fundamentais como o ciclo da vida, a morte e a regeneração. A palavra “renascimento” alude ao ato de nascer novamente, enquanto “Orum” significa céu e “Ayê”, terra. Já “Iku” significa morte. Todos os termos são da língua iorubá.

Juntos, esses temas exploram uma visão holística da existência, nos discursos de religiões de matriz africana, onde a morte é vista não como um fim, mas como uma transição. "Renascimento" sugere uma renovação contínua, "Orum" e "Ayê" significam a interconexão entre o mundo espiritual e o mundo material, e "Iku" encerra o ciclo ao simbolizar a morte.

A partir da teoria dos quadrinhos, a narrativa ficcional pode ser definida como *um modo de expressão sequencial caracterizado pela justaposição de imagens solidárias*. E tem como unidade básica, o *quadro*, que segundo Groensteen:

A escolha do quadro como unidade de referência, porém, faz-se necessária no momento em que nosso interesse recai sobre a forma de ocupação do espaço específica às HQs. Em sua configuração normal, o quadro é apresentado como uma porção de espaço isolada por vazios e delimitado por uma requadro que assegura sua integridade. Assim, independente de seu conteúdo (icônico, plástico, verbal) e da complexidade que possa manifestar, o quadro é uma entidade aberta à manipulação geral. Podemos extraí-lo, (...) podemos tirá-lo do lugar. A prova se dá quando uma HQ, por conta da mudança de suporte (de jornal para álbum, de álbum para edição de

bolso), é submetida à "remontagem": a primeira coisa que se muda é a ordem dos quadros (Groensteen, 2015, p. 36)

Com base na citação, o quadro é uma unidade fundamental nas histórias em quadrinhos porque organiza o espaço de forma específica e seu conteúdo pode variar — imagens, formas ou texto. Um ponto que se deve considerar para mobilizar os corpos é que no candomblé não existem escrituras para orientar os membros. As liturgias são conduzidas por meio da oralidade, e, portanto, os ensinamentos são transmitidos através da tradição oral, respeitando uma rígida hierarquia. Nos espaços religiosos, os anciãos utilizam a fala como uma ferramenta de ensino, instrumentalizando a transmissão de conhecimento e valores. Em vista disso, a memória dessa ancestralidade funciona na constituição da obra.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza descritiva (da materialidade significante) e interpretativa (do funcionamento discursivo) e constituída a partir da teoria materialista da Análise do Discurso. Na realização das análises, ao recortar o corpus, ou seja, a unidade discursiva - os fragmentos que são situações discursivas – os recortes remetem a noção polissêmica, que pode ser entendida como a própria condição de existência da linguagem, já que a base da significação reside na diversidade de sentidos. A polissemia é importante para ancorar as investigações, uma vez que de acordo com Orlandi (1984) é “a multiplicidade de sentidos de que capaz de se revestir qualquer ato de linguagem”. Logo, isso extrapola o ato de somente informações, mas se constitui como o próprio funcionando do discurso.

No processo analítico, atento-me a noção de recorte trazida por Orlandi (1984), a qual diz: *o recorte é uma unidade discursiva*. De outro modo, é possível dizer que recortar é fragmentar. É um processo que considera a relação entre o fragmento escolhido e a situação discursiva. O recorte não é uma mera seleção de palavras ou frases; ele deve ser entendido em relação às condições de produção do discurso.

Já a *segmentação*, segundo a autora: *está relacionado às teorias que privilegiam a informação*, não extrapolando o conteúdo, a exterioridade. Refere-se à divisão da linguagem em partes menores, mantendo uma abordagem mais analítica e focada na estrutura. Essa prática busca entender as unidades de significado de forma isolada. Desse modo, recorta-se parte do corpus e propõe-se uma análise discursiva, extrapolando os tensionamentos do discurso. No desenvolvimento investigativo, as análises serão

realizadas em trechos das HQs, que de algum modo, provoquem um estranhamento, uma falha, uma repetição. Como um detetive em busca de pistas, investigando os sentidos de vida e morte nas HQs.

E seguirá o seguinte percurso: No primeiro momento, serão selecionadas as referências bibliográficas da teoria da Análise do Discurso Materialista, sendo alguns autores utilizados: Pêcheux (1984 [2014]); Orlandi (2007); Zoppi-Fontana (1999); Lagazzi-Rodrigues (2006). E da teoria da Histórias em Quadrinhos, com os autores: Groensteen (2015); Marion (1993); Borges (2022); Vargas (2015), dentre outros.

DISCUSSÃO

Na Análise do Discurso Materialista, a proposta é compreender a produção de sentidos em dadas condições de produção sócio-históricas, sem a necessidade de formular hipóteses, antecipações de respostas, que possam limitar a investigação. A proposta de analisar esses discursos ficcionais surge da necessidade de propagar estudos sobre HQs e religiões afro na produção do conhecimento acadêmico. Bem como, produção de textos acadêmicos como dissertação e artigos, com vistas a apresentação de gestos de análises. E, não menos importante, apresentação de trabalhos em eventos/simpósios/seminários.

REFERÊNCIAS

BECK, Maurício; FONSECA, Rodrigo; SANTOS, A. P. Recortes discursivos, paradigma indiciário e procedimentos contraindutivos. In: *Linguagem em (dis)curso*, v. 19, p. 153-171, 2019.

BORGES, Caetano Galindo. Entre a Linha e a superfície: Como a narrativa das HQs se constrói em duas vias. In: *Imagem, pesquisa e criatividade. Os quadrinhos como vetores de conhecimento*, p.12-28, 2022.

Correia, B. dos S. Exu-feminina: sentido e erotismo em Maria Padilha de Bixarte. Bakhtiniana. *Revista De Estudos Do Discurso*, v.19, n.2, 2024.

FERNANDES, Carolina. A resistência da imagem: uma análise discursiva dos processos de leitura e escrita de textos visuais. Tese de Doutorado. Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

FERNANDES, F. S. Discurso, memória e quadrinhos: a materialização de sujeitos e sentidos em Persépolis, de Marjane Satrapi. *Discurso, Sociedade e Linguagem*. Pouso Alegre, 2022.

GROENSTEEN, Thierry. O sistema dos quadrinhos. Tradução de Érico Assis e Francisca Ysabelle Manríquez Reyes. ed. Marsupial. Nova Iguaçu, 2015.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz. Filosofias Africanas: Uma introdução. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2021.

MARION, Philippe. Traces en cases: travail graphique, figuration narrative et participation du lecteur, Louvain-la-Neuve: Academia, 1993.

MIR, Alex; MAJADO, Caio; VIÑOLE, Omar. Orixás do Orum ao Ayê. São Paulo, 2022.

MIR, Alex; STEFANO, Al; RODRIGUES, Alex; MAJADO, Caio; COSTA, Jefferson; BARTHOLO, Marcel; Caio, VIÑOLE; WILL. Orixás Ikú. São Paulo, 2023.

MIR, Alex; VIANA, Germana; FERREIRA, Laudo; VIÑOLE, Omar. Orixás Renascimento. [s.n.] São Paulo, 2018.

ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni. de L. P. Análise do Discurso. Princípios e Procedimentos. 7º ed. Pontes. Campinas. São Paulo, 2007.

ORLANDI, Eni. Discurso e Leitura. 8º ed. Cortez. São Paulo, 2008.

ORLANDI, Eni. Recortar ou segmentar? In: Linguística: Questões e Controvérsias. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

OURSHWY, Catherine; GONZALES, Rhoda, SAIDI, Christine. África Bantu: de 3.500 a.C até o presente. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2019.

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. Tradução de Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira. Décalages. v. Iss 4. 2014. Rio de Janeiro, 2021

VARGAS, Alexandre Linck. A invenção dos quadrinhos. Teoria e crítica da sarjeta. Tese. (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

VENTURINI, Maria Cleci. Rememoração/comemoração: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano. Tese. (Doutorado em Letras) – UFMS. Rio Grande do Sul, 2008.

ZOPPI-FONTANA, Mônica G. Lugares de enunciação e discurso. Leitura. Maceió. n° 23, p.15-24, 1999.

Palavras-chave: Histórias Em Quadrinhos. Vida E Morte. Candomblé

REDES SOCIAIS E O CU: A NECROANALIDADE EM POSTAGENS NO TWITTER

Bruno Pacheco¹
Ricardo Oliveira de Freitas (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Mesmo o Brasil sendo conhecido como um país de corpos encantadores, sobretudo pelas grandes nádegas femininas, a cultura popular cresce repudiando o orifício anal. Este órgão, que sofreu privatização devido ao sistema heteropatriarcal machista e à cultura judaico-cristã, ainda é visto como lugar abjeto, mas, também, curioso. Conforme Viana (2014), o cu se destaca em vídeos de conteúdos pornográficos, onde é explícito e desejado. No entanto, em casa, é contido e controlado, como já discutido por Michel Foucault (2015) em sua análise sobre o controle da sexualidade.

Este projeto tem como tema central o conceito de necroanalidade, entendido como uma política socio-discursiva que explora as tensões entre desejo e violência no tratamento do cu enquanto dispositivo e político. A pesquisa surge da problemática da estigmatização do cu em práticas culturais e linguísticas, que perpetuam abjeção e preconceitos estruturais, particularmente no contexto brasileiro.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Conceituar a necroanalidade como uma política socio-discursiva sobre o cu e investigar como se dá o deslocamento territorial das práticas sexuais para o ciberespaço tendo o cu como protagonista de desejos e violências.

Objetivos específicos

- Apontar o início do uso das redes sociais para atividades de práticas sexuais;
- Descrever os discursos sobre o cu produzidos na rede social twitter;
- Aprofundar o conceito de necroanalidade enquanto política de morte para corpos que utilizam o cu como dispositivo de prazer;

¹ pacheco.letas@gmail.com – Bolsista CAPES

² ricofrei@gmail.com

- Analisar a necroanalidade presente nas publicações

JUSTIFICATIVAS

Falar do cu exige tempo, dedicação e desconstrução social, pois vivemos em uma comunidade binária e patriarcal que nos ensina a privatizar e esquecer o cu enquanto espaço erógeno. Nesse contexto, o cu provoca ódio, fascinação, medo e asco. Embora ele esteja presente na linguagem cotidiana, é sempre colocado como lugar periférico, afinal, é pelo cu que as margens são pensadas e colocadas em evidência (Prelúdio, 2016).

A escolha do cu como objeto de estudo reflete sua centralidade em discursos de abjeção e desejo, frequentemente ignorados por sua irreprodutibilidade e marginalidade no imaginário heteronormativo. Este projeto é necessário para explorar como o cu emerge como símbolo de resistência política, questionando padrões de sexualidade e corporalidade impostos pela sociedade.

APARATO TEÓRICO

O conceito de heteronormatividade, discutido por Judith Butler (2019), é muito presente no período da ditadura militar brasileira, trata-se da matriz heterossexual presente na sociedade, possuindo objetivo de organizar os corpos dentro daquilo que se tem por normal em um processo de binaridade homem-mulher. Em *Discurso de ódio* (2021) a filósofa estadunidense descreve, baseada na teoria dos atos de fala, de J. L. Austin, como a linguagem torna-se uma arma violenta capaz de exterminar grupos em situação de vulnerabilidade através dos atos performativos. Butler (2021, p. 48) afirma que “[...] um performativo de sucesso é aquele em que não apenas eu performatizo o ato, mas uma série de efeitos decorre do fato de que eu o performatizo [...]”, isto é, não se trata apenas da minha enunciação, mas de todo discurso que é trazido no momento da fala. Dito de outra forma, somos interpelados por ideologias que nos antecedem.

Quando se trata de contrassexualidade, Paul Preciado, filósofo transexual, defende o cu como instrumento de contrassexual para uma sociedade que vive sob o julgo da binaridade. A contrassexualidade discutida pelo espanhol não se trata de uma nova proposta de sexualidade (PRECIADO, 2017). Pelo contrário, a sua ideia é o rompimento cultural sobre o que entendemos por gênero, sexo, sexualidade e desejo sexual. Além disso, com a ideia da contrassexualidade, Paul Preciado propõe uma ruptura sobre o que

se tem por natural acerca do sexo. De acordo com ele (2017, p. 21), “[...] no âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens e mulheres, e sim como corpos falantes [...]”.

Ao tratar-se do ânus como abjeto para a sociedade heteronormativa, Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016), na obra *Pelo cu: políticas anais*, traçam discussões sobre como a heteronorma repressende o ânus e o sexo anal. De acordo com os autores, a prática do sexo anal, ou melhor, a arte de dar o cu é mais do que um sexo. É, na verdade, um ato político. Por isso “[...] o sexo anal provoca tanto desprezo, tanto medo, tanta fascinação, tanta hipocrisia, tanto desejo, tanto ódio. [...]” (SÁEZ & CARRASCOSA, 2016, p. 22).

Quando um homem se permite ser penetrado, logo, ele rompe com a cadeia heteronormativa. Como efeito disso, ele é posto na condição feminina e sofre depreciação ao ferir a norma. Todavia, quando este se propõe a penetrar, os discursos mudam. No sexo hétero ou gay “[...] valora-se de forma completamente diferente quem adota o papel ativo (a pessoa que penetra) e quem assume o papel do chamado *passivo* (a pessoa penetrada). “[...] Trata-se de um ódio ao lugar passivo” (SÁEZ & CARRASCOSA, 2016, p. 22, grifo do autor).

METODOLOGIA

A metodologia adotará uma abordagem qualitativa e documental. Serão analisadas 20 postagens do Twitter, distribuídas entre 2023 e 2026, com ênfase nos discursos que abordam o cu enquanto dispositivo de prazer e abjeção. A escolha do corpus visa compreender a necroanalidade como política discursiva que emerge no ciberespaço. A pesquisa focará em usuários cis-homens gays, analisando a violência anal e as políticas de morte que atravessam este grupo. A partir desse conceito de necronalidade, tuítes serão selecionados para realizar para a *análise* do conteúdo presente dele. É pela necroanalidade que buscarei entender como a ideia de desejo e abjeção acontece pelo cu.

As postagens têm como marco de tempo os anos de 2023 a 2026: 5 postagens em 2023; 5 postagens em 2024; 5 postagens em 2025 e, por fim, 5 postagens em 2026. Tal divisão não foi aleatória, além de analisar como o processo discursivo opera em cada ano, pretendo, conjuntamente, discutir sobre as possíveis mudanças nas produções enunciativas ao longo de 4 anos de pesquisa.

Esses *tweet* encontram-se amparados, muitas vezes, em imagens postadas pelos usuários da rede social. Muitas delas são acompanhadas por fotografias/fotogramas

eróticos, às vezes materializando o que está descrito na legenda. Dito de outra forma, é possível encontrar legendas descrevendo o cu em uma prática sexual e a imagem materializando a descrição feita pelo usuário.

DISCUSSÃO

Espera-se evidenciar como o Twitter funciona como espaço de ressignificação do cu, simultaneamente reforçando e desafiando normas heteronormativas. As análises preliminares sugerem que a necroanalidade opera no tensionamento entre desejo e abjeção, criando fissuras nas narrativas tradicionais sobre gênero, corpo e sexualidade.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. São Paulo: Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HALL, Stuart. *Raça, o significante flutuante*. Revista Z Cultural, Ano VIII, n.2, 2015.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2016.

PRECIADO, Paul. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 edições, 2017.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu: políticas anais*. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

VIANA, Luciene Galvão. *A folia dos cus prolapsados: pornografia bizarra e prazeres sexuais entre mulheres*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014

Palavras-chave: Cu. Necroanalidade. Contrassexualidade. Dispositivo de Prazer.

“TOMA AÍ UM POEMA”: A PRODUÇÃO DE PODCASTS COMO AMPLIAÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS LITERÁRIOS

Diêgo Raniery Pereira dos Santos¹
Dra. Marlúcia Mendes da Rocha (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Com o advento das novas tecnologias e os avanços das plataformas digitais muitos hábitos cotidianos ganharam novas versões no ciberespaço. É neste contexto de produção midiática no ciberespaço que surgem os Podcasts. O Podcast é uma modalidade de radiodifusão sob demanda de recepção assíncrona e veiculada na internet, que teve o início de seu período de expansão em 2004 e surgiu atrelado à emergência da chamada web 2.0, conceito que abrange o desenvolvimento de relações mais horizontais entre os diversos atores sociais conectados à rede mundial de computadores.

Em suma, Podcasts são gravações em áudio divididas em episódios, que a princípio destinava-se a *playlists* de músicas e, posteriormente, com o aumento da aderência do público consumidor de conteúdos viabilizados na rede, foi inserindo em sua cadeia de possibilidades. Temáticas como discussões, rodas de conversas sobre diferentes assuntos, debates e até estudos das mais variadas vertentes, a exemplo: a área de estudos literários, na qual, dentre inúmeras funções, pode auxiliar o interlocutor na compreensão de temáticas mais complexas, trazer temas e conteúdos pouco discutidos na grande mídia e, assim, formar opiniões com a soma de pontos de vistas distintos e até mesmo popularizar e/ou difundir obras literárias clássicas, ou não, muitas vezes restritas a estudos acadêmicos, além de contribuir para constituição de possíveis novos leitores.

Os Podcasts Literários já são uma realidade. Editoras como Companhia das Letras, Carambaia e Todavia criaram podcasts próprios nos quais falam principalmente sobre seus lançamentos. Assim também programas como “Expresso Ilustrada” e o “Ilustríssima Conversa”, ambos da Folha de São Paulo, com frequência passam por assuntos ligados ao mercado editorial. Emissoras de rádio também transformam quadros de sua programação em podcasts breves, como é o caso do “Clube do Livro”, de José Godoy, que vai ao ar pela CBN e depois é disponibilizado a ouvintes de plataformas como

¹dig_raniery@hotmail.com Bolsista CAPES

²malu.mm@gmail.com

o *Spotify*. Já o jornal literário “Rascunho” firmou uma parceria com o Itaú Cultural para transformar em episódios de podcast diversas entrevistas feitas com importantes escritores da literatura brasileira.

No cenário atual, no qual as pessoas possuem cada vez menos tempo para executar suas demandas diárias, parar para folhear as páginas de um livro é algo cada vez raro. Em geral, grande parte deste público está munido de um dispositivo mobile conectado à rede mundial de computadores, e pode acessar Podcasts e consumir conteúdos literários desenvolvendo outras atividades cotidianas, de maneira isócrona. Como é algo tão recente e em constante crescimento faz-se necessário uma observação e uma ampliação desta crescente aproximação entre os Podcasts e a Literatura.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar a função dos Podcasts Literários como novo suporte para produção e difusão de produções literárias no ciberespaço por meio da análise do podcast de poesias declamadas - “Toma aí um poema”.

Objetivos específicos

- Observar a difusão dos Podcasts como mídia para criação de novos estilos literários a partir do contexto da Ciberliteratura, relacionando a produção de Podcasts literários com a formação de novos leitores, difusão da literatura e divulgação de escritores sejam eles renomados ou desconhecidos;
- Compreender como os Podcasts podem atuar como suporte para a produção de conteúdo transmídia de obras literárias, com base nos conceitos e teorias de adaptação e intermedialidade;
- Analisar a partir do Podcast “Toma aí um poema” como o ciberespaço pode ser um ambiente propício para produção e divulgação de textos literários inovadores com base nas potencialidades de um ambiente multimídia.

JUSTIFICATIVAS

A presente pesquisa justifica-se pela possibilidade de ampliação e exploração de outros territórios literários com base no surgimento de novos recursos midiáticos como os Podcasts, que são bastante recentes (surgimento por volta de 2014) e estão sendo produzidos e consumidos de forma cada vez mais exponencial. Diante do surgimento destes novos formatos e linguagens faz-se necessário um estudo aprofundado sobre os seus impactos e as alterações nas formas de comportamento da sociedade, sobretudo na produção e consumo de textos literários.

APARATO TEÓRICO

A fundamentação teórica desta pesquisa utilizará fontes bibliográficas e revisões literárias de autores que respaldam os temas que norteiam as temáticas abordadas. Assim, Cibercultura será abordada a partir de teóricos como Pierre Lévy e André Lemos; Ciberliteratura com Lúcia Santaella; Midialidade com Lars Ellestrom; Teoria da Adaptação com Linda Hutcheon; Podcast com Eugênio Freire e Mídia Sonora com Ferraretto.

É inegável o papel das novas tecnologias da comunicação e da informação nas mudanças de paradigmas que se estabeleceram durante séculos. As alterações nas formas de se relacionar, de ler e de escrever são alguns dos exemplos destes novos tempos em que a humanidade se encontra. Sem dúvida, uma das grandes revoluções que aconteceram foi o surgimento da Internet. Segundo Castells (2004), a Internet é mais do que uma rede de computadores ligados entre si, a “Internet é o tecido das nossas vidas neste momento. Não é futuro. É presente. Internet é um meio para tudo, que interage com o conjunto da sociedade” (p. 255). Trata-se de mais do que uma tecnologia, é um meio de comunicação, de interação e de organização social.

Para Pierre Lévy (1997), em sua obra *As tecnologias da Inteligência*, uma das reflexões feitas pelo autor refere-se aos instrumentos de memória e de representações no qual a humanidade se apoia para o desenvolvimento da linguagem.

Sendo assim, as técnicas da linguagem permaneceram, cada uma a seu tempo, como protagonistas de um contexto histórico e social, seja na oralidade primária, relacionada ao período que antecede a adoção da escrita, na oralidade secundária, com a palavra e escrita e na atual, telemática. É neste último cenário que se desenvolve uma nova forma de sociabilidade: a Cibercultura.

O termo Ciberultura segundo Pierre Lévy (2000) é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolveram juntamente com o crescimento do ciberespaço. Por ciberespaço, compreende-se o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Nas palavras do autor (2000, p. 17) “o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

Vários são os teóricos que abordaram a definição de ciberultura e resolveram se aprofundar em muitos dos seus aspectos, como André Lemos (2008) e Lúcia Santaella (2004). Para Lemos (2008, p. 87), a ciberultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada “através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas, fomentando agregações sociais”. De acordo com o autor, o ciberespaço cria um mundo interconectado por ícones, portais, sites, *home pages*, “permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema”. (p.87).

No contexto atual, com o grande desenvolvimento da linguagem *online*, a interatividade e instantaneidade, associado a muitos outros elementos, configuram um novo tipo de escrita e leitura, cada vez mais plural. De acordo com Santos (2003), jamais a literatura apostou na univocidade. Ou seja, entre pluralidade e fragmentação, “a criação literária sempre soube escolher uma ou outra, às vezes uma e outra”. (p. 21).

O livro tem sido durante muito tempo a base material para a circulação do texto, como já foi utilizada a voz na literatura na tradição oral e os papiros, pergaminhos e códices nos primórdios da escrita. “Assim, se este é linear (em todos os livros, mas aceite-se a simplificação em nome da imensa maioria), se o livro é então limitado e estável, o mesmo não pode ser dito do texto, qualquer que seja ele sobretudo o literário”. (p. 22).

Segundo Santos (2003) o que ocorre com a mudança do suporte, da página impressa para o meio eletrônico, é que o livro se aproxima do texto, ele acaba assumindo as características próprias do meio, como a fluidez, a imprevisibilidade e a não-linearidade que foram, sempre, características intrínsecas ao próprio texto. O que no texto pode ser denominado como intertextualidade, no livro eletrônico corresponde na pluralidade de percursos e na heterogeneidade de materiais como associações de matéria verbal, imagens, sons, entre outros.

As produções com conteúdos literários nas redes sociais se revelam como um novo gênero para a literatura, alterando não apenas a escrita, mas sua forma de publicação, edição e leitura. A oralidade e a desarrumação de uma lógica secular são as principais marcas deste novo gênero que pode contribuir para a reinvenção da instituição literária. Para Lima (2006), o advento das mídias digitais colocou em xeque o papel tradicional da literatura e da arte como um todo, desencadeando uma série de questionamentos. Entre eles são citados: a noção e concepção de autoria, a fragmentação da narrativa, as novas relações textuais – criadas a partir do conceito de hipertexto (matriz de textos potenciais), da relação texto/imagem, da interatividade, da virtualização do texto literário e da introdução do conceito de ciberliteratura.

Entre as plataformas e canais digitais em que os conteúdos literários estão ganhando espaço, os Podcasts merecem destaque. É corrente canais de *Podcasting* que abordem literatura como principal matéria-prima de seus episódios, nos quais analisam temáticas, fazem leitura de pequenos trechos, muitas vezes com recursos como a inserção de vírgulas sonoras na intenção de gerar uma maior imersão no público ouvinte, e até debatem sobre as principais ideias abordadas pelo autor na obra.

Segundo Ferraretto (2014), a linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana (em geral, na forma da fala), da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, atuando isoladamente ou combinados entre si. Para o autor com base nesses elementos, forma e conteúdo – ou, respectivamente, o estético e o semântico – devem se articular em busca de equilíbrio. Cada um deles apresenta múltiplas aplicações, papéis e variantes: “podem ser utilizados, conforme o contexto, de diversos modos e em diferentes níveis de apelo ao ouvinte, direcionando-se ao seu intelecto, no que se expressa como algo mais concreto, e à sua sensibilidade, naquilo que pende mais para o abstrato”. (2014, p. 38).

Para Eugênio Freire (2013), os podcasts no Brasil atuam como amplificadores de vozes costumeiramente ignoradas. Em grande medida produzidos alheios à lógica do lucro financeiro e atentos ao interesse espontâneo, acabam preenchendo um espaço educativo de exposição e discussão de temas pouco veiculados ou inexistentes em outros âmbitos: na grande mídia, no dia a dia social ou mesmo na escola. Assim, os podcasts, produzidos em sua maioria fora de contextos escolares, apresenta-se como um espaço educativo cada vez mais significativo.

Também os podcasts literários podem ser relacionados com a proposta da Professora de Literatura Comparada da Universidade de Toronto e pensadora da cultura pós-moderna, Linda Hutcheon ao sugerir uma teoria da adaptação. Para Linda (2011),

“tal qual a tradução, a adaptação é uma forma de transcodificação de um sistema de comunicação para outro”. professora teoriza sobre a passagem “transcultural” quando uma história é adaptada para outras mídias, adquirindo inevitavelmente novos significados.

Segundo Ellestrom (2017) todas as mídias são multimodais e intermediáticas no sentido de que são compostas de vários recursos básicos e são especialmente entendidas em relação a outros tipos de mídia apenas, com os quais elas compartilham características básicas. Em poucas palavras, para o autor “intermedialidade é (o estudo de) as relações específicas entre produtos de mídia distintos e as relações gerais entre os diferentes tipos de mídia”. (2017, p. 201). Assim como Linda (2011) ele também se propõe a conceitualizar e entender o processo de adaptação: “adaptação, entendida como um fenômeno de mídia e não como ajuste ou aclimatização de qualquer coisa é, sem dúvida, um tipo de transformação midiática. Além disso, é um tipo específico de transformação de mídias”. (p. 2013).

METODOLOGIA

Este projeto será embasado pela pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental. Para alcançar os objetivos citados será analisado o podcast literário “Toda aí uma Poema” por meio da escuta de 10 episódios selecionados com o objetivo de observar as principais características que compõe os roteiros destes produtos veiculados no canal. Os episódios serão escolhidos com base em critérios como maior quantidade de acessos, menor quantidade de acessos, podcast de poesias de autores conhecidos, podcast de autores desconhecidos do grande público, podcast mais antigos, podcast mais recentes. A seleção destes episódios será de extrema importância para entender de que forma a produção literária vem se desenvolvendo em uma mídia sonora como o podcast.

Outro método a ser aplicado será a realização de entrevistas semiestruturadas com os responsáveis pela produção deste canal como forma de compreender a idealização e confecção do roteiro dos episódios e os objetivos de cada conteúdo produzido e distribuído nas plataformas digitais. Para isso, serão entrevistadas Belise Campos e Jéssica Lancoski, diretoras e roteiristas do canal e Mabelly Venson, responsável pela curadoria. Jéssica Lancoski também acumula a função de sonoplastia, por isso também responderá perguntas referentes ao processo criativo na criação e gravação dos episódios diários do canal “Toma aí um Poema”.

Também será realizada uma análise qualitativa dos canais de divulgação do Podcast *corpus* desta pesquisa, como sites, redes sociais (Twitter, Instagram, Facebook), e as páginas das plataformas de distribuição. O podcast em análise é distribuído nas principais plataformas de áudio do Brasil como *Spotify*, *Deezer*, *Google Podcast*, *Castbox*, *Youtube* e *Apple Podcasts*. Serão ainda observados os comentários dos usuários, as formas de interação disponíveis, o design de cada página, a produção de conteúdo transmídia, entre outros recursos e estratégias utilizados para aproximar e atrair os ouvintes para o canal.

DISCUSSÃO

Diante de um contexto cada vez mais tecnológico, a literatura vem sendo produzida para diversos suportes, sobretudo os digitais. Com esta pesquisa pretende-se entender as principais características que o texto literário adquire quando adaptado ou criado para a mídia podcast.

Pretende-se compreender de que forma uma nova geração de autores e leitores encontram na mídia sonora um ambiente propício para a criação, divulgação e compartilhamento dos seus textos literários. Assim, estes estudos contribuirão para as pesquisas que são realizadas nas áreas da literatura contemporânea, ciberliteratura, comunicação e intermedialidade.

Espera-se também que o resultado desta pesquisa seja amplamente divulgado como a publicação de artigos científicos publicados revistas especializadas, apresentação de trabalhos científicos e até mesmo na posterior formatação de um livro que aborde essa aproximação dos podcasts e a literatura.

Os materiais e as discussões aqui realizados servirão de base para os novos estudos sobre o crescimento da ciberliteratura e grupos de pesquisa dedicados à intermedialidade, literatura e novas mídias.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (Org). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização de cultural e poder. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

ELLESTRÖM, Lars. **Midialidade**: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2017.

FERRARETTO, Luiz Artur **Rádio [recurso eletrônico]** : teoria e prática / Luiz Artur Ferraretto. - São Paulo : Summus, 2014.

FREIRE, E. P. A. **Podcast**: novas vozes no diálogo educativo. *Interacções*, v.9, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.25755/int.2822>, acesso em 03/01/2023.

HUTCHEON, L. **Uma Teoria da Adaptação**. Trad. de André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

LEMOS, André, PALACIOS, Marcos. **As janelas do ciberespaço**. Porto Alegre: Sulinas, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, Rogério. A literatura e a virtualização do texto literário. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.9, p. 191-212, 2006.

SANTELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Para compreender a ciberliteratura**. Revista Texto Digital. v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p229>, Acessado em abril de 2024.

SANTOS, Alckmar. **Leituras de nós**: ciberespaço e literatura. São Paulo: Itaú Cultural, 2003. (Rumos Itaú Cultural Transmídia).

VIIRI, P. **Literature in cyberspace**. 2006. Disponível em: <https://www.folklore.ee/folklore/vol29/cyberlit.pdf>, acessado em abril de 2024.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC SP, 2001

Palavras-chave: Ciberliteratura. Literatura. Podcast. Intermedialidade.

CONFIGURAÇÕES (AUTO)BIOGRÁFICAS EM *HAVERÁ FESTA COM O QUE RESTAR E AMÉRICA*, DE FRANCISCO MALLMANN

Kauanne Almeida dos Santos¹
André Luis Mitidieri Pereira (orientador)²

APRESENTAÇÃO

A literatura, no decorrer de sua história, permite apontar para a existência de um profundo interesse humano no que concerne aos modos de vida possíveis e mesmo imagináveis e almejados para e pelos indivíduos. Com a chegada do século XVIII, do romantismo, da ascensão da burguesia aos espaços de poder, o interesse pelo individual, pelo particular e pelas subjetividades tomou novos contornos.

O gênero romance, ainda quando não “contratualmente” se proponha a ser (auto)biográfico, permitiu e permite observar o estabelecimento de um interesse maior pela intimidade – do outro e própria. A partir disso, as dicotomias entre privado/externo, pessoal/coletivo, eu/outro, apresentaram mais profundamente suas contradições. Com o passar do tempo, surpreendentemente, esses pares expuseram também concordâncias e pôde-se perceber a diminuição entre os limites que os separam.

As mudanças de enfoque da literatura, sintomáticas da mudança da visão dos sujeitos sobre a arte e a própria vida, implicam em novas possibilidades de leituras dos textos literários. Também as relações e identificações entre ficção e “realidade” ganham novos contornos, os quais implicam na forma como as produções ficcionais são produzidas e recepcionadas.

Não é de surpreender, portanto, que a teoria da literatura tenha voltado também seu interesse para os estudos do campo da (auto)biografia, conforme podemos observar nos estudos de José Amícola (2007), Philippe Lejeune (2014), Leonor Arfuch (2009; 2010; 2012; 2023) e Diana Klinger (2013). Indo além, todavia, do gênero biográfico para atentar inclusive a traços, estilizações e efeitos que produzam identificações e performem a vida. Assim, acredito que grande parte da ficção produzida na atualidade, tanto nos textos escritos como nas mais diversas formas outras de artes, é atravessada por elementos biográficos.

Tendo essas discussões em vista é que proponho investigar sentidos e elementos

¹ kasantos.ppgl@uesc.br

² almpereira@uec.br

(auto)biográficos nas poesias de Francisco Mallmann em *Haverá festa com o que restar* (2018) e *América* (2020). A fim de operacionalizar a leitura de suas poesias, de modo a encontrar modos de ordenamento empregados pelo escritor na estilização da vida por meio da poesia.

A lírica mallmanniana aborda temáticas relacionadas à população LGBTQIAPN+, às mulheres, violências físicas e simbólicas, latinidades/brasileiridades, etc. O autor, que também é dramaturgo, trabalha com a intersecção entre performance e poesia em ambos os livros a serem analisados e esse é um dos indícios que fazem crer que é possível ler configurações (auto)biográficas em alguns de seus poemas.

Responder ao questionamento sobre a produção literária de Francisco Mallmann como integrante de um horizonte biográfico e suas interações com as subjetividades de nosso tempo pode ser bastante profícuo. Tal movimento funcionaria não como mero exemplo do uso dos “eu’s” na literatura, mas como sinalização de um estreitamento cada vez maior entre as fronteiras entre o texto literário e as vivências em sociedade que apontam para problemas e experiências coletivos

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender a lírica mallmanniana em *Haverá festa com o que restar* (2018) e *América* (2020) como componente de um horizonte biográfico e assim conhecer os diálogos dos poemas trabalhados com temáticas tangentes às subjetividades contemporâneas.

Objetivos específicos

- Localizar elementos e estilizações que apontem para hibridações entre as poesias de Francisco Mallmann e os gêneros (auto)biográficos.
- Traçar análise das temáticas presentes nos livros de poesia pesquisados.
- Identificar como se estabelecem as cartografias literárias produzidas pelo autor em seus modos de ficcionalizar a América do Sul, o “eu” e o “outro”.

JUSTIFICATIVAS

O tema de interesse tem sua importância expressa nas possibilidades que cria de interpretações, leituras e divulgação literário-científica. Os estudos, análises e aportes teóricos do campo (auto)biográfico descortinam hibridizações existentes nas literaturas contemporâneas e que dialogam com as mudanças socioculturais do século XXI e com inovações caras à Teoria da Literatura e à crítica de arte, de modo mais geral.

A lírica mallmanniana representa uma transgressão não-canônica e de resistência que abre espaço para a investigação de novas formas de trabalho com a linguagem, vigentes nas últimas décadas. A leitura aprofundada dos textos literários de Francisco Mallmann impulsiona o pensamento para além do gênero autobiográfico, como possibilidade de leitura da experiência humana e de novos modos de escrita do eu. Ao abordar, por meio da poesia, temáticas minorizadas o autor não apenas rompe com o *status quo*, mas também dá sentido a variadas possibilidades de existências.

APARATO TEÓRICO

Francisco Mallmann é um autor brasileiro que, além de escrever, atua no universo das artes visuais, da performance e da teoria. Em *Haverá festa com o que restar* (2018) suas poesias abordam temas como amores dissidentes, corpo, morte, violência e “depois do fim” o poema alerta que das sobras surgirá festa. Já em *América* (2020), homônimo de um poema anterior do autor, somos alertados de que se trata de “uma releitura dramática”:

Este livro foi criado em voz alta
Para ser lido em voz alta
Para ser impresso em voz alta
Para ser compartilhado em voz alta
Para ser silenciado em voz alta
Para ser esquecido em voz alta

(Mallmann, 2020, p. 16, *grifos do autor*)

Neste ponto encontramos já um indício de hibridação da lírica mallmanniana com as artes cênicas, como também do engajamento do escritor com os modos de distribuição e recepção de seus textos. É possível observar um dado “compromisso firmado em escrita do poeta para consigo e para as suas” (Riscado, 2019, p. 39). Esse movimento – ainda que não a comprove – sustenta a crença na existência de elementos (auto)biográficos na obra de Mallmann.

Por muito tempo a arte tratou do “belo”, dos feitos de “grandes homens e personalidades” e com as (auto)biografias isso não foi muito diferente. Phillippe Lejeune (2014) expressa que “escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes. O ‘silêncio’ das outras classes parece totalmente natural: a autobiografia não faz parte da vida dos pobres” (p. 131).

Apesar de Lejeune estar a fazer referência aos que não têm acesso à escrita, ainda hoje, após certa democratização do ensino formal em muitos países, não são apenas os pobres que estão à margem da literatura. Também as mulheres, as pessoas dissidentes sexuais e de gênero, enfim, as sujeitas que fogem ao padrão branco, cis, hetero e eurocentrado (especialmente quando integrantes da classe trabalhadora) são ainda obliterados no campo da representação.

Nessa medida, Mallmann rompe com a tradição do cânone e escreve sobre “trinta bichas vivas”, por exemplo, quando o que se espera para esses corpos, estatisticamente, é a morte. Assim, o autor tem uma escrita de resistência e sobrevivência, de quebra com a tradição e com os paradigmas. Segundo o poeta

Em algum momento, já bem cansadas, nos pareceu evidente que o corpo **não** é sem o agenciamento ficcional que o captura e faz dele um fenômeno a ser **interpretado, localizado e esclarecido**. A obsessão pela categoria, pela identidade, a nomeação arbitrária, a tradução predatória, o desejo devastador da compreensão. Não há corpo sem as relações – brutais, predatórias, lindas, emancipatórias. Não há corpo sem a criação dos nomes. Não há corpo que não seja sustentado pela linguagem, pela interpelação, pela violência da linguagem mesma [...], porque se a linguagem sustenta o corpo pode também ameaçar sua existência. (Mallmann, 2022, p.86, **grifos do autor**)

Estes corpos que a linguagem ora produz ora nega e violenta são representados pelo escritor de modo muito particular. Tanto quanto é contingente e fragmentada a identidade, são dispostas de modo fragmentado e disperso as poesias, não aleatoriamente, pois integram um todo afim e coeso, mas de maneira singular. Com isso, Mallmann (2022) argumenta que romper com a tradição das representações é uma espécie de “desarranjo da gramática moderna/colonial” (p. 90) a fim de “tracedar de outra afetividade para o mundo” (p.90).

No que concerne aos elementos (auto)biográficos que compõem os textos analisados, sigo o procedimento de André Luis Mitidieri (2013) e me afasto “o quanto possível, dos vícios classificatórios que obcecaram a história da literatura de corte tradicional” (p. 60). Assim, me proponho a pensar além do gênero da (auto)biografia e

utilizo um conceito desenvolvido por Leonor Arfuch (2009; 2010; 2012; 2023), o de Espaço Biográfico.

Um *espaço biográfico* – espaço/temporalidade – mais dilatado que o gênero, pensado não a partir da pureza étnica, mas sim das interações, das inter-relações, do hibridismo das formas, de seus deslizamentos metonímicos, de sua intertextualidade, em resumo, das diferentes maneiras que as vidas ‘reais’ – experiências, momentos, iluminações, lembranças – narram-se, circulam e são apropriadas nas incontáveis esferas da comunicação midiaticizada (Arfuch, 2009, p.114, *grifo da autora*)

Logo, o interesse se volta não a um suposto valor de verdade, mas a um valor de vida que se realiza no processo de produção-recepção. Diana Klinger (2013) propõe, ao refletir sobre o valor biográfico, “pensar o texto em sua transitividade, em sua abertura – ética – para o outro” (p. 32). Que, em outros termos, atua “como ordenador da vida no relato e da ‘própria’ vida do narrador (e do leitor), que assinala a maior coincidência entre os dois paradigmas, justamente no nível da ética” (Arfuch, 2010, p. 122).

Com isso, importa mirar os textos literários eleitos para análise a partir de uma ótica do efeito de vida e não na perseguição de provas do “real”. A relação especular de identificação, que se constrói por meio da leitura, torna-se um dos mais importantes elementos para encontrar rastros da própria vida. Não apenas a vida do autor ou de uma personagem será levada em conta, mas está implicado também quem os lê e com eles firma um pacto diferente do autobiográfico. Em “uma trama simbólica, epocal, um horizonte de inteligibilidade para a análise da subjetividade contemporânea” (Arfuch, 2023, p.22).

Deste ponto da teoria em diante, o autor não precisa prometer veracidade no relato sobre uma dada personalidade (histórica, midiática, própria etc.), pois o acordo implícito firmado pelo leitor permite, por si só, apontar pistas do “eu”. O impulso de reconhecimento se desloca da ideia de “uma verdade sobre o outro” para a de um imaginário coletivo, pois também “eu” – leitor – já estive ou poderia estar nesse lugar. Pois,

Se a identificação com o outros se desdobra desde as figuras primárias, parentais, até as interações sociais e a todos os registros significantes, não há dúvidas de que as narrativas que remetem a personagens ‘reais’ introduzem uma tonalidade particular na identificação [...] o ‘poderia ser eu’, tal como opera a insistência midiática no registro da adversidade [...] e onde se naturalizou a perda da vida e a destruição dos corpos. (Arfuch, 2012, p. 17)

É própria de nosso tempo a mescla entre o eu e o outro na representação que ao simbolizar o que pode ser também refrata e refuta o que já está posto. Assim, a lírica de Mallmann prospera em, por meio da adversidade, da dor, da sobrevivência e da resistência

apresentar pontos de contato entre subjetividades marginalizadas, a ficção literária e a recepção. O trabalho do autor desnaturaliza a sua morte e a dos seus e toma a narrativa de Brasil para si. Na poesia do escritor o eu-lírico é também um outro, conhecido e que pode se reconhecer.

Portanto, consegue-se notar a produtividade dos estudos (auto)biográficos e as possibilidades de análise que estes propõem. Dessarte, *Haverá festa com o que restar* (2018) e *América* (2020) integram o horizonte da biografia, ou ainda, da “antibiografia”, conforme Arfuch propõe chamar modos hibridizados que “não conseguem nem aspiram reconstruir uma ‘totalidade’ hipotética, uma coerência retrospectiva dos acontecimentos, ou uma restituição da perda” (2012, p. 26). Tais antibiografias são também operadas pela ausência e não se apegam ou garantem

um ‘eu’ testemunhal firmado no relato factual ou ficcional, nem sequer *um relato* e sim justamente marcar, enfaticamente, inclusive como reação corporal, essa disjunção da temporalidade, a impossibilidade da presença, o irremissível da perda, mas também uma abertura ética, imperativa e crítica, com relação à vida como um valor, a vida de um, a vida de todos (Arfuch, 2012, p.26)

Em suma, a poesia de Francisco Mallmann desafia os limites da definição e tensiona a tradição classificatória e cartesiana ocidental. Os livros de literatura eleitos para a pesquisa aqui proposta representam uma (des)ordenação de vida que desafia as fronteiras do “eu” e do “outro”. As representações a serem estudadas impõem/expõem, elas mesmas, conflitos do campo da representação.

METODOLOGIA

O trabalho proposto se pretende qualitativo e de cunho bibliográfico. A partir da leitura dos livros de poesia *Haverá festa com o que restar* (2018) e *América* (2020), de Francisco Mallmann, suplementada por textos ancorados nas críticas cultural e literária, serão delineadas relações entre as coletâneas poéticas em estudo e o espaço biográfico. Por meio da seleção de poemas e análise, serão destacadas as temáticas caras à contemporaneidade abordadas nos textos literários trabalhados – tais como dissidências sexuais e de gênero, violências e brasilidades.

DISCUSSÃO

Ao fim da pesquisa, espero conseguir elucidar como as poesias estudadas compõem o espaço (auto)biográfico, estando em acordo com temáticas minorizadas pela

literatura canônica, as geografias da Latinoamérica e as implicações desse movimento de escrita para a ruptura com uma representação autoritária do “outro” – ressoando na identificação do “eu” possibilitada pela leitura.

Os resultados produzidos deverão ser publicados em revistas e apresentados em eventos científicos. A divulgação do trabalho deve ocorrer de modo a atingir também um público externo ao Programa de Pós Graduação em Letras da UESC, a fim de ampliar o debate e construir novos pontos de reflexão acerca das literaturas marginalizadas produzidas no país.

REFERÊNCIAS

AMÍCOLA, José. Introducción. In: AMÍCOLA, J. Autobiografía como autfiguración: estrategias discursivas del Yo y cuestiones de género. Rosario: Beatriz Viterbro Editora, 2007. p. 11-47.

ARFUCH, Leonor. ***O Espaço Biográfico***: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ARFUCH, Leonor. Antibiografias? Novas experiências nos limites. Trad. Dênia Silveira. In: SOUZA, Eneida et al. (Orgs.). *O futuro do presente*: arquivo, gênero e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ARFUCH, L. O espaço biográfico na (re)configuração da subjetividade contemporânea In: GALLE, Helmut et al. (org.). *Em primeira pessoa*. Abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; FFLCH-USP. 2009, pp. 113-121.

ARFUCH, Leonor. *A vida narrada*: memória, subjetividade e política. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2023.

KLINGER, Diana. Duas epígrafes e uma breve reflexão sobre o valor biográfico. *Outra Travessia* (UFSC), v. 14, p. 23, 2013.

MALLMANN, Francisco. *Haverá festa com o que restar*. Bragança Paulista - SP: Editora Urutau, 2018.

MALLMANN, Francisco. *América*. Bragança Paulista - SP: Editora Urutau, 2020.

MALLMANN, F. I. S.. Usar palavras, esquecer, ser um corpo, esquecer. *Ciclorama* - Cadernos de Pesquisa da Direção Teatral, v. 9, p. 83-91, 2022.

MITIDIERI, André Luis. *Literatura Biográfica*: Um roteiro de Leitura. Salvador: Revista Plurais, v. 1, n. 3, 2013.

RISCADO, Caio Arnizaut. Festa da Raspa. *Revista Crioula*, [S.L.], n. 24, p. 38-48, 30 dez. 2019.

Palavras-chave: Poesia dissidente. Literatura brasileira. Corpo. Líricas do eu.

(PER)VERSÕES DA VILANIA: REPRESENTAÇÕES E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DO FEMININO EM MALÉVOLA

Laysa Rodrigues Viana Moreira¹
Marlúcia Mendes da Rocha (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

As representações sociais do feminino, ao longo da história, foram marcadas por construções ideológicas que moldaram o imaginário coletivo e os processos de subjetivação. Essas representações são particularmente influentes em narrativas infantojuvenis, como os contos de fadas, que desempenham um papel central na formação de valores culturais e identidades. Dentre essas narrativas, destacam-se as adaptações contemporâneas, que muitas vezes questionam e reconfiguram os estereótipos de gênero cristalizados ao longo do tempo.

No centro desta discussão, está a personagem Malévola, vilã icônica do conto *A Bela Adormecida*, que passou por significativas transformações ao longo das décadas. Originalmente retratada como a personificação do mal absoluto, Malévola foi reinterpretada em adaptações recentes, como no *live-action Malévola* (2014), em que se apresenta como uma figura intrincada, que combina vulnerabilidade, poder e protagonismo. Essa evolução não apenas reflete mudanças na narrativa, mas também aponta para transformações sociais mais amplas relacionadas à percepção do feminino e às dinâmicas de poder nas sociedades contemporâneas.

O problema central desta pesquisa é entender como as narrativas de Malévola, atravessadas por ideologias e contextos históricos distintos, fomentam novas subjetividades e representações do feminino. Parte-se do pressuposto de que as adaptações midiáticas atuam como instrumentos de construção simbólica, capazes de reproduzir, questionar ou transformar estereótipos e normas de gênero. Ao explorar as diferentes versões da personagem, este estudo busca lançar luz sobre como o feminino é moldado e ressignificado na cultura popular.

Nesse contexto, selecionaram-se três versões da personagem Malévola como

¹ laysa.viana@gmail.com

² malu.mm@gmail.com

objeto de análise: o conto original *A Bela Adormecida*, publicado pelos Irmãos Grimm em 1812; a animação da Disney *A Bela Adormecida* (1959); e o *live-action Malévola* (2014). Essas obras representam diferentes momentos históricos e culturais, permitindo uma análise comparativa que evidencia a evolução da vilania feminina e suas implicações para os processos de subjetivação.

A pesquisa parte do contexto contemporâneo em que debates sobre gênero, representações midiáticas e empoderamento feminino ganham centralidade. Malévola, como personagem, torna-se um símbolo dessa transformação, desafiando a dicotomia tradicional entre bem e mal e propondo uma visão mais pluridimensional e humanizada das vilãs. Assim, ao abordar a personagem sob perspectivas interdisciplinares, o estudo busca contribuir para o entendimento das representações femininas em narrativas ficcionais e suas relações com as mudanças ideológicas e sociais.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar como a performatividade do gênero feminino, representada pela vilã Malévola, e seus atravessamentos ideológicos nas produções midiáticas, contribuem para os processos de subjetivação e para a construção de novas representações da mulher na pós-modernidade.

Objetivos específicos

- Explorar a construção do feminino na personagem Malévola em cada obra, comparando as diferenças estéticas, gráficas, culturais e comportamentais ao longo das produções, considerando os processos de adaptação que refletem as transformações ideológicas e sociais de cada época;
- Identificar como a transformação da personagem reflete as teorias sobre performatividade, representações e interseccionalidade, desafiando as normas tradicionais de gênero e propondo novas formas de compreender a feminilidade na mídia;
- Aplicar a teoria dos arquétipos de Jung para identificar as imagens simbólicas presentes em Malévola, avaliando como essas representações impactam a

percepção coletiva do feminino e contribuem para novas formas de subjetivação e construção de identidade feminina na pós-modernidade.

JUSTIFICATIVAS

Para Butler (2018), a performatividade de gênero não é uma expressão de uma identidade interna, mas uma série de atos que consolidam a ideia de gênero ao longo do tempo. Assim, a literatura e o cinema tornam-se arenas onde esses atos são encenados e reinterpretados, particularmente em personagens icônicas como Malévola. Destarte, este projeto é relevante no contexto atual, marcado por discussões sobre empoderamento feminino e críticas às narrativas tradicionais que limitam o papel das mulheres.

A análise de Malévola oferece uma oportunidade de explorar como a mídia contemporânea reconstrói identidades femininas, desafiando estereótipos e propondo novos modos de subjetivação. Como apontado por Haraway (2000), categorias como gênero e classe estão sendo desconstruídas e reorganizadas em novas configurações identitárias, reforçando a importância de estudos sobre essas transformações.

Ao abordar a complexidade das vilãs, este estudo busca preencher lacunas nos debates sobre personagens femininas, historicamente centrados nas princesas. A análise de Malévola permite compreender como figuras inicialmente marginalizadas podem adquirir relevância simbólica, passando de antagonistas odiadas a personagens admiradas.

O interesse pessoal pela pesquisa deriva da atuação contínua nos eixos de subjetivação e literatura infantojuvenil. Como psicóloga, professora universitária e amante da literatura, sempre me envolvi em estudos que conectam Psicologia e Letras. Além disso, o interesse social reside em investigar como as adaptações de Malévola refletem e moldam ideologias de gênero, contribuindo para a desestigmatização e valorização das experiências femininas.

Por fim, pretende-se desenvolver um modelo interpretativo que integre análises fílmicas com teorias de gênero, performatividade e arquétipos. Este modelo oferecerá uma ferramenta prática para futuras pesquisas sobre representações midiáticas e suas implicações sociais, reforçando a importância de compreender como narrativas moldam o imaginário coletivo e os discursos sobre o feminino.

APARATO TEÓRICO

Inicialmente concebida como a personificação do mal no clássico conto de fadas *A Bela Adormecida*, Malévola é reformulada no filme lançado pela Disney, em 2014, *Maleficent*, como uma personagem cujo desenvolvimento ao longo da narrativa demonstra uma crítica às noções simplistas do mal associado às mulheres. A transformação de Malévola de vilã puramente maligna em uma vilã cuja maldade é relativizada, é um ponto de partida para uma discussão sobre como os processos de subjetivação desempenham um papel na construção da identidade feminina no imaginário coletivo.

A subjetivação, entendida como o processo pelo qual um indivíduo se torna sujeito, é central para a análise de como Malévola se redefine ao longo do filme, desafiando a dicotomia entre o bem e o mal e revelando a complexidade da experiência feminina. A análise fílmica nos permite dissecar os elementos narrativos e estéticos que são indicados para a construção do personagem e do enredo. A teoria feminista, particularmente a contribuição de Judith Butler para a performatividade de gênero, ajuda a compreender como as identidades são formadas e negociadas dentro de contextos culturais específicos.

Butler (2018) é essencial para a compreensão de como os atos performativos de gênero moldam as identidades e questionam as normas tradicionais. Na análise de Malévola, suas teorias sobre a performatividade serão aplicadas para entender como as representações da vilã em suas diversas versões (contos de fadas, animação e *live-action*) refletem as tensões entre a feminilidade normativa e o desafio às normas de gênero. Pretende-se analisar como, em cada adaptação, os atos de Malévola reforçam ou subvertem essas normas, destacando a transformação de vilã maligna para uma personagem mais complexa.

As ideias de Hall (2016) sobre identidade cultural e representações serão usadas para explorar como as diferentes versões de Malévola, em contextos históricos diversos, influenciam a percepção cultural do feminino. A transição de uma bruxa cruel para uma figura sedutora e poderosa reflete mudanças ideológicas na sociedade que serão mapeadas ao longo do projeto. Além disso, Hall (2016) nos permite perceber que as representações culturais não são estáticas, mas sim processos dinâmicos, e essa perspectiva será essencial para avaliar como as mídias atuais moldam a percepção das mulheres.

A aplicação da teoria dos arquétipos de Jung (2000) será fundamental para entender o simbolismo de Malévola como vilã ao longo dos anos. A personagem pode ser

interpretada como uma manifestação do arquétipo da Sombra³, que, com o passar do tempo, passa por transformações significativas. Em sua versão original, Malévola representa a figura da "bruxa má", mas no *live-action* ela personifica uma mistura de poder e vulnerabilidade. Essa evolução reflete a transformação dos arquétipos femininos no imaginário coletivo, que, com o tempo, deixam de ser simplificadores binários de "bem" e "mal" para ganhar maior profundidade emocional e complexidade.

Donna Haraway (2000) oferece uma perspectiva crítica sobre as fronteiras entre ficção e realidade, destacando como as categorias tradicionais de identidade, como gênero e raça, são construções que podem ser desconstruídas e reconfiguradas. Em seu trabalho sobre o *Manifesto Ciborgue*, a autora discute como a ciência, a tecnologia e as narrativas ficcionais podem ser instrumentos para questionar e subverter as normas culturais e sociais. Essa abordagem será aplicada na análise de Malévola, explorando como a personagem passa por uma hibridização de papéis, refletindo a própria dissolução das categorias fixas de gênero na contemporaneidade.

Haraway (2000) também será utilizada para ampliar a discussão sobre o impacto da mídia na construção de narrativas que reconfiguram o feminino. Assim como a autora argumenta que a ficção e a realidade social são permeáveis, a análise de Malévola demonstrará como as adaptações cinematográficas desafiam as representações tradicionais do feminino, criando novas subjetividades que vão além dos estereótipos.

Essa abordagem multidisciplinar permitirá que esta pesquisa alcance além da análise estética das representações femininas, o entendimento de como essas narrativas moldam e refletem as transformações sociais e ideológicas sobre o papel da mulher na contemporaneidade. Ao explorar o impacto das produções midiáticas sobre os processos de subjetivação, espera-se contribuir para um entendimento mais complexo da vilania feminina, trazendo à tona questões sobre poder, identidade e gênero que têm sido pouco exploradas no estudo das antagonistas em narrativas ficcionais.

METODOLOGIA

A questão central deste estudo é a maneira como o feminino é transformado em seus atravessamentos ideológicos, estabelecendo normas e convenções que promovem e legitimam determinadas posições e papéis para os sujeitos, especialmente o sujeito

³ O arquétipo da sombra é um conceito da Psicologia Analítica de Jung que representa o lado oposto do ego consciente, ou seja, o “lado sombrio” da personalidade.

feminino. Desse modo, a pesquisa busca lançar luz sobre as diversas formas de construção do imaginário social em relação ao sujeito feminino, considerando sua historicidade. Isso contribui significativamente para uma compreensão da representação desse sujeito tanto em relação aos outros quanto em relação a si mesmo.

Pretende-se não se limitar a uma mera descrição dos fatos, mas envolver análises interpretativas das "unidades de sentido" presentes em objetos simbólicos, resultando em conclusões (Santaella, 2001). Assim sendo, esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois as informações coletadas serão refletidas e interpretadas através do universo de significados, crenças, valores e atitudes do fenômeno investigado (Minayo, 2001). A pesquisa será bibliográfica, pois consiste na análise de materiais elaborados por diversos autores, que já passaram por um processo analítico (Marconi; Lakatos (2003).

O corpus da pesquisa será pelas obras que retratam a personagem Malévola, incluindo: o conto de fadas original de *A Bela Adormecida*; o filme animado da Disney *A Bela Adormecida* (1959); e o *live-action Malévola* (2014). As transformações da personagem serão consideradas segundo as Teorias da Adaptação (Seger, 2007; Hutcheon, 2013) que compreendem as adequações à parâmetros de tempos diferentes para cada uma das obras.

O método utilizado será o de Análise de Conteúdo, a partir dos princípios de Bardin (2006) pautada no levantamento e no estudo das produções estéticas, gráficas, culturais e comportamentais ao longo das produções do corpus da pesquisa. A Análise de Conteúdo será utilizada como suporte para eleger categorias de análise, como: estética e representação visual (como a imagem visual de Malévola se transforma entre as diferentes produções?); construção cultural e ideológica (quais são as normas e convenções de gênero refletidas em cada adaptação?); comportamento da personagem (como o comportamento de Malévola - motivações, atitudes, ações - evolui de uma vila tradicional para uma figura mais complexa); narrativa e papel social (qual é o papel que Malévola desempenha na trama e como isso reflete as expectativas de gênero de cada época? performatividade de gênero (como um personagem em cada adaptação, se configura como performativos e reconfigura as fronteiras do feminino).

Por fim, pretende-se atingir os objetivos através das contribuições de autores como Judith Butler (2018), Stuart Hall (2016), Carl Gustav Jung (2000), Donna Haraway (2000), Christopher Vogler (2006), Linda Hutcheon (2011), Linda Séger (2007), Serge Moscovici (2009) e Bruno Bettelheim (2002). Estes autores exploram aspectos da subjetividade, identidade e representações que podem ser valiosos para uma abordagem

interdisciplinar com a Psicologia e Letras.

DISCUSSÃO

Ao estudar a evolução da vilã Malévola, o projeto deverá mostrar como esta personagem passa a incorporar traços mais humanizados e contraditórios, corroborando com as representações contemporâneas que exploram as motivações internas e experiências de sofrimento dessas personagens, revelando como a vilania feminina foi ressignificada para refletir novas realidades sociais e políticas.

Este estudo deve resultar em uma análise detalhada das transformações das representações do feminino nas produções midiáticas da personagem Malévola, oferecendo uma compreensão crítica de como essas narrativas influenciam e refletem as ideologias de gênero na sociedade contemporânea.

Espera-se através desta pesquisa proporcionar uma reflexão sobre a performatividade de gênero. Com base nas teorias de Butler (2018) pretende-se demonstrar como a performatividade de gênero foi reconfigurada ao longo do tempo, desde a vilã arquetípica até uma figura mais pluridimensional atual. A pesquisa poderá mostrar como essa personagem desafia normas de gênero tradicionais, abrindo caminho para novas formas de subjetivação e representações da feminilidade, que fogem dos padrões binários de gênero.

A partir da teoria dos arquétipos de Jung (2000), espera-se identificar a transição do arquétipo da "bruxa má" para uma figura que carrega tanto luz quanto sombra, simbolizando o poder e a emancipação do feminino. A análise dos símbolos associados a Malévola deverá contribuir para o debate sobre como a mídia contemporânea influencia a percepção pública sobre a feminilidade e o poder feminino.

A pesquisa deve revelar como as mudanças estéticas e comportamentais de Malévola em diferentes épocas refletem as variações culturais e sociais, reforçando ou desafiando estereótipos de gênero. A comparação entre as diferentes versões da personagem permitirá uma melhor compreensão de como a cultura visual e narrativa impacta a construção das identidades femininas.

Os resultados esperados também contribuirão para uma discussão mais ampla sobre as implicações sociais e culturais das narrativas midiáticas na perpetuação ou desconstrução de estereótipos de gênero. O estudo poderá fomentar debates sobre o papel da mídia na redefinição do papel das mulheres na sociedade e sobre como essas

representações influenciam o imaginário coletivo e os processos de subjetivação.

Por fim, espera-se que o projeto fortaleça o diálogo interdisciplinar entre literatura, cinema, psicologia e estudos de gênero, evidenciando a importância da análise intermediária para a compreensão das representações femininas. A integração dos teóricos supramencionados proporcionará uma nova lente teórica para futuros estudos sobre as vilãs e suas implicações no imaginário social.

REFERÊNCIAS

A BELA ADORMECIDA. Direção: Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman; Roteiro: Erdman Penner e outros. Título original: *Sleeping Beauty*; Distribuidores: Wall Disney e Buena Vista Estúdios, 1959.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BETTELHEIM, Bruno; CAETANO, Arlene. **A psicanálise dos contos de fadas.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **A Bela Adormecida.** Tradução: Karin Volobuef. Disponível em: <http://volobuef.tripod.com/tr_dornroeschen.htm>. Acesso em: 29 de jun, 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue.** Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação.** Tradução de André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LAKATOS, E. M. de A.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MALÉVOLA. Direção: Robert Stromberg; Roteiro: Linda Woolverton e Paul Dini. Título Original: **Maleficent.** Distribuidores: Wall Disney e Buena Vista Estúdios, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. In:

Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SEGER, Linda. **A Arte da Adaptação:** como transformar fatos e ficção em filme. Tradução de Andrea Netto Mariz. São Paulo: Bossa Nova, 2007.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor:** estrutura mítica para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Palavras-chave: Feminino. Vilã. Malévola. Performatividade. Representações.

REDE SOCIAL COMO INSTRUMENTO LINGÜÍSTICO EVENTUAL: UMA INVESTIGAÇÃO DISCURSIVA A PARTIR DAS TENSÕES RACIAIS

Matheus Oliveira Souza¹
Rogério Modesto (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Considero que as redes sociais podem ser ferramentas de recorte da língua e, portanto, instrumentos linguísticos³ (Auroux, 2009) que (re)produzem discursos racializados⁴ (Modesto, 2021).

Pensando nisso, as redes sociais parecem ter um funcionamento próprio, no que concerne à descrição da língua. Desse modo, desenvolvi um conceito a partir de um estudo sobre a dicionarização antirracista de *Instagram*⁵, o qual eu chamo de *instrumentos linguísticos eventuais* (Souza, 2023), que consiste em dispositivos tecnológicos que fazem um recorte da língua, assumindo o papel de instrumentos linguísticos tradicionais (gramática e dicionário), de modo sazonal. Dito de outro modo, a descrição da língua ocorre momentaneamente (não sempre), apenas como mais um assunto dentre outros que fazem parte do cotidiano dos sujeitos.

Nessa direção, suspeito que tal como ocorreu com perfis do *Instagram*, outras materialidades/redes sociais podem reproduzir funcionamentos discursivos semelhantes que se enquadrem no conceito que formulei. Pretendo retomar alguns caminhos já trilhados e ampliar os horizontes, pois acredito que tanto o *Instagram*, quanto outras redes sociais podem operar tais funcionamentos.

Os glossários textuais não se limitam a textos escritos, o qual foi o foco do trabalho com o *Instagram*, mas imagino que as materialidades digitais possam fornecer uma descrição e instrumentalização da língua por outros recursos, como *reels*, *stories* e *videocasts*. Isto é, analisando o processo de descrição da língua, buscarei investigar como

¹ mosouza.ppgl@uesc.br Bolsista FAPESB.

² rlmsantos@uesc.br.

³ Dispositivos tecnológicos que descrevem e instrumentalizam a língua, essencialmente, gramática e dicionário (Auroux, 2009).

⁴ Trata-se de um funcionamento discursivo, constituído a partir de variadas posições sujeito e diferentes processos de identificação, possibilitando atravessamentos entre discursividades diversas pela discursividades racial, resultando em um discurso racializado sobre determinada questão, como a língua, por exemplo (Modesto, 2021).

⁵ Esse estudo consistiu no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a partir do qual eu pude extrair as considerações necessárias para elaborar o conceito de instrumentos linguísticos eventuais (Souza, 2023).

essas materialidades (re)produzem os sentidos e também como esses sentidos puderam/podem ser constituídos por determinações histórico-materiais, permitindo racializá-los (Modesto, 2021).

Nessa perspectiva, busco produzir um estudo discursivo acerca do atravessamento entre as discursividades linguística e racial em redes sociais proeminentes como *X (antigo Twitter)*, *Facebook*, *Instagram*, *TikTok* etc. Levarei em consideração textos escritos e produções áudiovídeos que tensionem, por meio da racialização, os sentidos em torno de saberes linguísticos

Para tanto, pretendo explorar tais questões por meio de um dispositivo teórico-analítico formado a partir da relação entre a Análise de Discurso de orientação materialista, através dos estudos de Orlandi (2007), Lagazzi (1988) e Barbosa Filho (2022) que me permitirão analisar o funcionamento discursivo conforme as demandas materiais em questão; a História das Ideias Linguísticas, a partir de Aurox (2009); Zoppi-Fontana (2009), pondo em questão a constituição de um instrumental que me permita fazer uma análise metalinguística; e os Estudos de raça, ensino e linguagem, por intermédio de Modesto (2021) e Nascimento (2021), dada a necessidade de compreensão das tensões raciais nos limites da língua.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar o funcionamento de redes sociais como instrumentos linguísticos eventuais para colocar em circulação discursos racializados, tentando orientar práticas antirracistas por meio de saberes linguísticos.

Objetivos específicos

- Caracterizar os dispositivos tecnológicos estudados como instrumentos linguísticos eventuais, a fim de compreender como neles operam a descrição e a instrumentalização dos discursos racializados sobre a língua;
- Reconhecer outros modos de descrição e instrumentalização da língua além da modalidade escrita, considerando elaborações audiovisuais na esfera digital.

- Produzir uma reflexão crítica que, no campo da linguagem, contribua com a discussão sobre a relação entre saberes linguísticos/lexicais e os discursos racializados no campo digital.

JUSTIFICATIVAS

Explorar a possibilidade de redes sociais funcionarem como uma ferramenta que orientam os usos linguísticos com um caráter antirracista, além de ser uma proposta contemporânea, mais próximo da realidade das gerações recentes e coesos em relação aos avanços tecnológicos, aponta para uma direção que diz respeito às materialidades de caráter didáticos presentes em suportes tecnológicos não tradicionais. Como pondera Dias (2011), na sociedade, há uma resignificação tanto da prática de ensino/aprendizagem, como da circulação do conhecimento em função da relação dos sujeitos com instrumentos tecnológicos do cotidiano.

Após levantamentos na literatura, podemos dizer que há uma ausência de trabalhos no campo da História das Ideias Linguísticas que considerem as materialidades digitais, sobretudo, redes sociais (*posts, reels, stories*, vídeos etc.) como instrumentos linguísticos. Ou seja, nos deparamos com uma escassez de estudos que investiguem modos de textualização em tecnologias que descrevem e instrumentalizam a língua na esfera digital. Desse modo, esta pesquisa se faz necessária pela importância de promover estudos consonante às condições materiais do atual contexto sócio-histórico, em busca de entender como os instrumentos linguísticos tradicionais (gramática, dicionário, livro didático) são simulados e/ou adaptados para as redes sociais.

É imprescindível considerar também que este trabalho, sob uma perspectiva discursiva materialista, busca pensar a maneira como os sentidos se (re)produzem nesses espaços tecnológicos, não a partir de um gênero textual (que apresenta características próprias *a priori*). Para a AD, forma e conteúdo não se separam, mas produzem a materialidade discursiva, na qual o simbólico (língua) e o mundo (exterioridade) produzem sentidos a partir de uma relação constitutiva (Dela-Silva, 2022) entre elas.

No que concerne aos estudos da linguagem e ao debate racial brasileiro, empreender uma pesquisa que investigue os percursos dos sentidos a partir de do atravessamento entre língua e raça pode ser fundamental para compreender a maneira como ocorre a interpelação ideológica dos sujeitos negros em espaços digitais. Ainda mais porque tal processo acontece por meio da linguagem (Modesto, 2018). Acredito que seja de grande importância estudar acerca da relação entre língua e raça nos suportes

tecnológicos digitais, tendo em vista a sua grande popularidade e relevância dentro do atual contexto social-histórico, culminando em uma potencialização de discussões acerca das questões raciais e linguísticas, recortadas e postas em circulação de múltiplas maneiras e por materialidades diversas.

Nessa perspectiva, compreendo que tal proposta venha a contribuir com a reflexão crítica acerca da relação entre língua e racialidade, questionando o que tem sido produzido nas redes sociais as quais, por sua vez, ao se portarem como instrumento linguístico eventual - que consiste em dispositivos tecnológicos que descrevem e instrumentalizam a língua de modo eventual, já que a língua não se configura como seu objeto em si (Souza, 2023) - funcionam como um discurso de verdade (Grigoletto, 2010). Nesse viés, considero fundamental entender como esses discursos racializados (Modesto, 2021) são produzidos através da particularidade de cada rede social e de cada recurso que essas tecnologias proporcionam.

Portanto, a possibilidade de tensionar as práticas discursivas no domínio digital é fundamental para compreender a (re)produção de saberes linguísticos que atravessam as questões de racialidade, constituindo um sujeito do conhecimento (Dias; Couto, 2011) na esfera digital. Assim, há no projeto uma capacidade patente em contribuir com as discussões que relacionam as práticas de ensino da linguagem com um olhar sensível ao debate racial nos limites da língua a partir de materialidades significantes (Lagazzi, 2010) contemporâneas.

APARATO TEÓRICO

É interessante se ater a maneira como o discurso pedagógico está sendo posto em circulação no ciberespaço. Isto é, pensar em que níveis ele se distancia ou se aproxima de uma prática discursiva presencial. Imagino que algumas diferenças possam surgir, pois como pondera Grigoletto (2010), as condições de produção do discurso pedagógico, hoje, são outras.

A linguagem passou a figurar também nesses debates como um aspecto que atravessa a problemática racial. Ao colocar em circulação uma opinião ou um discurso que explique as tensões raciais a partir da língua, os sujeitos fazem operar o atravessamento entre língua e raça, sobre o qual comentei anteriormente. Partindo da compreensão que existem nomeações que racializam corpos (Fanon, 2008), e esta materialização ocorre na/pela língua, materialidade específica do discurso (Orlandi, 1994), a nossa formação social permite dizer que os discursos também são *racializáveis*,

de modo que, resulta no que Modesto (2021) chama de *discursos racializados*. Nesse contexto, a noção de *discursos racializados* (Modesto, 2021) é primordial para a minha pesquisa, pois através deste conceito posso aliar a teoria do discurso com o fato pungente da racialidade no/do Brasil, sem perder de vista as fronteiras teóricas da AD. Dessa maneira, este conceito não diz respeito a um tema ou a uma tipologia discursiva, nem mesmo diz respeito a uma característica fechada de discursos.

Os discursos racializados se reportam a um funcionamento discursivo que pode ser constituído por variados processos de identificação, tal qual a partir de determinada posição sujeito (Modesto, 2021). Ou seja, quando um discurso é racializado, significa que dado discurso passou a ser atravessado pela discursividade racial, possibilitando emergir a discursividade racial no interior de qualquer discurso que tenha condições de produções favoráveis para o aparecimento do elemento raça. É por meio desse entendimento, que podemos falar em discursos racializados sobre (a língua, a divulgação científica, a história, etc.). É, justamente, o caso da nossa proposta de pesquisa, que consiste em investigar (re)produções de saberes linguísticos que tensionam as questões raciais nas redes sociais. Portanto, considero que o meu material de análise (redes sociais) produz um discurso racializado sobre a língua.

Quando o linguístico comparece de maneira descrita por algum dispositivo tecnológico, faz-se necessário trazer as considerações de Auroux (2009) acerca da *revolução tecnológica da gramatização* (título de sua obra) que se trata de um processo histórico-material que impacta na relação entre os sujeitos e a língua. Auroux (2009) irá exemplificar dois dispositivos tecnológicos (Gramática e Dicionário) nesse processo, e os chamará de instrumentos linguísticos. Com o avanço tecnológico de dispositivos informatizados, é possível considerar que tal contexto aponta para uma nova revolução tecnológica da gramatização, ou então, aponta para um *continuum* que ecoa lampejos de revolução, na qual os materiais físicos dão/perdem espaço para materialidades informatizadas, como as redes sociais.

As noções trazidas por Modesto (2021), sobretudo, acerca dos discursos racializados conseguem oferecer uma ideia discursiva, a qual me permite relacionar, de maneira coesa, a racialidade com outras questões do discursivo. As compreensões dos instrumentos linguísticos por Auroux (2009) e Souza (2023), em seu turno, são primordiais para entender como a língua passa a ser “objeto” diante dos sujeitos, ao ponto de ser descrita e instrumentalizada. Sendo assim, tais abordagens se articulam ao tema da minha pesquisa, porque busco investigar a relação entre saberes linguísticos e Discursos

Racializados (Modesto, 2021), em redes sociais, com intuito de entender como os sentidos são constituídos nesses espaços, além de compreender se é possível classificar tais dispositivos tecnológicos como Instrumentos Linguísticos Eventuais - além do Instagram, tal como Souza (2023) já atestou.

METODOLOGIA

Este estudo é de natureza teórico-analítica. Nesse sentido, esta pesquisa será organizada pela mobilização de um dispositivo teórico-analítico formado a partir da relação entre a Análise de Discurso (AD) de orientação materialista; a História das Ideias Linguísticas (HIL); e os Estudos de raça, ensino e linguagem, dada a necessidade de compreensão das tensões raciais nos limites da língua.

A primeira etapa deste trabalho será a realização de um levantamento bibliográfico a fim de aprofundar nas teorias elencadas, de modo que seja possível fundamentar o estudo de maneira consistente e coesa com os campos teóricos que esta pesquisa se filia. A pesquisa bibliográfica será direcionada para a consolidação dos saberes envolvidos na compreensão do dispositivo teórico-analítico mencionado. Isto é, no que se refere à HIL, será imprescindível entender as questões que estejam relacionadas à gramatização brasileira; os saberes metalinguísticos e os instrumentos linguísticos. No que concerne à AD, considero fundamental o aprofundamento teórico por meio de trabalhos que discutem acerca da noção discursiva de arquivo, assim como ideologia, memória e discursos racializados. E ainda, estudos de racialidade que permitem compreender os modos de racialização na formação social brasileira.

A segunda etapa do trabalho será a pesquisa de campo, a qual terá como alvo duas categorias de materiais: textualizações escritas e audiovisuais. A fim de compreender como diferentes materialidades significantes (Lagazzi, 2010) funcionam, será realizada a construção de um inventário de textos escritos e audiovisuais publicados em distintas redes sociais (*Instagram, X, Facebook, Tiktok* etc.). A seleção dos materiais, por sua vez, será realizada através de consultas a perfis que fizeram/fazem publicações, as quais se enquadram ao nosso interesse de investigação, ou seja, que colocam em circulação informações acerca de palavras, frases, expressões lidas como racistas e tensionam sua utilização por meio de textos escritos e produções audiovisuais.

A partir disso, a terceira etapa da pesquisa será a montagem do arquivo com materiais que se enquadram aos objetivos e proposta de análise deste estudo. É

fundamental fazer uma elucidação da compreensão do arquivo. Desse modo, o arquivo não se refere a repositórios/acervos de documentos e registros (local que armazena ou deposita dados). De uma perspectiva discursiva, o arquivo precisa ser montado, tendo em vista as múltiplas determinações como considera Barbosa Filho (2022). O autor ainda pondera que: “Não se trata, portanto, de um *conjunto* de dados, mas de um *feixe* de documentos textuais cuja possibilidade de *pôr em relação* não diz respeito à natureza puramente arquivística desses documentos, mas às discursividades em cena nesse *efeito de conjunto* que é a montagem” (Barbosa Filho, 2022, p.11).

Após a organização de todo material, será feita a análise discursiva considerando dois processos de dessintagmatização: a linguística e a discursiva. Através da dessintagmatização linguística trabalhar-se-á com paráfrases, em busca de explicitar vínculos entre o dito e o não-dito, levando em consideração, no nível do formulável, as relações de intertextualidade, enunciação entre outras. Já a dessintagmatização discursiva terá o objetivo de chegar às formações discursivas e à sustentação ideológica que cruzam os discursos em análise, conforme orienta Lagazzi (1988). Essa análise representa a quarta e última parte do trabalho, que consiste na etapa exploratória, na qual será investigada a presença ou não de discursos racializados (Modesto, 2021) nos arquivos discursivos organizados a partir de saberes linguísticos em redes sociais.

DISCUSSÃO

Para a Análise de Discurso, formular uma hipótese e constatar-la pela análise de dados é um procedimento que se distancia da prática analítica discursiva material. É preciso abrir mão de interpretações apriorísticas para se chegar à compreensão de um processo discursivo. Portanto, antecipar resultados com base em interpretações ou hipóteses que antecederiam o gesto de análise, significaria fechar todo o percurso analítico, bem como abrir espaço para uma não escuta das potencialidades discursivas presentes no cruzamento dos discursos sobre língua e os discursos sobre raça presentes nas redes sociais.

Contudo, é possível apontar aqui possíveis contribuições: entende-se que este trabalho apresenta possibilidades de contribuição no que concerne à tomada de posições antirracistas em relação ao ensino (da língua), haja vista que buscará tensionar a produção e a circulação de discursos racializados nas redes sociais, bem como promoverá uma discussão interessante, a qual terá caráter provocativo acerca da opacidade das evidências

materializadas na língua atravessadas por discursos sobre raça. Além disso, a pesquisa pode apresentar uma reflexão sobre como as discussões sobre língua e raça aparecem em novas tecnologias digitais. Podem contribuir ainda com uma possível crítica a essas materialidades, uma vez que ao simularem o funcionamento de instrumentos linguísticos tradicionais ao descreverem e instrumentalizarem a língua, pode ocorrer também uma reprodução de funcionamentos autoritários nesses dispositivos.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BARBOSA FILHO, Fabio Ramos. Ler o arquivo em análise de discurso: observações sobre o alienismo brasileiro. **Revista Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 64, 2022, p. 01-22.

DELA-SILVA, Silmara, et al. Um novo objeto: o discurso. In: DELA-SILVA, Silmara, et al (Org.) **Análise de discurso, uma introdução**. Niterói: Eduff, 2022, p. 15-35.

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso, Tubarão**, Vol. 11, N. 3, p. 631-648, set-dez.2011.

DIAS, Cristiane. e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. In. DIAS, Cristiane. **E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]**. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

FANON, F. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

GRIGOLETTO, Evandra. Do discurso político às novas tecnologias: um percurso sobre o objeto de estudo da Análise do Discurso. In: **Organon**, nº 48, janeiro-junho, 2010, p. 229 – 247.

LAGAZZI, Suzy. Linha de Passe: a materialidade significativa em análise. **RUA**, Campinas, v. 2, n.16, p. 172 – 182, nov. 2010.

LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes Editores, 1988.

MODESTO, Rogério. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. **Littera Online**, Maranhão, N. 17, p. 124 – 145, 2018.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da Abralin**, v.20, n. 2, p.1-19, 2021.

NASCIMENTO, Gabriel. Racismo linguístico é sobre palavra?. **Língu@ Nostr@**, Vitória da Conquista, v. 8 n. 1, p. 3-15, jan/jul., 2021.

ORLANDI, Eni. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 2007

ORLANDI, Eni. O lugar das sistematicidades linguísticas na Análise de Discurso. **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. 2, p. 295-307, 1994.

SOUZA, Matheus Oliveira. “A língua e a dicionarização antirracista de *Instagram*”: um estudo discursivo. **Porto das Letras**, v. 9, n. 2, p. 216-242, 2023.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. O português do Brasil como língua transnacional. In: ZOPPI-FONTANA, Mônica. (Org.). **O português do Brasil como língua transnacional**. Campinas: Editora RG, 2009. p. 12-41.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Discursos racializados. Saberes linguísticos. Instrumentos linguísticos. Redes sociais.

A MORTE DO VERÃO: UM ESTUDO SOBRE AS REFORMULAÇÕES DO DISCURSO PUBLICITÁRIO DA CERVEJA ITAIPAVA À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO

Vivian Alves Pereira¹

Anderson Lins (orientador)²

APRESENTAÇÃO

O consumo de cerveja no Brasil ocupa o terceiro lugar em ranking mundial segundo o Relatório Global de Consumo de Cerveja ³. Esta informação é importante pois norteia a relevância do debate acerca dos impactos da publicidade deste produto frente a sua comercialização em massa. Em pesquisa anterior, analisamos imagens publicitárias da cervejaria Devassa e constatamos que a empresa utilizou da exploração em um processo de sexualização de corpos *cisgendrados* negros para relacionar o prazer de consumo da cerveja, de tipo *dark ale*, ao corpos expostos em propaganda. Contudo, durante o processo acompanhamos duas movimentações: a primeira gira em torno de uma mudança significativa no uso destas imagens com o passar dos anos e em diferentes empresas. Já a segunda, orbita a narrativa da trajetória de uma personagem criada pela cervejaria Itaipava. Esta última movimentação configurou o interesse em ampliar o corpus e continuar a pesquisar os impactos da circulação desses discursos publicitários. Entre os anos de 2014 até 2021, a empresa Itaipava constituiu em suas propagandas uma personagem denominada "Verão", uma mulher cisgênera com características físicas padronizadas para ser a garota propaganda da cervejaria durante a estação do verão no Brasil, os comerciais foram veiculados em mídias televisivas e em redes sociais.

Esse corpo veiculado na mídia, de arquétipo cis-genero atuou, enquanto discurso, como materialização ideológica, inicialmente associando a imagem da personagem a um imaginário de sensualidade e consumo. Contudo, ao longo dos anos as propagandas foram transformando o discurso publicitário na medida em que as questões sociais contemporâneas foram ganhando mais destaque, como o feminismo. No entanto, as

¹ vapereira.let@uesc.br

² alrodrigues@uesc.br

³Global Beer Consumption by Country in 2022: <https://www.kirinholdings.com/en/newsroom/release/2023/1222_04.html>

campanhas da marca continuaram a ser criticadas por reforçar estereótipos de gênero. E então, no ano de 2021 a marca finalizou a narrativa da personagem através do comercial *O Verão dos verões* (2021).

Desta forma, o presente estudo utiliza a Teoria Materialista do Discurso para investigar como as transformações discursivas das propagandas podem refletir dinâmicas sociopolíticas e ideológicas. Ao articular conceitos do feminismo, materialismo histórico, linguagem e publicidade, o estudo pretende analisar como a cervejaria se apropriou de temas sociais e ideológicos para moldar a imagem de seus produtos e atrair novos consumidores. Desta forma, a pesquisa examinará como essas campanhas refletiram e/ou se apropriaram de pautas sociais contemporâneas, especialmente sobre a representação do corpo feminino e a objetificação da mulher. A questão norteadora, portanto, é: "De que forma as mudanças da publicidade dessa empresa se apropriaram de pautas sociais para seduzir o consumidor?"

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar, a partir das propagandas da personagem Verão, entre 2014 e 2021, o movimento discursivo das propagandas da cerveja Itaipava, levando em consideração as suas dinâmicas sexo-gendradas e o apelo ao erotismo da figura da mulher.

Objetivos específicos

- Identificar como as propagandas da cerveja Itaipava com a personagem Verão construíram significações sociais e simbólicas ao explorar, especialmente, o uso do apelo sexual como estratégia publicitária;
- Analisar como recursos linguístico e imagéticos forjam possíveis conexões de sentidos entre a publicidade dessa cerveja e as dinâmicas sociais de gênero;
- Compreender se as mensagens publicitárias da cerveja reforçam ou se apropriam em benefício próprio das tendências e transformações sociais em que estão inseridas.

JUSTIFICATIVAS

Observar a circulação de discursos sobre corpos femininos promove a possibilidade de entendermos fenômenos ideológicos, numa perspectiva da materialização desta. Ideológicos, pois estamos frente a formações discursivas que promovem a sedimentação de figuras imagéticas que atrelam o prazer de consumir a bebida a aquele associado à sexualidade (Martins; Moraes, 2011). E, material, pois a produção de propagandas relacionadas ao produto, que visa o lucro dentro de uma estrutura capitalista, possibilita a criação de um eixo entre produção-ideologia-consumo, numa linha direta que perpassa a evolução sócio-histórica da humanidade. Sendo assim, esta pesquisa poderá contribuir de forma significativa para o avanço dos estudos relacionados à língua e à ideologia, dentro de um recorte material carregado de símbolos e padrões de uma brasilidade imagética, mas, também, de formações ideológicas que fazem parte da historicidade humana, revisando e revisitando práticas-rituais que impactam a vivência, sobretudo, das mulheres na sociedade.

Apesar das contribuições de Vaz (2011), Oliveira (2014) e Bechir (2020), ainda há lacunas nos estudos sobre mudanças discursivas em propagandas de cerveja. Esses trabalhos analisam o uso de corpos femininos, mas não investigam a transformação discursiva, especialmente na figura da personagem Verão, da Itaipava, entre 2014 e 2021. Este projeto busca preencher essa lacuna, explorando a trajetória completa da personagem e suas relações com dinâmicas sociopolíticas, econômicas e de gênero. Além disso, a pesquisa adota a Teoria da Análise de Discurso Materialista somada a outras teorias de estudo, como feminismo materialista, um diferencial em relação aos estudos anteriores. Assim, visa não apenas ampliar os debates acadêmicos sobre gênero, língua e ideologia, mas também propor novas perspectivas para o entendimento de práticas discursivas contemporâneas.

APARATO TEÓRICO

Este estudo busca analisar, a partir das propagandas da personagem Verão, o movimento discursivo presente nas campanhas publicitárias da cerveja Itaipava, com foco nas dinâmicas sexo-gendradas e no apelo erótico atribuído à representação do corpo cisgênero feminino. A pesquisa se insere no campo da Análise de Discurso Materialista, com ênfase na intersecção entre linguagem, ideologia e gênero. De forma geral, há uma preocupação em investigar a construção e ressignificação de discursos em torno do corpo

feminino nas campanhas publicitárias da Itaipava. Não obstante, a análise do corpo feminino na publicidade, especialmente nas campanhas de cerveja, é um campo amplamente explorado por teóricos como Bombarda e Rocha (2011), que discutem a utilização do corpo feminino como uma ferramenta de atração nas propagandas, refletindo uma objetificação sexual que reforça estereótipos de gênero. Esses autores destacam como o corpo da mulher é comercializado nas campanhas publicitárias, configurando uma forma de objetificação que perpetua os sentidos estereotipantes do conceito de mulheridade cisgênero na sociedade

A pesquisa também se apóia nas contribuições de Silva e Narzetti (2020), que examinam as relações de gênero no contexto de isolamento social, oferecendo uma perspectiva valiosa sobre como a publicidade, em momentos de mudança social, não apenas objetifica o corpo feminino, mas também reforça os papéis domésticos tradicionalmente atribuídos às mulheres. A conexão com o projeto de pesquisa ocorre ao se utilizar a Análise de Discurso Materialista para estudar como essas ideologias de gênero são negociadas e reconfiguradas nos discursos publicitários. A adaptação da propaganda da Itaipava às pautas feministas e de inclusão social, ao mesmo tempo que mantém a objetificação da mulher, é uma questão central, sendo relevante para a investigação de como as marcas tentam alinhar suas campanhas às tendências sociais sem romper completamente com as estruturas de exploração que demarcam uma relação de constituição com a significação dominante da cisgeneridade padrão e da sexualidade, como forma de apelo ao consumo do produto. Aqui, neste sentido, vale citar Preciado (2019) e a concepção da pornotopia, e para além do olhar analítico dentro do viés da teoria materialista do discurso, por se tratar de uma pesquisa que também trabalha com análise imagética, a noção de semiótica descrita por Peirce (2020) contribuirá de forma grandiosa para a construção da análise.

Posto que observar as condições de produção é peça fundamental para uma análise materialista do discurso, não podemos deixar de constatar a relação entre o capital e a mercantilização de diferentes discursos, como os do feminismo. De modo relacional, paira no ar certas (re)adequações, no campo discursivo, das propagandas outrora citadas que remontam as ligações entre capitalismo e patriarcado. Se antes vivíamos o que Federici (2017, 2019) nos aponta como submissão dos corpos femininos aos desejos e vontades da grande estrutura, atualmente, encontramos uma nova roupagem que se manifesta através de um discurso empoderador. É importante destacar que para o funcionamento da estrutura capitalista, a mulher precisa estar presente enquanto suporte

para o funcionamento da sociedade. Seja em trabalho doméstico não remunerado ou nos subempregos, os corpos femininos estão sempre direcionados ao lugar de trabalho excessivo sem nenhum retorno. Em outras palavras: “É importante reconhecer que, quando falamos em trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou” (Federici, 2019, p.42).

Entender que os corpos femininos são manipulados pelo capitalismo ajuda a perceber que, de forma discursiva, as propagandas de cerveja reproduziam determinadas formações ideológicas que reforçavam estes padrões. Ora, se discursos se adequam ao momento histórico ao qual estamos inseridos, o que está em suspensão, no momento, é aquilo que está em pauta, em circulação, e nas diferentes formas de significar, locais que esta pesquisa tem como intuito residir a sua análise.

METODOLOGIA

A metodologia do projeto será desenvolvida a partir da construção de um arquivo que reunirá as publicidades da cerveja Itaipava com a personagem Verão, abrangendo o período de 2015 a 2021. Esse arquivo será composto por recortes verbais e imagéticos das campanhas publicitárias, organizados de modo a permitir a interrogação sistemática das relações de sentido que nele se estabelecem. O objetivo inicial será identificar aspectos de repetibilidade, reiteração ou ruptura nos discursos apresentados, considerando as condições de produção e circulação dessas campanhas.

A constituição do arquivo não é neutra, mas sim parte integrante do processo analítico, sendo orientada pela relação dialética entre material e teoria. Após a estabilização inicial deste percurso, o projeto avançará para o batimento entre o material reunido, a questão norteadora e os fundamentos teóricos da Análise de Discurso (AD). Nesse ponto, a análise discursiva será orientada pelas categorias teóricas como sujeito, assujeitamento, ideologia e formação discursiva, fundamentadas nos estudos de Michael Pêcheux e Eni Orlandi. A perspectiva feminista materialista de Silvia Federici também será incorporada para abordar as questões de gênero e sexualização do corpo presentes na construção da personagem.

Esse percurso analítico pressupõe que o método se construa simultaneamente à análise, seguindo os princípios da teoria. Nesse sentido, o trabalho analítico partirá de três etapas interligadas:

1. **Constituição do corpus:** delimitação e organização do arquivo de campanhas publicitárias, acompanhada da análise das condições de produção desses materiais.
2. **Observação do funcionamento discursivo:** descrição e interpretação das marcas linguísticas e imagéticas que tornam visíveis as formações discursivas. Essa etapa buscará compreender as relações entre o discurso e a ideologia que o atravessa.
3. **Compreensão dos processos discursivos:** análise dos processos de significação que historicizam os sentidos, permitindo identificar as transformações ideológicas e sociais materializadas nas campanhas publicitárias.

Assim, a análise discursiva resulta de um constante movimento entre o arquivo, as questões formuladas e a fundamentação teórica, permitindo explicar o funcionamento ideológico e discursivo das campanhas da Itaipava com a personagem Verão.

DISCUSSÃO

As propagandas de cerveja veiculadas em mídias televisivas no Brasil se caracterizaram, durante um longo período, pelo apelo excessivo do uso da imagem de mulheres cis, padronizadas, sensuais e prontas para servirem a figura masculina, numa espécie de jogo de submissão (Martins; Moraes, 2011; Warmiling, Barragan, 2012; Barros, Pinheiro, 2019; Bechir, 2020). Com relação a cervejaria Itaipava e a personagem Verão, esse estado de subserviência e apelo sexual é logo sinalizado na propaganda de estréia da personagem, denominado “O verão chegou” (2014), onde dois homens iniciam um diálogo acerca do verão e utilizam frases que mesclam a ideia de prazer pela estação do ano (F1 e F2), mas que também se condicionam a personagem Vera, que em seguida é chamada de Verão (F3).

F1 - “Fico o ano inteirinho esperando o verão chegar”

F2 - “Quem criou o Verão jogou a receita fora”

F3 - “Isso é um Verão”

Esse jogo subjetivo é traçado também pelo apelo imagético através do uso de cores quentes, como o vermelho, que se associa simbolicamente a paixão, ao desejo, ao amor e outros signos que compõem uma espécie de campo do prazer. O jogo em si funciona entre a articulação da composição das imagens frente à dinâmica dos diálogos que pairam sobre uma dúbia esfera; a relação entre a estação verão e a *persona* Verão.

Neste aspecto, a pesquisa buscará identificar padrões linguísticos, imagéticos e

narrativos nas propagandas, investigando como elas refletem ou respondem a mudanças socioculturais e políticas, como a reconfiguração de papéis de gênero e estereótipos. Assim, a análise permitirá entender como a marca se apropriou de discursos sociais predominantes, adaptando-se às transformações sociopolíticas e de gênero para benefício comercial. O objetivo é contribuir teoricamente aos campos de análise de discurso, publicidade e estudos de gênero, mostrando como a propaganda molda e é moldada por dinâmicas socioculturais. Os resultados serão compartilhados por meio de publicações acadêmicas, apresentações em congressos, e eventos de extensão para o público geral. Além disso, há a possibilidade de divulgar os achados em formatos acessíveis, como palestras, seminários, artigos de opinião e até a produção de um documentário.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcos Alberto Xavier; PINHEIRO, Michelle Soares. Questões de gênero feminino: análise multimodal de um anúncio publicitário de cerveja. **Entrepalavras**. Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 244-260, set dez/2019.

BECHIR, Juliana. **A reconstrução do ethos da Skol em suas campanhas publicitárias: uma análise argumentativa do discurso**. 2020. 144f. Dissertação (Mestrado) – Curso Linguística do Texto e do Discurso, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

BECK, Maurício; FONSECA, Rodrigo; SANTOS, A.P.. Recortes discursivos, paradigma indiciário e procedimentos contraindutivos. **Linguagem em (dis)curso**, v.19, p.153-171, 2019. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/articled/view/6998. Acesso em: 26 set. 2023.

BOMBARDA, Fábio; ROCHA, Damião. A objetificação do corpo feminino em publicidade e propaganda de cerveja. **Revista Humanidades e Inovação**, v.9, n. 15, p. 290-300, Jul. 2022.

CERVEJA ITAIPAVA. Itaipava. **A cerveja de todos os verões**. 24 out. 2021. Youtube: ItaipavaPilsen. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Md-_RxqFE7k. Acesso em: 22 set. 23.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, revolução e luta feminista**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRANCHI, Renata. **Itaipava convida consumidores a assumirem posto de verão em nova campanha**. 2021. Disponível em: <https://diariodorio.com/itaipava-convida-consumidores-a-assumirem-posto-de-verao-em-nova-campanha/>. Acesso em: 22 set. 23.

MARTINS, Débora Souza; MORAES, Eliana Melo Machado. A imagem da mulher nas propagandas de cerveja Devassa. **Simpósio Nacional de Letras e Linguística**, II., 2011. Goiás: UFG, 2011. 229 – 247.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia: Arquitetura e sexualidade no “Playboy” de Hugh Hefner**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SILVA, Maria Alice Costa da; NARZETTI, Claudiana. Os efeitos de sentido do "lar" no contexto de isolamento social e as relações de gênero numa propaganda de cerveja. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. v. 12, n. 25, p. 196 - 210, Jan. 2020.

Palavras-chave: Discurso. Ideologia. Corpo. Propaganda. Cerveja

PERFORMANCE E STREAMING: O PERCURSO BIOGRÁFICO TRANSGAMER DE WANESSA WOLF

Yohanna de Oliveira Enguer³
André Luis Mitidieri Pereira⁴

APRESENTAÇÃO

No presente trabalho, desejamos centralizar seus esforços na ampliação de conceitos acerca dos novos modelos de produção e consumo audiovisuais no cenário da *Convergência* dos meios de comunicação, ao que Jenkins (2015, p. 3) refere-se como fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação. Convergência, para o autor, é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. As questões de maior peso, para esta pesquisa, giram em torno do modo de se performar gênero nessa constante atualização tecnológica. A partir da busca por renovação na literatura sobre o tema, partindo dos conceitos iniciais propostos por Lévy (1999) sobre Cibercultura, propomos compreender o cenário midiático contemporâneo (Lemos; Lévy, 2023) como fundamental na análise de narrativas performáticas e como essas participam ativamente de debates culturais, especialmente em questões ligadas à diversidade e subjetividade.

Este projeto de pesquisa tem como objeto de estudo as narrativas de autoficção transviada transmitidas e performadas pela *streamer* Wanessa Ferreirasamir de Sousa, também conhecida como Wanessa Wolf, em seus canais na *Twitch*, *YouTube* e *Instagram*. O problema central que mobiliza esta investigação consiste em situar a performance trans *drag* (*Femme Drag*) de Wanessa Wolf, localizando sua produção audiovisual no contexto sociocultural ao qual ela se insere (Penner, 2018), bem como entender a dinâmica da criação narrativa de teor utoficcional (Fidêncio, 2019), proporcionada pelo ato de jogar, enquanto transmite a tela para uma audiência interativa, e performa uma personagem.

O interesse por essa temática emerge da crescente importância dos jogos digitais (Ruberg e Shaw, 2017; Ruberg, 2019; Ruberg, 2020) como forma de entretenimento, sociabilização e espaço de articulação cultural, além de seu potencial enquanto

³ yoenguer.ppgl@uesc.br

⁴ almpereira@uesc.br

plataformas de visibilidade para questões de desigualdade de raça e gênero e ressignificação de subjetividades transviadas. A pesquisa propõe, portanto, analisar a performance de Wanessa Wolf enquanto jogadora, trans, *drag* e *streamer*, observando os fenômenos narrativos que acontecem durante esse processo de transmissão, em torno de suas vivências. As problemáticas levantadas incluirão a maneira como o gênero e a sexualidade são performados no cenário *gamer*, trabalhando com questões da narrativa biográfica (Arfuch, 2010) da *streamer*, desenhando seu percurso performático de *drag queen*, antes, durante e após a transição de gênero.

O projeto se estrutura em uma análise interdisciplinar que dialoga com referenciais teóricos sobre Espaço Biográfico (Arfuch, 2010), autoficção (Fidêncio, 2019), performance e performatividade, além das dissidências sexuais e de gênero (Mitidieri; Camargo; Lima, 2020), (Preciado, 2017) e tecnocultura (Haraway, 2009). A pesquisa tensiona, pelas razões previamente abordadas, a intersecção entre estudos culturais, estudos transviados, estudos de jogos e de literatura e autoficção, reconhecendo a importância de abordar os jogos digitais não apenas como formas de entretenimento, mas como espaços significativos para legitimar lutas pela diversidade.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Situar a performance de Wanessa Wolf enquanto *gamer* e trans *drag*, explorando a dinâmica de sua produção audiovisual como parte narrativa de sua vivência.

Objetivos específicos

- Localizar a produção audiovisual da *streamer* no contexto sociocultural em que ela se insere;
- Explorar as dinâmicas da criação narrativa e performática de Wanessa como *drag*, observando como esse processo colaborou com sua transição de gênero;
- Desenhar os atos performáticos da *streamer*, delineando sua performance enquanto jogadora e trans *drag*, antes, durante e depois da transição.

JUSTIFICATIVAS

A justificativa desta pesquisa está pautada nas noções, constantemente revisitadas, sobre cibercultura, gênero, performance e games, com base em autoras/es como Maria de Lourdes Remenche (Montargil; Rohling, 2021), Sofia Santos (2021), Gilmar Montargil (2023), Ribamar José de Oliveira Junior (2019), André Lemos (Lévy, 2010) Francisco Rüdiger (2013) e Johan Huizinga (2000). Diante do contexto digital e cultural que envolve a jogabilidade dos jogos digitais, surge uma inquietação, que almeja preencher a lacuna entre os estudos de ludologia (*Game Studies*) (Ruberg e Shaw, 2017; Ruberg, 2019; Ruberg, 2020) e os Estudos Literários, principalmente quando se fala dos Estudos de Gênero e Sexualidade.

Sendo assim, a proposta deste trabalho pretende contestar, por meio dos estudos literários, em torno do Espaço Biográfico (Arfuch, 2010), abrindo uma brecha para os estudos sobre autoficção (Fidêncio, 2019), como se dá a performance da jogadora trans, *streamer* e *drag queen*, Wanessa Wolf, durante a jogabilidade transmitida nas múltiplas plataformas de *stream* utilizadas pela artista.

Para isso, é de fundamental importância que esta pesquisa pretenda ser um acréscimo aos estudos de ludologia/jogos e Gênero no Brasil, demonstrando seu potencial de colaboração à comunidade LGBTQIAPN+ presente nos jogos, bem como à afirmação dessa comunidade na cibercultura e em espaços acadêmicos. De tal modo, é de utilidade metodológica que esta pesquisa aperfeiçoe os instrumentos de análise discursivo-literárias das narrativas digitais, em especial, dos jogos.

APARATO TEÓRICO

Os jogos digitais têm ganhado espaço em múltiplas plataformas jogáveis desde os anos 1970. Com a ideia de ciberespaço, inicialmente proposta por Lévy (1999), e revisitada por autores como André Lemos (2010; 2013), Castells (2003) e Rüdiger (2013), é possível perceber a criação de comunidades digitais. Os processos interacionais que ocorrem no ciberespaço potencializaram o rompimento do distanciamento geográfico, permitindo que pessoas de diferentes lugares pudessem se reunir em grupos, formar laços, independente das questões que os distanciassem como nacionalidade, gênero e status (Remenche; Montargil; Rohling, 2021, p. 3).

No contexto dos games, e de suas subdivisões em categorias, uma delas é o RPG (abreviação de Role Playing Game ou jogo de interpretação de papéis), na qual o jogador possui um ou mais papéis para desempenhar as tarefas, avançar os níveis na narrativa do

jogo e completar as tarefas principais e secundárias, de acordo com o desenvolvimento da história. Apesar de não utilizar o conceito inicial dos RPG's de mesa, utilizaremos o conceito da interpretação de papéis como parte do processo de criação da narrativa autoficcional (Fidêncio, 2019). Para isso, o estudo feito por De Oliveira (Rocha, 2020, p. 115-116) contribui com a seguinte reflexão:

O RPG traz para o presente à arte ancestral de contar histórias; esse antigo ato de nos reunirmos frente ao fogo e utilizar a arte oral de narrativa dos antigos mitos ancestrais, as experiências dos antigos, valoriza a compreensão de nossas raízes culturais. Essa prática cria um vínculo com a identificação da própria identidade. (De Oliveira; Rocha, 2020, p. 115-116)

Nesse cenário, a indústria dos jogos tem evoluído rapidamente, em termos de tecnologias digitais, para melhoria da jogabilidade, narrativa, imagem, som, e tantos outros recursos fundamentais para o desenvolvimento dos jogos. Esse movimento crescente de evolução tem levado o videogame a transicionar gradualmente dos seus atributos exclusivamente comerciais, vindo a ganhar aspectos culturais (Zhongyi, 2024) de representação, literatura, cinema, fotografia, e suas variadas formas discursivas possíveis de fazer arte e discutir sociedade.

Partindo para uma visão crítica sobre pensar as questões de gênero e sexualidade nos jogos, a dominação sexual nos jogos digitais não nos oculta que continua a ser, sobretudo masculina cisheteronormativa e branca (Ribeiro; Valadares, 2018, p.842), assegurada e justificada como se fosse evidente que é a única forma possível e aceitável de ser um corpo que joga, compete, lucra e representa a sociedade no mundo virtual. Sobre essa dominação masculina, Bordieu exemplifica que “[...] a visão dominante da divisão sexual exprime-se nos discursos tais como os ditados, os provérbios, [...] ou nas representações gráficas tais como as decorações murais, os motivos das cerâmicas ou dos tecidos.” (Bordieu, 2017, p.137)

A partir desse processo, torna-se fundamental explorar os estudos de gênero e sexualidade nos jogos digitais. Para isso, traremos discussões teóricas diretamente dos *Queer Game Studies* (Ruberg e Shaw, 2017; Ruberg, 2019; Ruberg, 2020) – campo que vem ganhando espaço notório, criando uma intersecção dos estudos de gênero e sexualidade com o campo dos jogos digitais (a esfera *gamer*) e toda a bagagem política e econômica desse mercado em constante expansão.

O conceito de performatividade, introduzido na teoria queer por Judith Butler (2018), revela que o gênero e a sexualidade são fenômenos construídos por meio de atos

repetidos, que se tornam significativos para a performance. Inicialmente, focaremos nessa breve descrição para o contexto dos jogos digitais, visualizando como essas noções se entrelaçam com as mecânicas e a narrativa, oferecendo um espaço onde as subjetividades podem ser reinterpretadas ou reforçadas. Somado a isso, Donna Haraway (2009), em seu *Manifesto Ciborgue*, problematiza as fronteiras entre humano e máquina e sugere que as identidades no mundo contemporâneo são híbridas e moldadas pela tecnocultura. Sendo assim, faremos uso de tais ideias para aplicá-las ao campo de estudos no qual centralizaremos nossos esforços, de modo a entender que as manifestações performáticas de drag e *gamer* são parte de um campo no qual tecnologia, cultura e subjetividade se sobrepõem de maneira complexa.

Mobilizando esses conceitos, objetivamos estudar a *stream* produzida no mercado digital. O texto de Remenche (Montargil; Rohling, 2021) resume algumas das ideias defendidas sobre a *stream* (ou *gamestreaming*), a qual se configura como uma “[...] transmissão ao vivo de jogos que permite a interação entre *streamers*, jogos e espectadores que assistem on-line – podendo ser utilizada não só para jogos, mas para qualquer outro fim” (Remenche; Montargil; Rohling, 2021, p. 6). Nesse sentido, as/os autoras/es exploram como o streaming, como um conceito amplo de transmissão e compartilhamento de vídeos *on demand*

[...] foi apropriado pela esfera *gamer*: a transmissão é denominada de *stream*; *streamer* é o *player* e/ou profissional que faz a transmissão e, *streamar*, é o verbo, passível de conjugação, que estrutura todas as ações desses *streamers* (exemplos: hoje vou ‘*streamar*’; estou ‘*streamando*’ tal jogo; mês passado ‘*streamei*’ tantas horas) (Remenche; Montargil; Rohling, 2021, p. 7) (grifos do autor)

Para tanto, compreendemos, de acordo com o pensamento elaborado pelas/os autoras/es, que a *stream* pode ser trabalhada como uma prática discursiva, já que sua configuração de texto audiovisual é composta por dois quadros. Em primeiro plano, visualizamos a *gameplay* e, sobreposto, o segundo, no qual o *streamer* poderá não apenas jogar, mas além disso, interagir com seu público nos *chats*, pedir doações em dinheiro, e todos os outros recursos interativos que a plataforma disponibilizar (Remenche; Montargil; Rohling, 2021, p. 7).

É desse modo que partiremos para as análises dos cortes das *lives* feitas por Wanessa Wolf, apresentadora e *streamer*, como ela se define. Utilizaremos alguns trechos das *lives* de Wanessa transmitidas pela plataforma *Twitch*, a qual abarca, atualmente, 142,8 mil seguidores que a acompanham. Wanessa iniciou seu trabalho como *streamer* na plataforma *Facebook Gaming*, performando sua personagem *drag*

queen Wanessa Wolf. Em uma entrevista concedida ao canal Terra Brasil, no YouTube, publicado dia 30 de maio de 2024, Wanessa conta sobre seu processo de autodescoberta:

[...] eu sempre fiquei em dúvida, em relação a mim mesma. Eu não sabia se eu era trans ou se eu era uma drag queen. [...] naquela época, eu ficava sempre me questionando em relação a isso, e aí eu fui buscando [...] lá na minha infância. [...] Porque, na minha infância, eu me via como mulher. Reprodução do trecho do vídeo do YouTube (Wolf, 2024, Terra Brasil)

Para tanto, nossa proposta deseja situar a performance de Wanessa enquanto jogadora trans e *drag*, de modo que, traçando seu percurso performático, possamos perceber como esse processo culminou na transição de gênero da *streamer*, destacando as nuances intrínsecas às suas vivências, sendo elas relacionadas ao ato de jogar, *streamar* e interagir. Tudo isso categoriza a transmissão de Wanessa como uma narrativa biográfica (Arfuch, 2010) de tons ficcionais, visto que jogo, vida, personagem e público entram em contato de modo particular dado o proposto pelas mídias digitais. Nesse caminho, literatura, arte, cultura, sociedade e comunidade tornam-se parte de um processo discursivo que implica revisitar e questionar alguns conceitos como os que abordaremos nesta pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota a metodologia da análise de conteúdo (Bardin, 1977), sendo de caráter qualitativo, de fundo bibliográfico. Para tanto, não faremos uso de elementos estatísticos para análise dos dados, exigindo assim, um intenso estudo do objeto, revelando tanto os significados óbvios quanto aqueles subentendidos.

Inicialmente, serão selecionadas mídias referentes aos cortes das *lives* transmitidas por Wanessa Wolf, em seu canal na plataforma *Twitch*, bem como as republicações feitas no canal oficial da *streamer* pelo YouTube. Após essa seleção, as mídias serão utilizadas com o intuito de apresentar de que maneira a performance de Wanessa Wolf como jogadora e *drag* colaborou com seu processo de autodescoberta como mulher trans. Os textos e imagens que serão analisados vão representar a própria voz de Wanessa, ao falar sobre si, bem como os comentários de sua audiência interagindo durante a transmissão, o que nos auxiliará a visualizar a performance da *streamer* em ação durante o jogo. Para esse estudo, utilizaremos a técnica “Análise de conteúdo”, de Laurence Bardin (1977), a qual nos oferece uma metodologia estruturada para análises de dados.

Quanto aos procedimentos técnicos adotados, este trabalho centra-se na pesquisa

qualitativa, de fundo bibliográfico, com destaque para textos de Pierre Lévy (1999), André Lemos (Lévy, 2023) Castells (2003) e Dick Hebdige (2002), para conceituar o ciberespaço e a subcultura; para Leonor Arfuch (2010; 2018) e Luana Marques Fidêncio (2019), para abrir as discussões sobre espaço biográfico e autoficção; para Mitidieri; Camargo; Lima (2020), a fim de conectar e elucidar as configurações homoeróticas; Johan Huizinga (2000) compõe a base teórica desta pesquisa a fim de expandi-la aos horizontes da ludologia; Paul B. Preciado (2017) Judith Butler (2018; 2020), Donna Haraway (2009), Eve Sedgwick (2007), Trevisan (2018) sobre gênero, sexualidade, diversidade e performance.

A revisão bibliográfica inicial sobre resultados de pesquisas referentes a: performance, *streaming*, *games*, LGBTQIAP+; que sejam mais aproximadas aos objetos e objetivos aqui propostos incluirão, entre outros: Maria de Lourdes Remenche (Montargil; Rohling, 2021), Sofia Santos (2021), Gilmar Montargil (2023), Ribamar José de Oliveira Junior (2019), Xiao Zhongyi (2024) e Lucas Marques dos Santos (2021). Destacamos ainda a importância e relevância do trabalho de Shaw (Friesem, 2016) para os estudos de jogos *Queer*, na criação de um arquivo digital público que cataloga 500 exemplos de conteúdo queer em jogos, datados de 1985 a 2016.

DISCUSSÃO

Por meio da investigação feita nesta pesquisa, esperamos contribuir para a compreensão das dinâmicas do Espaço Biográfico e performance transviada, na perspectiva dos estudos de jogos queer/transviados, destacando a proposta na construção de narrativas alternativas que questionam e subvertem as normas culturais. Tudo isso categoriza a transmissão de Wanessa Wolf como uma narrativa biográfica (Arfuch, 2010) com tons ficcionais, visto que jogo, vida, personagem e público, são entrelaçados na dinâmica da *stream*. Sendo assim, esperamos alcançar a ideia de que textualidade da *stream*, em particular, a de Wanessa Wolf, é configurada não apenas para a transmissão da *gameplay*, mas serve de importante mediador simbólico para a comunidade LGBTQIAP+, reforçando os laços de comunidade e pertencimento com seu público, além de romper com o viés normativo de interdição aos corpos transviados, segundo as propostas e teorias defendidas pelos textos estudados.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. Em torno da autobiografia. O espaço biográfico contem-porâneo. Espaço biográfico e gêneros discursivos. Sujeitos e subjetividades. A vida como narração. In: ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 35-82; p; 111-142.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.

BOURDIEU, P. F. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20(2), 2017. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71724>.

BRASIL, Terra. "Eu não sabia se era trans ou drag", disse Wanessa sobre seu gênero. **YouTube**, 30 mai 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j0u-36pfSwc>.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

_____. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DA SILVA SANTOS, Sofia Ferreira Lopes. **Commute: Como Usar o Ativismo Feminista e o Gaming Numa Reflexão Sobre Percursos Possíveis?** 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal).

DE OLIVEIRA, Arthur Barbosa; ROCHA, José Damião Trindade. Reflexões acerca do roleplaying game (rpg) na educação. **Multidebates**, v. 4, n. 2, p. 114-124, 2020.

DE OLIVEIRA, Ribamar José de José et al. O empalhamento da performance: a drag queen como cobaia mainstream do parque farmacopornográfico. **Rebeh-Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 01, p. 190-214, 2019.

FIDÊNCIO, Luana Marques. Autoficção como um procedimento literário na literatura de César Aira. **Pós-Limiar| Título não-corrente**, v. 2, n. 2, p. 153-163, 2019.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, ed. 1, 2009.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Aleph, 2015.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Editora Sulina, 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; LIMA, Marcus Antonio Assis. Das configurações homoeróticas às (re)configurações transviadas. In: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (Orgs.). **Revisões do cânone**: estudos literários e teorias contra-hegemônicas. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 293-316. Livro digital – EPUB.

MONTARGIL, Gilmar da Silva. **Loopando e barbarizando com streamers queers**: precarização do trabalho, audiovisualidade tecnogendrada e hackeamentos do corpo-mídia. 2023.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; MONTARGIL, Gilmar; ROHLING, Nívea. Upando com meninas empoderadas: identidades mobilizadas em práticas discursivas nas streams de Samira Close. **Revista Contracampo**, v. 40, n. 2, 2021.

RUBERG, Bonnie. Introduction: Reimagining the Medium of Video Games. In: RUBERG, Bonnie (Ed.). **The Queer Games Avant-Garde**: How LGBTQ Game Makers Are Reimagining the Medium of Video Games. Durham: Duke University Press Books, 2020. p. 1-29.

RUBERG, Bonnie. **Video Games Have Always Been Queer**. New York: NYU Press, 2019.

RUBERG, Bonnie; SHAW, Adrienne. Introduction: Imagining Queer Game Studies. In: RUBERG, Bonnie; SHAW, Adrienne (Eds.). **Queer Game Studies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Sulina, 2013.

SANTOS, Lucas Marques dos. **Jogos digitais e autorrepresentação**: a construção de sentidos nos videogames com elementos autobiográficos. 2021.

ZHONGYI, Xiao. A Study on The Self-identity in Role-playing Games-Focused on Lacan's Psychoanalysis. **The Journal of the Convergence on Culture Technology**, v. 10, n. 3, p. 475-487, 2024.

Palavras-chave: Streaming. Performance. Estudos de Gênero. Gameplay. Espaço Biográfico